



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

JOEL JOAQUIM DA SILVA FIGUEIRAS

**De “criatura” a “irmão”: a fraternidade cristã
como processo antropológico numa cultura
secularizada**

Contributo para a unidade letiva “A partilha do pão” do 6º
ano do programa de Educação Moral e Religiosa Católica

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Professora Doutora Maria Isabel Pereira Varanda**

Braga

2020

Sonhemos como uma única Humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma Terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.

Papa Francisco

AGRADECIMENTOS

Quando termina uma etapa, surge a necessidade de olhar para trás na perspectiva de dar sentido ao caminho feito, e colocar palavras à experiência vivida. Com efeito, este trabalho revela-se com um exercício de memória agradecida, por tantos momentos e pessoas que me foram acompanhando ao longo deste tempo.

Em primeiro lugar, devo um enorme agradecimento à Doutora Isabel Varanda, pela sua persistência e resiliência constante, ao acompanhar a construção deste relatório. A ela devo a desconstrução de alguns preconceitos que permitiram ver com mais profundidade a temática em questão e as repercussões educativas. A ela devo, também, a sugestão, correção e comentário do meu trabalho, que crítica e responsabilmente me ajudou a crescer.

Em segundo lugar, o meu agradecimento estende-se à professora Maria José Dias, Professora-cooperante. Ela que foi companheira de sala de aula e que, com a sua perspicácia e carinho, soube corrigir fraternalmente as falhas e suscitar o melhor de mim. Não tenho dúvidas de que a Escola Dr. Francisco Sanches tem uma excelente professora de Educação Moral e Religiosa Católica.

Quero agradecer, também, ao meu núcleo de estágio. A partilha de experiências, o acompanhamento que sempre oferecemos uns aos outros, foi uma mais valia para a lecionação das minhas aulas. Poder aprender com outros é sempre uma graça.

Por último, quero agradecer à minha comunidade e ao Colégio La Salle. É evidente que este trabalho não veria a luz se não existisse da parte da minha comunidade e do Colégio uma compreensão e acompanhamento contínuo da experiência pela qual estava a passar. A eles devo a paciência nos momentos mais duros, a compreensão nas faltas dadas, e, sobretudo, o encorajamento para que esta etapa terminasse da melhor forma.

A todos os que acompanharam e fizeram esta viagem comigo, o meu muito obrigado!

RESUMO

A educação para a fraternidade é um processo no qual cada ser humano se descobre criatura, para depois saber-se filho (pois o Criador é Pai) e, por fim, reconhecer-se irmão. Esta descoberta processual vive-se em espiral, resgatando e recuperando dimensões anteriores, dando-lhes maior profundidade e significado. Na sociedade atual, onde tudo se vive na dimensão linear, progressista, ainda que líquida e inconsistente, faz sentido uma proposta assim? A educação, no que concerne à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, encontra na fraternidade a sua fonte e finalidade. Numa perspectiva de educação integral, a dimensão cognitiva dos conhecimentos não poderá desvincular-se nunca das capacidades e das atitudes. Com efeito, é necessário educar para a fraternidade, não só na sua essência teórica, mas também na sua ética e praxis. Este relatório descreve o processo de aplicação desta certeza fundante: a fraternidade precisa ser educada, rompendo preconceitos e estigmas.

Palavras-chave: fraternidade; fraternidade cristã; processo antropológico; irmão/ã; Educação para a fraternidade; experiência fraterna; EMRC

ABSTRACT

Fraternity education is a process through which each human being recognizes himself as a creature, later as a son (as God is the creator) and, finally, as a brother. This processual discovery is lived in spiral, rescuing and recovering previous dimensions, giving them greater deepness and meaning. In today's society, where everything is lived in a linear and progressist, even if liquid and inconsistent dimension, does this kind of proposal make sense? Education, concerning the school subject "Moral and Catholic Religious Education", finds in fraternity its source and purpose. In an integral education perspective, the knowledge cognitive dimension could never be separated from capacities and attitudes. In fact, education for fraternity is essential, not only in its theoretical essence, but also in its ethics and praxis. This review explains the application process of this certainty: fraternity needs to be educated, breaking prejudices and stigmas.

Key-words: fraternity; Christian fraternity; anthropologic process; brotherhood; Fraternity Education; Fraternal experience; EMRC

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – FRATERNIDADE EM MODO DE PROCESSO.....	10
1. Terminologia e significado.....	10
2. Ser criatura: uma descoberta.....	12
2.1. <i>Ser criatura «à imagem de Deus», no Antigo Testamento.....</i>	<i>13</i>
2.2. <i>Ser criatura «à imagem de Cristo», no Novo Testamento.....</i>	<i>19</i>
3. Ser filho: o Deus «Abbá».....	24
4. Reconhecer-se irmão: a consequência.....	27
4.1. <i>Jesus e a fraternidade.....</i>	<i>28</i>
4.2. <i>Reflexão teológica.....</i>	<i>31</i>
CAPÍTULO II – DESFAZER-SE DE DEUS?.....	38
1. Secularização: de que estamos a falar?.....	38
2. A laicidade dentro da comunidade cristã.....	39
3. Atualmente, o que estamos a viver?.....	41
4. O peregrino e o convertido: dois paradigmas da vivência religiosa atual.....	44
5. A Exortação Apostólica <i>Ecclesia in Europa</i>: visão do Magistério eclesial.....	49
CAPÍTULO III - CAPÍTULO III: QUANDO A FRATERNIDADE CRISTÃ E A SECULARIZAÇÃO SE ABRAÇAM.....	54
1. As Bem-aventuranças: ponto de encontro.....	56
2. Os Direitos Humanos, princípio de relação.....	62

3. <i>A fraternidade humana em prol da paz mundial</i> <i>e da convivência comum</i>	65
4. <i>Fratelli tutti, um convite para a construção</i> <i>do horizonte comum</i>	70
CAPÍTULO IV: CONTEXTUALIZAÇÃO, PLANIFICAÇÃO E	
LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “A PARTILHA DO PÃO”.....	
1. A Fraternidade e o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória	79
2. O contexto: a Escola e a Turma	83
2.1. <i>O Agrupamento de Escolas Francisco Sanches</i>	83
2.2 <i>A turma do 6º 1</i>	84
3. A planificação e lecionação	84
3.1. <i>A planificação da Unidade Letiva “A partilha do pão”</i>	84
3.2. <i>As aulas</i>	85
4. A Prática de Ensino Supervisionada num contexto de Ensino à Distância	100
5. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada	102
CONCLUSÃO	104
BIBLIOGRAFIA.....	107
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

Ninguém negará que vivemos numa sociedade onde a secularização tem ganho terreno. Mas tem ganho terreno a quê? Ou a quem? De que forma? Esta perda de influência é uma desvantagem? E a fraternidade cristã: é vigente hoje em dia? Faz sentido como proposta que dê significado às relações? Como se entende a si própria? Estaremos num momento propício para o seu contágio?

Estas e outras perguntas têm sido levantadas por intelectuais e pensadores, mas também pela gente simples que vive quotidianamente sem dedicar-se a refletir ou escrever sobre o assunto. É possível que os maiores filósofos e sociólogos se debrucem sobre este assunto de uma maneira mais erudita, no entanto, é uma realidade que abrange toda as pessoas, pois toca no mais profundo das relações humanas. Sem relação, a humanidade escasseia.

Neste campo das relações humanas, que papel desempenha a fraternidade cristã? Como utopia? Como proposta de caminho, ainda que por *vales escuros*? Ao elaborar este relatório deparava-me com uma dúvida que me foi acompanhando: como se vive a fraternidade cristã num mundo onde o cristianismo perde força? Parece ser que aquilo que se apelida como cristão perde influência, está ultrapassado, relegado para a esfera privada, ou simplesmente esquecido. Então, como suscitar a consciência da fraternidade cristã onde a religião conta pouco ou nada? É aqui que creio estar o cerne da questão: ainda que a religião pouco conte na sua dimensão social – e isto não tem apenas aspetos negativos – oferece uma experiência profunda de vinculação entre os seres humanos, sem necessidade de promoção verbal constante de que Jesus é o Senhor e Deus é Pai. Ou seja, fraternas são as relações, não os discursos.

Nesta tentativa de articular a vivência atual da sociedade na qual estamos imersos com a fraternidade cristã, que creio sempre atualizada, nasceu este relatório.

O primeiro capítulo incidirá na exploração do termo fraternidade cristã – pois não falamos de qualquer tipo de fraternidade, procurando oferecer esta vivência em forma de processo: de criatura a irmão. Creio ser este o trajeto que importa realizar: descobrir-se criatura e, por isso, oriunda de um Criador; saber-se filho, pois o Criador é Pai; reconhecer-se irmão, pois Deus é Pai e Filho, e nós *filhos no Filho*. Este caminho, que não se faz sem

retrocessos, não é uma estrada sem sobressaltos, mas uma descoberta em espiral: vai-se aprofundando a cada passo, dando sentido ao vivido anteriormente. Podemos dizer que este é o capítulo mais consistente, no sentido de que coloca as bases daquilo que depois propomos. Se propomos a vivência da fraternidade cristã, primeiro temos de saber o que entendemos por tal.

O segundo capítulo oferece um olhar crítico à sociedade atual. Não pretende, e assim o exponho, abranger todas as dimensões da secularização. Pretende, somente, apresentar alguns sintomas da sociedade existente, à luz de alguns pensadores que nos ajudam a abrir o horizonte. A primeira parte do capítulo oferece a definição que utilizamos de *secularização*, para depois incidir no termo *laicidade*, dentro da própria comunidade cristã. “*Atualmente, que estamos a viver?*” é o ponto três de um capítulo que se quer explicativo, descritivo e sucinto. Servimo-nos da obra *O Peregrino e o convertido* para realçar a vivência atual da religião, onde cada um elabora a sua própria receita pessoal, procurando os ingredientes que mais lhe agrada. Neste contexto, também a visão da Igreja se torna relevante, sobretudo no contexto europeu, realidade na qual nos encontramos. Dela nos servimos para denunciar algum abuso realizado, mas também anunciar a esperança de tempos mais autênticos na procura de Deus.

O terceiro capítulo insere-se numa lógica de encontro de caminhos. Procura, por um lado, conciliar a fraternidade cristã com a vivência atual da sociedade, e por outro, oferecer uma panorâmica mais abrangente da experiência cristã, não se remetendo à sacramentalização. Com efeito, procura partir de uma antropologia reconhecida por todos como sã, da vinculação da qual não conseguimos escapar: todos somos pessoas. Depois de assentar a base antropológica, oferecemos quatro caminhos que, cremos, vão de encontro ao objetivo do trabalho: as bem-aventuranças como vivência do ser cristão; os direitos humanos como princípio de relação, ainda que estes não possuam alusão explícita ao Evangelho; o documento que o Papa Francisco e o Grão Imame assinaram em Abu Dabhi, e que resgata o papel sublime das religiões na construção da fraternidade; e *Fratelli tutti*, a Carta Encíclica escrita pelo líder da Igreja Católica, e que pretende ser um tratado sobre a fraternidade e a amizade social.

O quarto e último capítulo destina-se, na sua totalidade, à Prática de Ensino Supervisionada. Procuramos, numa primeira fase, relacionar a fraternidade com um documento muito importante sobre a educação em Portugal: o Perfil dos Alunos à Saída da

Escolaridade Obrigatória. Partindo desta realidade documental, procuramos entrelaçar a vivência da fraternidade como eixo vertebral de todas as aprendizagens que deve o aluno realizar ao longo de 12 anos de escolaridade. Nesse sentido, creio ser de uma atualidade impressionante a vivência da fraternidade, pois insere-se, totalmente, no perfil que se pretende que os alunos adquiram, no tempo que dedicam à construção do seu percurso académico. A segunda parte do capítulo debruça-se na prática pedagógica, propriamente dita. Começa por apresentar o contexto da lecionação, para depois incidir na planificação, descrição e avaliação das aulas dadas e, por fim, realizar uma avaliação global da Prática de Ensino Supervisionada.

Este é um trabalho consistente e bem-estruturado que pretende dar resposta a uma proposta: viver a fraternidade cristã como processo de descoberta. Diante desta proposta encontra-se sempre a liberdade de uma resposta positiva ou negativa. Num contexto de ensino de Educação Moral e Religiosa Católica a proposta nunca pode faltar. Mas com uma salvaguarda: sempre como proposta, nunca como imposta. Só há resposta livre se há proposta.

CAPÍTULO I: FRATERNIDADE EM MODO DE PROCESSO

Este capítulo apresenta-se como o pórtico de entrada para aquilo que pretendemos oferecer: a fraternidade cristã vive de um processo. A fraternidade cristã, vivida deste a raiz antropológica, necessita a explicitação de um itinerário. Reconhecer-se ‘irmão em Cristo’ necessita o reconhecimento da realidade criatural de cada ser humano, para, contemplando Jesus, consentir a presença de um Deus Abbá, que nos convida a viver como família irmanada em Jesus Cristo. É esse processo antropológico vital que este capítulo pretende fundamentar e aprofundar.

1. Terminologia e significado

A palavra fraternidade deriva da palavra ‘frater’ que, oriunda do latim, significa ‘irmão’.

Um primeiro olhar ao significado da palavra «fraternidade» faz-nos captar algum do seu sentido: parentesco existente entre dois ou mais irmãos; convívio carinhoso entre irmãos; do mesmo significado de irmandade.¹

Se formos diretamente ao Dicionário de Língua Portuguesa, apercebemo-nos que o significado começa a ganhar mais matizes: “parentesco entre irmãos; amor ao próximo; harmonia”². Poderíamos afirmar que o primeiro significado que aparece seria aquele ao qual o nosso inconsciente coletivo se refere. No entanto, que se esconde atrás da palavra «irmão»?

Outra pergunta pertinente: podemos falar de uma “relação entre irmãos” que não esteja selada pelo parentesco? Ou “ser irmão” acarreta, necessariamente, o vínculo sanguíneo?

Neste sentido, o Dicionário de Espiritualidade (já nos encontramos dentro do marco cristão) oferece-nos uma descrição mais rica: “O vocábulo fraternidade é a meta de um processo cultural de abstração que parte da concretização do termo ‘irmão’. O conceito abstrato de fraternidade é posterior ao nome concreto de irmão. Ambos termos contém uma intenção: aludir a uma realidade. ‘Irmão’ significaria uma entidade pessoal, ou seja, aquele

¹ Acedido 13 de março de 2020, <https://www.lexico.pt/fraternidade/>.

² *Dicionário da Língua Portuguesa* (Lisboa: Editorial Notícias, sem data), 582.

que possui determinadas características individualizadas pela experiência e pela elaboração cultural na ‘fraternidade’. Irmão é uma pessoa: fraternidade é uma prerrogativa.”³

O dicionário bíblico oferece-nos uma concretização: “a palavra ‘irmão’ significa, em primeiro lugar, os filhos do mesmo pai (cf. Gn 24,29), e da mesma ou de outra mãe (cf. Gn 20,5); em sentido mais largo os parentes próximos, amigos, vizinhos ou correligionários (...) Jesus chama ‘irmão’ a todos aqueles que fazem a vontade do seu Pai (cf. Mc 3,35), seus discípulos e apóstolos (cf. Jo 20,17) e os que foram remidos por Ele (Heb 2,11).”⁴

O dicionário teológico aprofunda ainda mais o tema da relação com Jesus, fonte de toda fraternidade. Define a fraternidade como sinónimo de *agapé*, segundo a tradição neotestamentária, indicando que é variada a terminologia referida ao amor cristão. Esclarece-nos da seguinte maneira: “«Irmãos» são todos os discípulos de Jesus. Por onde Jesus passa, deixa seguidores que, com as suas famílias, aguardam o Reino de Deus e o acolhem a Ele e aos seus mensageiros.”⁵ Poderíamos dizer que «irmão» é aquele que forma uma única realidade com Jesus através do acolhimento da sua palavra (cf. Mt 12,46-50; Lc 8,19-21). Na tradição joanina, é sinónimo de amor.

Continua o dicionário, oferecendo uma explicação mais detalhada do termo: “A unidade entre os membros da fraternidade só se alcança se cada um está unido a Deus e, por meio d’Ele, a todos os outros irmãos.”⁶ Seguindo a tradição joanina, torna-se imperativo afirmar que se alguém ama a Deus de verdade, ama também o seu próximo (cf. 1 Jo 4,16-21).

Entramos, de maneira inequívoca, no centro da vida cristã: o amor a Deus e ao próximo,⁷ que Jesus conjugou no mesmo mandamento de amor como uma ponte (cf. Mt 22,37-39). Os dois mandamentos que se encontravam separados no livro do Deuteronómio (cf. Dt 6,4-5) e no livro do Levítico (cf. Lv 19,18), Jesus juntou-os, resumindo o decálogo.

³ *Nuevo Diccionario de Espiritualidad* (Madrid: Paulinas Editora, 1983), 567.

⁴ Adrianus Van der Born, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971), 738.

⁵ Cf. *Diccionario Teológico Enciclopédico* (Navarra: Editorial Verbo Divino, 1995), 407.

⁶ *Ibidem*. 408.

⁷ Cf. Paul Ricoeur, *Amor e justiça*. (Lisboa: Edições 70, 2019), 18. É muito interessante a reflexão realizada por Paul Ricoeur sobre este mandamento de Jesus, no livro anteriormente referido.

2. Ser «criatura»: uma descoberta

“O eu humano situa-se na fraternidade: o facto de todos os homens⁸ serem irmãos não se acrescenta ao homem como uma conquista moral, mas constitui a sua ipseidade.”⁹

Esta frase do judeu Emmanuel Lévinas ajuda-nos a mergulhar na fraternidade. Esta frase não nos diz que a fraternidade se possa alcançar com as nossas forças e trabalhos,¹⁰ mas que constitui a própria do que é ser humanidade. Ser humano é ser fraterno.

Esta ideia já nos vem contada, sobre a forma de mito, na Sagrada Escritura.

Nos dois relatos narrados no Livro do Génesis (capítulos 1 e 2), torna-se evidente um selo categórico que marca toda a História da Salvação: Deus é o Criador do Universo e o ser humano é imagem de Deus. Uma leitura atenta aos relatos do Génesis introduz-nos numa audaz, e sempre parcial, tentativa de responder às perguntas: “quem é Deus?”; “quem é o ser humano?” e “que relação existe entre os dois?”.

A resposta que oferecermos a estas três perguntas constituirão o marco teológico e antropológico do nosso contributo académico. Ainda não estamos preparados para oferecer uma resposta com ponto final. Se estas perguntas têm acompanhado a reflexão da humanidade ao longo dos séculos (e inauguram a literatura bíblica, como questões de fundo), seria demasiada soberba da nossa parte tentar oferecer uma resposta conclusiva. É momento, como nos recorda o Cardeal Tolentino Mendonça, de habitar a pergunta.¹¹ Vamos, então, sustê-las durante a nossa investigação.

Esta relação, entre o Criador e criatura,¹² constitui a vocação de comunhão do ser humano e dota-o de uma dignidade absoluta. A sua dignidade não provém do trabalho realizado, dos feitos alcançados nem, por mais necessária que seja, da sua capacidade de

⁸ O termo “homem” designa, evidentemente, a humanidade. Neste sentido, e para não adular a citação literal, mantive a transcrição. No entanto, sou consciente de que encerra uma linguagem redutora. Procuraremos, ao longo do nosso trabalho, utilizar as palavras “humanidade”, “ser humano”, etc., oferecendo uma perspectiva mais inclusiva. Em alguns momentos, para designar o mesmo conteúdo semântico, utilizaremos a palavra “Homem”.

⁹ Emmanuel Lévinas, *Totalidade e infinito* (Lisboa: Edições 70, 2008), 278.

¹⁰ A Carta Encíclica *Caritas in Veritate* reitera esta realidade: “Esta fraternidade poderá um dia ser obtida pelos homens simplesmente com as suas forças? A sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos. A razão, por si só, é capaz de ver a igualdade entre os homens e estabelecer uma convivência cívica entre eles, mas não consegue fundar a fraternidade. Esta tem origem numa vocação transcendente de Deus Pai, que nos amou primeiro, ensinando-nos por meio do Filho o que é a caridade fraterna.” Cf. Bento XVI, *Carta Encíclica Caritas in veritate*, 2009, n.19.

¹¹ Cf. José Tolentino Mendonça, *O pequeno caminho das grandes perguntas*, 7ª (Lisboa: Quetzal Editores, 2017), 16.

¹² Cf. Bento XVI, *Carta Encíclica Caritas in veritate*, n. 78.

decisão acerca do bem e do mal. É evidente na Escritura: a sua dignidade é-lhe dada pela sua relação com Deus. É o facto de ser sua Imagem que lhe confere um inviolável e infinito valor. Diz-nos Francesc Torralba:

“A pessoa é a janela de acesso a Deus, o ser que transparenta de modo mais diáfano possível a majestade de Deus. Crer em Deus é entrever Deus em todos os seres do mundo, mas especialmente no ser humano. Isto têm enormes consequências na vida prática, social, política e económica.”¹³

Nos relatos bíblicos da Criação começa a desenhar-se o edifício antropológico humano. Os alicerces são: a relação com Deus, a relação com os outros e a relação com a terra.¹⁴ Poderíamos dizer que o ser humano é, então, um tecido de relações à procura de identidade.¹⁵

2.1. Ser criatura «à imagem de Deus», no Antigo Testamento

No relato sacerdotal da origem do mundo (Gn 1), Deus cria o Homem ao sexto dia, junto com os animais (cf. Gn 1,26-31). No entanto, ao contemplar a obra das suas mãos, Deus viu que “era muito bom”. Enquanto para as restantes criaturas, a Sagrada Escritura repete “e viu Deus que era bom”, quando cria a Humanidade (na sua reciprocidade) revela a sua predileção por esta criatura criada. O ser humano não se deu a si próprio a vida.¹⁶

Chama à atenção que Criação de Deus é realizada *ex nihilo*. Ou seja, a partir do nada. O Deus que aparece na narrativa de Gn 1 é um Deus que cria sem motivo, sem razão aparente e sem necessidade. Ou seja, cria porque, simplesmente, ama. Deus cria livremente e, simplesmente, pela Palavra.¹⁷ A liberdade do ato de criar salvaguarda a vontade amorosa de

¹³ Francesc Torralba, *Y, a pesar de todo, creer* (Madrid: Editorial PPC, 2018), 35.

¹⁴ A Encíclica *Laudato Si'* fala desta tripla relação, no seu número 66: “As narrações do livro do Génesis contêm, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e a sua realidade histórica. Estas narrações sugerem que a existência humana se baseia em três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra. Segundo a Bíblia, estas três relações vitais romperam-se não só exteriormente, mas também dentro de nós.” Papa Francisco, *Louvado sejas. Carta Encíclica Laudato Si'* (Braga: Editorial A.O, 2015).

¹⁵ Cf. Javier Melloni, *Sed de ser* (Barcelona: Herder Editorial, 2013), 41-44.

¹⁶ “E também não fomos nós que nos demos a vida. Com efeito, por muito grande que seja a nossa vontade; por muito grande que seja a nossa capacidade técnica; por muito grandes que sejam a nossa sabedoria e ciência, somos sempre devedores. Não fomos nós que nos criamos. Não fomos nós que decidimos existir. Fomos colocados na vida.” Cf. Nuno Brás, *Cenas de Deus. Retratos e coisas da vida*. (Cascais: Príncipia Editora, 2018), 85.

¹⁷ Neste sentido, diz-nos Enzo Bianchi: “A particularidade da fé hebraica e também da cristã é a centralidade do Deus que fala, porque é Palavra. Quando disse: “Luz!”, Deus criou o mundo. «No princípio era a Palavra»

Deus. A constituição dogmática *Dei Filius*¹⁸ utiliza a expressão «*libérrimo consilio*» para designar a vontade de Deus em criar. Como consequência desta criação sem condicionamentos por parte de Deus, temos que dizer que esta doutrina rejeita o criacionismo.¹⁹ Daqui não podemos retirar que Deus se desentende da sua obra criadora,²⁰ mas mantém-na na existência, conferindo-lhe o ser permanentemente. Deus não fabrica, cria. Se Deus não fosse criador, mas fabricante, teríamos várias razões para censurar a sua obra. Se Deus fosse o relojoeiro que Voltaire imaginava, podíamos acusar Deus de alguma falha na construção do relógio, visto o mundo em que vivemos.²¹

É neste contexto que faz mais sentido que falemos de Providência, desse olhar “maternal de Deus, que cuida das suas criaturas”. É a relação permanente de Deus com a realidade criada (e com o ser humano em particular) que lhe confere autoridade e valor. A criação deve ser lida em modo dialogal, porque a forma de ser de Deus impele-o a sair de si mesmo para se comunicar, dando-se e doando-se. Neste processo de autodoação de Deus, o ser humano ocupa um posto primordial, porque é “sua imagem” (Gn 1,26). Neste sentido, “ser imagem” não significa igual à original (como uma fotografia estática), mas ser pensado, imageado e “participante” da vida divina, com uma imediatez da qual não gozam as outras criaturas.

Parte daqui a antropologia judaico-cristã para justificar a bondade da condição humana, ainda que marcada pela concupiscência. É evidente, então, uma escolha, uma eleição de entre as criaturas criadas: o ser humano não é igual aos outros seres.

Neste sentido, o Cardeal José Tolentino Mendonça diz-nos que:

“a linguagem do poema do Génesis torna-se repentinamente mais solene quando fala do ser humano. Em vez do «Faça-se», Deus disse «Façamos...», recorrendo a um plural misterioso. «Façamos o ser humano à nossa imagem

(Jo 1, 1), afirma o quarto Evangelho. E perante o Deus que fala, que é Palavra, a criatura humana é chamada a ser escuta. Poderíamos parafrasear com audácia o prólogo do Evangelho de São João dizendo: no princípio existia a escuta e ela era o homem... O rudimento de homem aprende a escutar bem antes de falar e é escutando que aprende a linguagem. Existir é escutar. E a escuta puramente passiva pode tornar-se, se exercida com atenção, uma atividade que envolve a pessoa inteira. Escutar verdadeiramente é existir para o Outro.” Enzo Bianchi, *Abre o teu coração. A escuta*. (Lisboa: Paulus Editora, 2013), 13.

¹⁸ “Dei Filius” é uma Constituição Dogmática do Concílio Vaticano I, acerca da Revelação divina. Acedido 13 de março de 2020, http://www.vatican.va/archive/hist_councils/i-vatican-council/documents/vat-i_const_18700424_dei-filius_it.html.

¹⁹ O criacionismo defende uma leitura literal dos relatos bíblicos sobre a Criação, menosprezando o contributo das várias ciências e géneros literários na construção do pensamento e explicação bíblicas. Acedido 14 de março de 2020, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/criacionismo>.

²⁰ Como afirmam algumas teorias, nomeadamente a do *Deus relojoeiro*, na qual Deus teria colocado o mundo em funcionamento e se teria desentendido da sua obra criadora, não intervindo no seu devir.

²¹ Cf. François Varillon, *A alegria de crer e de viver. Temas fundamentais da fé cristã*, 2ª (Editorial A.O, 2013), 225.

e semelhança...» (Gn 1, 26). E daí surgimos nós, de uma maneira que não sabemos, caberá à ciência explicar, mesmo se dificilmente se venha a dissipar o enigma. O que importa, para a sabedoria da Fé, é que, qualquer que tenha sido a forma da nossa aparição sobre a Terra, no princípio está o «Faça-se» de Deus. Existimos graças a esse «Sim».”²²

Se partirmos do olhar da fé, diz-nos Francesc Torralba, filósofo catalão, todo o ser humano, independentemente da sua forma física, do seu estatuto social, da sua orientação sexual ou opção religiosa, deve ser tratado como um fim em si mesmo. A equidade de todos os seres humanos constrói-se sobre a base desta inerente dignidade que emana da sua condição de imagem de Deus.²³

No relato javista (Gn 2), Deus aparece como oleiro. Que relação estabelecerá com a sua criatura? Uma relação de artesanía amorosa. Noutras cosmogonias circundantes à realidade de Israel, o Homem tinha sido fruto do acaso ou resultado da luta egocêntrica dos deuses.²⁴ É evidente que Israel conhecia estas cosmogonias e tinha *bebido* delas durante a sua travessia e contacto com outros povos. Contudo, e dada a experiência de salvação²⁵ que experimentam e transmitem, são capazes de relatar a criação do mundo onde se encontra como cenário de fundo o amor de Deus. Para o povo hebreu, fruto da experiência do Êxodo, o Deus salvador é o Deus criador. A teologia da criação nasce depois da teologia da libertação. Melhor ainda, a experiência de libertação que viveu o povo, leva-o a assumir que o Deus que ouve o clamor do povo no Egito é o Deus que os chamou à existência. É o Deus da Mão poderosa que resgata e cria. É a Direita de Deus que conduz o povo pelo deserto, e que, séculos mais tarde na reflexão hebraica, é utilizada para designar a forma como Deus cria, moldando do barro.

O jesuíta François Varillon ajuda-nos a perceber quando explicita:

“O que se revela, em primeiro lugar, na Bíblia, não é o Deus criador mas o Deus libertador. O que se encontra no coração da Bíblia é o Êxodo, isto é, o mistério da libertação de Israel. E o que se encontra no coração da nossa fé cristã é o nosso acesso à liberdade de Deus, o que nós chamamos a nossa divinização, com a frase-chave que eu repito: estamos no mundo para nos

²² José Tolentino Mendonça, *Pai-nosso que estais na Terra. O Pai-nosso aberto a crentes e não crentes*, 4ª (Águeda: Paulinas Editora, 2011), 90.

²³ Cf. Torralba, *Y, a pesar de todo, creer*, 37.

²⁴ Por exemplo, na cosmogonia babilónica, o homem é fruto da luta entre dois deuses. Os “escombros” dessa guerra constituem o ser humano. Ainda que seja um relato simbólico, tal como o Génesis, não deixa de ser substancialmente diferente o contraste entre as perspetivas bíblica e babilónica.

²⁵ Referimo-nos à epopeia narrada no Livro do Êxodo, em que o povo hebreu é resgatado do Egito, tendo Moisés como guia.

tornarmos, por participação, o que Deus é por natureza. Na Bíblia, nós não ouvimos dizer ao povo hebreu, em primeiro lugar. «Fui eu que te criei» mas sim «Fui eu que te libertei; fui Eu que te fiz sair da escravidão da terra do Egípto». Não foi senão muito tardiamente que os judeus levantaram a questão da criação.»²⁶

Mas criar o ser humano é mais do que criar apenas a vida humana.²⁷ O Deus bíblico infunde um alento que dá vida. O Deus bíblico sopra um vento que transforma o barro em humanidade. O Deus bíblico toma nas próprias mãos a matéria terrena (*adamah*) e constrói uma bela obra de arte.

O próprio texto bíblico estabelece um vínculo de cooperação entre a terra (*adamah*) e o homem (*adam*). Adam e *adamah* partilham uma semelhança fundamental e uma história. A construção do homem, plasmado do barro e do sopro de Deus, representa uma etapa da criação da própria Terra, pois do relato depreende-se que as formas de vida terrestres germinarão pelo empenho deste que é capaz de arar o solo. O ser humano recebe de Deus uma responsabilidade. O ser humano recebe de Deus uma benção.²⁸

Nos relatos da criação, encontra-se exposto de forma evidente que a humanidade é criatura, pensada e sonhada desde sempre, no seio amoroso de Deus. Esta realidade não lhe tira valor. Pelo contrário, confere-lhe total dignidade e grandeza. Podemos dizer: Que grande este pequeno ser humano!²⁹

Um ser humano que é feito à imagem e semelhança de Deus é um ser com uma *faisca* de divindade.³⁰ É um ser que se recebe de Outro.³¹

²⁶ Varillon, *A alegria de crer e de viver. Temas fundamentais da fé cristã*, 207.

²⁷ Na sua obra *Antropología Teológica, Imagen de Dios.*, o autor Juan L. Ruiz de la Peña adverte que “crear al hombre, en efecto, no es sólo dar vida a un ser humano (v.7); es también establecer su entorno físico (descripción del paraíso: vv.8ss.), asignarle una tarea como ser activo (v.15), recordarle su responsabilidad frente a Dios (vv.16-17), situarlo en un campo de relación con los demás seres (vv.19-20) y, sobre todo, con su tú más próximo, la mujer (vv.21-24). Sólo entonces el hombre está completo; la obra de su creación finaliza y es celebrada con un himno jubiloso que sirve de epílogo triunfal a todo el relato (v.23).” Cf. Juan L. Ruiz de la Peña, *Imagen de Dios. Antropología Teológica Fundamental*, 5ª (Santander: Sal Terrae, 1988), 28.

²⁸ José Tolentino Mendonça, *A leitura infinita. A Bíblia e a sua interpretação*. (Águeda: Paulinas Editora, 2014), 75-76.

²⁹ Cf. José Luis Elorza, *Drama y esperanza. Dios, conflicto y promesa*. (Navarra: Editorial Verbo Divino, 2016), 87.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ A ideia de «Outro» é maravilhosamente desenvolvida pelo filósofo judeu Emmanuel Lévinas. No livro de Tomás Halík, o autor reflete sobre a postura de Lévinas, dizendo que “Onde e como é que eu encontrarei Deus, então? A resposta de Emmanuel Levinas a isso foi uma afirmação notável: quando olho para o rosto do outro, a ideia de Deus assoma à superfície, dentro de mim... A relação com Deus só é possível através do Outro, só no seu rosto o Infinito é revelado. Um ser humano e outro ser humano, eis o cenário para a transcendência.” Cf. Tomás Halík, *Quero que tu sejas. Podemos acreditar no Deus do amor?* (Águeda: Paulinas Editora, 2015), 136-137.

Os animais, por exemplo, foram criados segundo as suas espécies, mas o homem participa da glória de Deus, da sua bondade e beleza. Aqui radica a fonte última dos direitos e deveres de todos os homens e mulheres de cada cultura, tempo e nação. O Homem é capaz de amar e pensar, conhecer e decidir, projetar e criar... porque é “capax Dei”.³²

O primeiro capítulo do Catecismo da Igreja Católica recolhe este pensamento:

“O Homem é, por natureza e vocação, um ser religioso. Vindo de Deus e caminhando para Deus, o ser humano não vive uma vida plenamente humana senão na medida em que livremente vive a sua relação com Deus. O homem foi feito para viver em relação com Deus, em quem encontra a sua felicidade: «Quando eu estiver todo em Ti, não mais haverá tristeza nem angústia; inteiramente repleta de Ti, a minha vida será vida plena» (Santo Agostinho, Conf. X, 28, 39)³³

Neste sentido, é importante falar da unicidade de cada ser humano. Ou seja, cada criatura humana é escolhida,³⁴ única e irrepitível. Esta máxima dota o ser humano de uma dignidade incalculável, porque ninguém é igual a outra pessoa. Melhor ainda, nunca nenhum ser humano poderá ser reduzido a objeto.³⁵ Porque somos criaturas queridas por Deus e nascidas da sua mão, valem o que não tem preço: o amor de Deus. Criados a partir do barro existente, temos em nós algo que nos distancia do resto da realidade criada: somos pessoas humanas. Situados entre Deus e a terra (aqui descrita como realidade criada), somos chamados, no entanto, a estar “com os pés na terra, mas com o olhar fixo nas estrelas”, na linguagem de Theodore Roosevelt.

Convém termos em atenção outra dimensão intrínseca ao ser humano: a sua chamada a ser co-criador. O Deus bíblico não lhe oferece nada feito ou terminado. Deve ser o Homem a colocar em jogo a sua capacidade de decisão e autonomia. Este pequeno pedaço de pó³⁶

³² “O homem — como diz a tradição do pensamento cristão — é «capax Dei»: capaz de conhecer a Deus e de acolher o dom que Ele faz de Si mesmo. Com efeito, criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26), é capaz de viver uma relação pessoal com Ele e de responder com a obediência de amor à relação de aliança que lhe foi proposta pelo seu Criador.” Acedido 20 de março de 2020, http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiencias/1998/documents/hf_jp-ii_aud_26081998.pdf.

³³ *Catecismo da Igreja Católica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993), 29.

³⁴ Cf. Henri Nouwen, *Tú eres mi amado*, 9ª (Madrid: Editorial PPC, 2000), 33-42. Neste capítulo, o autor expõe, de forma fantástica, o que supõe sentir-se “eleito” por Deus. O autor propugna que, para sentir-se “o amado” (título do livro) é preciso viver 4 atitudes espirituais: sentir-se escolhido, abençoado, roto e entregado. Estas 4 atitudes constituem o processo para viver uma verdadeira vida espiritual num mundo secular.

³⁵ Recordamos a filosofia kantiana, que formulou a expressão “Aja de tal forma que uses a humanidade, tanto na tua pessoa, como na pessoa de qualquer outro, sempre e ao mesmo tempo como fim e nunca simplesmente como meio.”. A expressão kantiana recolhe a formulação racional, mas esta ideia já pertencia à antropologia judaico-cristã.

³⁶ Esta expressão refere-se à fragilidade do ser humano. Num artigo de opinião elaborado para o Observador, o pe. Miguel Almeida, Provincial da Companhia de Jesus, explica o significado de sermos pó: “Lembra-te que

perdido na imensidão do cosmos foi criado pouco inferior a Deus, coroado da glória e dignidade divinas.³⁷ É aqui que começa a história humana. É aqui que começa o jogo da liberdade³⁸ e da desobediência, do cultivo da terra ou da sua destruição, da relação fraterna e próxima ou mesquinha e distante. O Homem, com uma dignidade infinitamente superior em relação às demais criaturas, é chamado a cuidar e proteger, cultivar e guardar.

Seguindo o franciscano José Luis Elorza,³⁹ podemos descrever as dimensões do ser humano, como aparecem inscritas nos relatos da Criação, nas seguintes:

- Criatural: o homem aparece como ser recebido. Naquilo que é essencial (a vida, o amor...) apenas recebendo-se de Deus, a sua Fonte última, chega à sua plenitude;
- Corporal e espiritual: o Homem é um corpo animado pelo espírito, tão condicionado pela sua biologia, como o animal, e tão capaz de viver espiritualmente.
- Pessoal: o Homem é buscador de identidade pessoal, de ser um «eu», sujeito consciente de si e chamado a transcender-se. Está caracterizado pela interioridade, aberta e relacional.
- Histórica e criativa: o Homem é um ser situado no tempo e no espaço. Vive em lugares, tempos e culturas concretas deste mundo. Recebe-se de Deus, mas também se realiza trabalhando, criando história e cultura. É recetivo e ativo.

és pó e ao pó voltarás! Esta é a frase que nos é dita a nós, cristãos que vamos à Missa na Quarta-feira de Cinzas. Num ritual simples que inicia a Quaresma, ao ouvirmos a frase do Livro do Génesis e ao sermos marcados com a cinza imposta sobre a nossa cabeça, recordamos algo difícil de aceitar: somos frágeis como o pó... Lembra-te de quem és, lembra-te que és pó. E sabes que mais? Não faz mal seres frágil! Porque, paradoxalmente, este ponto fraco revela-se a força mais profunda e potente do ser humano. É a debilidade do amor que nos permite abrimo-nos aos outros.” Acedido 04 de abril de 2020, <https://observador.pt/opiniao/lembra-te-es-po/>.

³⁷ O Salmo 8 transparece na perfeição a ideia de que o Homem é o pináculo da criação.

³⁸ A liberdade, neste contexto, entende-se como “o poder, fundado na razão e na vontade, de agir ou não agir, de fazer isto ou aquilo, praticando, assim, ações deliberadas por si mesmo. Por livre arbítrio, cada qual dispõe de si. A liberdade é no homem uma força de crescimento e de maturação na verdade e na bondade, e atinge a sua perfeição quando ordenada para Deus, nossa bem-aventurança. Enquanto não se fixa no seu bem último, que é Deus, a liberdade implica a possibilidade de escolher entre o bem e o mal, e portanto de crescer na perfeição ou de falhar e pecar. É ela que propriamente caracteriza os atos humanos. Torna-se fonte de louvor ou de censura, de mérito ou demérito. O homem é livre na medida em que pratica o bem. Não há verdadeira liberdade senão ao serviço do bem e da justiça. A opção pela desobediência e do mal é um abuso da liberdade e conduz à escravatura do pecado (Rm 6, 17)” *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1731-1733.

³⁹ Cf. Elorza, *Drama y esperanza. Dios, conflicto y promesa*, 123.

- Mundana, secular e ética: o Homem é um ser solidário com a terra. O exercício da sua liberdade responsável e criadora é também fonte de realização.
- Afetivo-sexual: o Homem é um ser relacional e sexuado. O seu ser inteiro, corpo e alma, pede-lhe que viva o amor e a intimidade com outros humanos. Pede-lhe que deseje o encontro amoroso com um «tu».
- Finita e mortal: o Homem é um ser amassado, criado com barro. É frágil, inconsistente, caduco e contingente.
- Transcendente e utópica: o Homem é aspirante a um «mais» constante. Falta-lhe algo/alguém para ser ele mesmo, por isso é um ser aberto a horizontes de eternidade e plenitude divinas.
- Dialética e conflitiva: é difícil “casar” ser criatura e querer ser como Deus, ser animal e espírito ter liberdade sem dispor dela incondicionadamente, o potencial de bondade que se conjuga com a capacidade para o mal, etc.
- Dimensão religiosa: o Homem é um ser aberto ao «tu» de Deus. Transcende-o um Deus misterioso, mas ao mesmo familiar e próximo (que passeia pelo jardim)⁴⁰. O Homem deseja conhecer o «tu» de Deus e saber-se conhecido e amado por ele.

“A imagem de Deus no homem, de facto, nunca desaparece, nem sequer quando este não reconhece a Deus, não discerne os seus dons e não Lhe responde.”⁴¹

2.2. Ser criatura «à imagem de Cristo», no Novo Testamento

“A vocação da humanidade é manifestar a imagem de Deus e ser transformada à imagem do Filho Único do Pai. Esta vocação reveste-se de uma forma pessoal, pois cada um é chamado a entrar na bem-aventurança divina. Mas diz também respeito ao conjunto da comunidade humana.”⁴²

Tentar desenhar um edifício antropológico no Novo Testamento torna-se mais complexo, dado que surge um acontecimento que marca a história das pessoas e, sobretudo, a História da Humanidade - Jesus Cristo - e que a redefine para sempre. Ou seja, se no Antigo Testamento a doutrina da Criação do cosmos nos permite vislumbrar a antropologia

⁴⁰ Cf. Gn 3,8.

⁴¹ Enzo Bianchi, *Dom e perdão. Por uma ética da compaixão*. (Braga: Editorial A.O, 2020), 28-29.

⁴² *Catecismo da Igreja Católica*, n.1877.

inerente, no caso do Novo Testamento o caso muda de figura. Em Jesus, concentra-se a História. É importante entender que no Novo Testamento não encontraremos uma doutrina concreta ou explicação detalhada da visão do Homem em geral, mas uma Boa Notícia⁴³ que um homem, em concreto, revela.

Do Antigo Testamento não restam dúvidas: somos criaturas de Deus. Dissemos, também, que a Providência acompanha o caminho do ser humano pela sua existência. Esta Providência está bem patente nos evangelhos sinóticos, onde Jesus apela constantemente à confiança em Deus Pai.

Para o Cardeal Tolentino Mendonça, a Providência e a Escatologia estão relacionadas de maneira direta no Novo Testamento:

“A ternura providencial de Deus manifesta-se, de modo irresistível, na vida e no destino de Jesus se, como escreve S. Paulo: «nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus» (Rm 8,38-39). Aqui tocámos, talvez, o aspeto mais característico da fé neotestamentária na providência: aquele que considera a providência não apenas como o rasto de Deus no tempo, mas como a finalidade da própria história. Falar da providência no Novo Testamento é, em última análise, falar da escatologia.”⁴⁴

O trecho do evangelho de S.Mateus é elucidativo: “É por isso que eu vos digo: Não andem preocupados com o que hão-de comer ou beber, nem com a roupa de que precisam para vestir. Não será que a vida vale mais do que a comida e o corpo mais do que a roupa? Olhem para as aves do céu, que não semeiam, nem colhem, nem amontoam grão nos celeiros. E no entanto, o vosso Pai dá-lhes de comer. Não valem vocês muito mais do que as aves? Qual de vós, por mais que se preocupe, poderá prolongar um pouco o tempo da sua vida? E por que hão-de andar preocupados por causa da roupa? Reparem como crescem os lírios do campo! E eles não trabalham nem fiam. Contudo digo-vos que nem o rei Salomão, com toda a sua riqueza, se vestiu como qualquer deles. Ora se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é queimada, quanto mais vos há-de vestir a vocês, ó gente sem fé? Não andem preocupados a dizer: “Que havemos de comer? Que havemos de beber?

⁴³ “Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à Lei, para resgatar os que estavam sujeitos à lei e nos tornar seus filhos adotivos» (Gal 4, 4-5). Esta é a «Boa-Nova» de Jesus Cristo, Filho de Deus» (Mc 1,1): Deus visitou o seu povo e cumpriu as promessas feitas a Abraão e à sua descendência; fê-lo para além de toda expectativa: enviou o seu «Filho muito-amado».» *Catecismo da Igreja Católica*, n. 422.

⁴⁴ Tolentino Mendonça, *A leitura infinita. A Bíblia e a sua interpretação*, 87.

Que havemos de vestir?” Os pagãos, esses é que se preocupam com todas essas coisas. O vosso Pai celestial sabe muito bem que vocês precisam de tudo isso. Procurem primeiro o reino de Deus e a sua vontade e tudo isso vos será dado. Portanto, não devem andar preocupados com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã já terá as suas preocupações. Basta a cada dia a sua dificuldade.” (Mt 6,25-34)

Esta passagem sapiencial situa-nos perante o princípio da vida (cf. Gn 1-3), para descobrir a mão bondosa de um Deus Pai que realiza ações e gestos de mãe: alimenta e veste os homens, como mãe que dá leite ao filho e o abriga, para que possa crescer sem medo.⁴⁵

Desta entrega confiada nas mãos do Pai, surge a atitude da disponibilidade. É verdadeiramente comovente a relação que Jesus tem com o seu Pai. É a ele que ele reza e ensina os discípulos a rezar, esperando confiadamente pelo pão nosso de cada dia (cf. Mt 6,9-13). A confiança de Jesus no seu Abbá⁴⁶ leva-o a viver despreocupado com o que comer ou vestir, como nos sugere o texto acima citado. A união que Jesus vive com o seu Pai leva-o a viver de e na providência. Podemos dizer que Jesus é a *cara-chapada* do Pai.⁴⁷

O ensinamento de Jesus é claro: quem não vive da relação com Deus Pai, coloca o seu coração noutros “tesouros”⁴⁸. Para Jesus, é a relação filial com Deus que lhe otorga sentido de vida, capacidade de missão e aceitação da vontade do seu Pai. Para Jesus, torna-se evidente que o ser humano se realiza, não pela possessão ou apego a bens terrenos, mas pela vinculação a Deus Pai.

Com os seus discípulos, Jesus convidava a reconhecerem a relação paternal que Deus tem com todas as criaturas.⁴⁹

⁴⁵ Cf. Xabier Pikaza, *Abbá. Inmá. Historias de Dios en la Biblia*. (Madrid: Editorial PPC, 2017), 89.

⁴⁶ Na sua obra intitulada *Abbá-Inmá*, o autor Xabier Pikaza escreve que “Jesús ha llamado a Dios «Padre». Impulsado por su experiencia mesiánica, perdonando y acogiendo a los expulsados y curando a los enfermos, él ha podido acercarse a Dios y llamarle Abbá, Padre! Jesús nos es Hijo por sometimiento servil o espiritualismo extramundano, sino por unión de amor y entrega salvadora.” Cf. Pikaza, 126.

⁴⁷ “A Criação é uma iniciativa graciosa, pura iniciativa do nosso Deus, que tudo cria para expandir e partilhar o seu Amor e a sua Fidelidade! Quando Deus começa a recitar o poema da Criação – que ainda não terminou – já está de olho na estrofe central, no centro culminador desse Poema cheio de beleza e bondade... e essa estrofe central de comunicação criadora é a Vida de Jesus de Nazaré, “todo o encanto” do Pai, filho que sai do Pai e filho que sai ao Pai. Ele é, de verdade, “todo Pai”: “Eu e o Pai somos Um”, cara-chapada um do outro.” Cf. Rui Santiago e Susana Braguês, *Teologia da Beleza* (Porto: Engrenagem, 2011), 14.

⁴⁸ Num dos seus ensinamentos aos discípulos, Jesus afirma que “*onde está o teu tesouro, aí está o teu coração*” (cf. Mt 6,21). Convém ter em conta a força da palavra “coração”, que, biblicamente, se refere à dimensão mais profunda do ser humano.

⁴⁹ “Jesus retoma a fé bíblica no Deus criador e destaca um dado fundamental: Deus é Pai (cf. Mt 11,25). Em colóquio com os seus discípulos, Jesus convidava-os a reconhecerem a relação paterna que Deus tem com todas as criaturas e recordava-lhes, com comovente ternura, como cada uma delas era importante aos olhos d’Ele: «Não se vendem cinco pássaros por duas pequenas moedas? Contudo, nenhum deles passa despercebido diante

Para Jesus, a pessoa humana está acima de tudo o resto. Ainda que escandaloso para alguns judeus mais fiéis à Lei, Jesus proclamava que o sábado (realidade sacralizada para um judeu) era para o Homem e não o Homem para o sábado (cf. Mt 10,31 e Mt 12,12). É evidente também em Jesus a subordinação que as coisas tinham em relação às pessoas. Daqui nasce a sua capacidade de perdoar pecados (cf. Mc 2,1-12), aproximar-se dos leprosos (cf. Mt 8,1-4), deixar-se tocar por prostitutas (cf. Lc 7,36-50), etc. Para Jesus, as pessoas são sempre o mais importante. Porque se sabe livre (na odediência), Jesus não se deixa levar por rótulos, etiquetas ou ideias pré-concebidas acerca das pessoas. O número doze da *Gaudium et Spes* corrobora esta afirmação, porque diz: “Tudo quanto existe sobre a terra deve ser ordenado em função do homem, como seu centro e seu termo: neste ponto existe um acordo quase geral entre crentes e não-crentes.”

Está explicitado o fim das realidades terrenas: a pessoa humana.

Mais adiante, continua a Constituição *Gaudium et Spes*, no seu número 22, a oferecer a consumação daquilo que procurávamos apontar com a doutrina do Antigo Testamento:

“Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente. Adão, o primeiro homem, era efectivamente figura do futuro, isto é, de Cristo Senhor. Cristo, novo Adão, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, revela o homem a si mesmo e descobre-lhe a sua vocação sublime. Não é por isso de admirar que as verdades acima ditas tenham n'Ele a sua fonte e n'Ele atinjam a plenitude.”⁵⁰

Desta afirmação se desprende que o ser humano apenas se conhece e esclarece na relação com Jesus Cristo, o Verbo encarnado. A encarnação⁵¹ que foi consumada com a

de Deus» (Lc 12,6). «Olhai as aves do céu: não semeiam nem ceifam nem recolhem em celeiros; e o vosso Pai celeste alimenta-as» (Mt 6,26)” Cf. Francisco, *Louvado sejas. Carta Encíclica Laudato Si'*, n. 96.

⁵⁰ A Constituição Dogmática *Dei Verbum* recolhe, também, esta plenitude da revelação em Jesus, ainda que utilizando uma explicação histórica: “Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho (Heb. 1, 1-2). Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (cfr. Jo. 1, 1-18). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado «como homem para os homens» (3), «fala, portanto, as palavras de Deus» (Jo. 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (cfr. Jo. 5,36; 17,4). Por isso, Ele, vê-lo a Ele é ver o Pai (cfr. Jo. 14,9), com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito de verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, a saber, que Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e para nos ressuscitar para a vida eterna. Portanto, a economia cristã, como nova e definitiva aliança, jamais passará, e não se há-de esperar nenhuma outra revelação pública antes da gloriosa manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo (cfr. 1 Tim. 6,14; Tit. 2,13). Concílio Vaticano II, *Constituição Dogmática Dei Verbum*, 1965, n. 4.

⁵¹ “A Igreja chama *Encarnação* ao facto de o Filho de Deus ter assumido uma natureza humana, para nela levar a efeito a nossa salvação. A fé na verdadeira Encarnação do Filho de Deus é o sinal distintivo da fé cristã: «Nisto haveis de reconhecer o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa a Jesus Cristo encarnado é de Deus» (1 Jo 4, 2). É esta a alegre convicção da Igreja desde o seu princípio, quando canta o «grande mistério da piedade»: «Ele manifestou-se na carne» (1 Tm 3, 16).” *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 461- 463.

união hipostática, permite uma relação onde o homem se descobre na relação com o Pai, o Filho e o Espírito. A vocação do homem é então revelada como chamada ao amor e à comunhão. Jesus Cristo é o novo Adão, em quem toda a humanidade foi redimida e salva.

Se a vocação do ser humano é ser Imagem de Deus, e Jesus é «Imagem de Deus invisível» (cf. Col 1,15), então o Homem está chamado a ser como Jesus Cristo. Ou seja, vocação mais sublime não há. Podemos afirmar que a maior identidade coincide com mais radical alteridade.⁵² A antropologia encontra-se, então, em função da cristologia e soteriologia.

O Cristo que dá sentido à vocação cristã (o seguimento de Cristo é a vocação de todo cristão) é o Cristo que viveu e morreu pelos nossos pecados e ressuscitou, para glória de Deus Pai. A soteriologia⁵³ encontra a brecha para oferecer a sua realização. Ser «Imagem de Deus em Cristo» torna-se, por conseguinte, caminho de transformação e conversão⁵⁴, até ao horizonte escatológico. É nesta perspetiva que a *Laudato Si'* nos oferece no seu número 100:

“O Novo Testamento não nos fala só de Jesus terreno e da sua relação tão concreta e amorosa com o mundo; mostra-no-Lo também como ressuscitado e glorioso, presente em toda a criação com o seu domínio universal. «Foi n’Ele que aprouve a Deus fazer habitar toda a plenitude e, por Ele e para Ele, reconciliar todas as coisas (...), tanto as que estão na terra como as que estão no céu» (Col 1,19-20). Isto lança-nos para o fim dos tempos, quando o Filho entregar ao Pai todas as coisas «a fim de que Deus seja tudo em todos» (1 Cor 15,28). Assim, as criaturas deste mundo já não nos aparecem como uma realidade meramente natural, porque o Ressuscitado as envolve misteriosamente e guia para um destino de plenitude. As próprias flores do campo e as aves que Ele, admirado, contemplou com os seus olhos humanos, agora estão cheias da sua presença luminosa.”⁵⁵

⁵² Josep Oriol Tuñí, *Jesús en comunidad. El Nuevo Testamento, medio de acceso a Jesús* (Santander: Sal Terrae, 1988), 151.

⁵³ O dicionário teológico define “soteriologia” como “o setor da teologia dogmática que estuda a realidade da salvação (latim *salus*, grego *sotería*) do homem e do mundo em Jesus Cristo. Nas vozes *redenção*, *salvação*, *satisfação* são considerados os conteúdos bíblicos e teológicos da salvação.

⁵⁴ Esta permanente conversão é contada de maneira sublime pelo autor Juan de Dios Martín Velasco, na conferência que ofereceu na XXIX Semana de Estudos de Teologia Pastoral. Cf. *Conversión personal, conversión pastoral. Vivir en cristiano en tiempos de incertidumbre*. (Navarra: Editorial Verbo Divino, 2018), 15-38.

⁵⁵ *Ibidem*. 94.

3. Ser filho: o Deus «Abbá»⁵⁶

Antes de aprofundar a dimensão “Deus Abbá” temos que contemplar a imagem de “Pai Criador”. Porque Deus é Criador e é Pai e Mãe.⁵⁷ E esta reiteração, ainda que evidente, muda tudo. Diz-nos Rui Santiago que um Pai que é criador é um pai que não é possessivo, porque a criação de Deus é cantada na Escritura,

“como uma iniciativa gratuita e amorosa de Deus, que não responde a nenhum tipo de necessidade, imposição ou problema para Criar tudo quando existe, mas Cria unicamente por Amor, por Graça, respondendo a um impulso do seu coração sem medida”.⁵⁸

Inequivocamente, a imagem de Deus que aparece no Novo Testamento é a de «Pai»⁵⁹. Segundo a doutora Isabel Varanda, quando dizemos “Pai” devemos colocar em suspenso as conotações que conhecemos e pré-conceitos que temos do termo. Porque, neste sentido, falar de “Pai” não nos remete para uma dimensão biológica reprodutiva da parte de Deus, mas sim à sua essência, teologicamente falando.

O próprio Jesus fala de Deus como «Pai» e trata-o como tal. No entanto, ao longo dos anos fomos perdendo a noção daquilo que realmente significa a palavra «Pai», ou pelo menos do seu conteúdo bíblico.⁶⁰

Neste contexto, faz todo o sentido recordar que a palavra «Pai» não se refere apenas à imagem afetiva e carinhosa (que tanto estamos habituados a ler e ouvir), mas também à obediência servil e confiada.⁶¹ Ou seja, o Pai de Jesus não é apenas aquele que é carinhoso

⁵⁶ Para aprofundar esta dimensão, existem vários livros e autores conceituados. No entanto, o estudo do teólogo protestante Joachim Jeremias é de uma sistemacidade e profundidade clarificadora: Joachim Jeremias, *Abba. El mensaje central del Nuevo Testamento*. (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1981).

⁵⁷ Cf. Rui Santiago, *Estou em crer: conversas sobre o Símbolo dos Apóstolos*. (Porto: Tipografia comercial, 2014), 110.

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ No seu estudo sobre a mensagem do Novo Testamento, o teólogo Joachim Jeremias diferencia entre: «o Pai», «vosso Pai» e «meu Pai», para elucidar os tipos de relação existentes no discurso do próprio Jesus. Cf. Jeremias, *Abba. El mensaje central del Nuevo Testamento*, 43-60.

⁶⁰ Para aprofundar o tema, podemos ler o artigo escrito pela doutora Isabel Varanda. Acedido 05 de setembro de 2020, <https://bit.ly/2E151S8>

⁶¹ “A obediência é o princípio da vida. Não somos nós os criadores de nós mesmos. Somos criaturas. Vivemos porque Deus nos ama e nos mantém na vida. E vivemos na medida em que estamos unidos à Fonte da Vida. Escutar Deus e viver de acordo com a sua vontade – obedecer – é o único caminho de felicidade. Mais: a obediência é a outra face da moeda que se chama liberdade humana, uma liberdade real, mas finita. A obediência, essa escolha livre de realizar o que nos é proposto, mostra apenas que Deus nos criou para a liberdade. Obedecemos não sem razão. Obedecemos a Deus e àqueles que O tornam presente. A fé conduz à obediência e a obediência reforça e exprime a fé. As duas andam de mãos dadas e tornam-nos cada vez mais humanos e semelhantes ao próprio Deus.” Cf. Brás, *Cenas de Deus. Retratos e coisas da vida*, 131-132.

e próximo, é também aquele que requer respeito e demonstra soberania. Tudo isto se conjuga no amor obediente.

No Novo Testamento, são muitos os momentos em que Jesus se refere a Deus como Pai. No conjunto dos 4 evangelhos canónicos⁶² a expressão aparece mais de cento e setenta vezes. No Evangelho de Lucas, por exemplo, é a primeira e última palavra que vemos Jesus dizer. Em Lc 2,49 aparece-nos a expressão: “Não sabíeis que devia estar em casa de meu Pai?” e em Lc 23,46 consta: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. É na relação com o Pai que começa e termina a missão de Jesus.

Jesus ensina como dirigir-nos ao Pai⁶³ (cf. Mt 6,9-13) e, por isso, introduz-nos na sua relação de intimidade com Ele. Esta participação constitui o núcleo da sua missão. “O importante não é quem sou eu para Deus, mas quem é Deus para nós”.⁶⁴ Na relação filial que Jesus vive com Deus, descobrimos os dois significados da palavra «Pai». Se, por um lado, Jesus se dirige a Deus como senhor e soberano (cf. Mt 11,25), e se mostra disponível para realizar a sua missão em obediência (cf. Jo, 4,34), também é verdade que encontramos a confiança e a intimidade típicas de Jesus com Deus. Jesus dirige-se ao seu Pai como «Abbá». Se já seria original chamar a Deus seu «Pai», numa cultura na qual não se tratava Deus dessa maneira, foi surpreendente ver Jesus tratá-lo como *Abbá*. Esta palavra encontramos-la, assim mesmo, intraduzível, a meio do texto em grego da carta de S. Paulo aos Gálatas (cf. Gal 4,6) e perto do fim do Evangelho de Marcos (cf. Mc 14,36). Parece ser uma palavra tão sagrada para Jesus que eles preferiram não tocar.

A relação de Jesus com o seu *Abbá* é o fundamento da sua vida, e a certeza de que, também nós, recebemos essa capacidade de relação. S. Paulo afirma de maneira contundente: “De facto, todos os que se deixam guiar pelo Espírito, esses é que são filhos de Deus. Vós não recebestes um Espírito que vos escravize e volte a encher-vos de medo; mas recebestes um Espírito que faz de vós filhos adoptivos. É por Ele que clamamos *Abbá*, ó Pai!” (Rm 8,14-15).

Então, um Deus chamado *Abbá* é Alguém a quem devemos obedecer, é Alguém cuja vontade para nós tem o valor de um projeto. Mais uma vez, nas palavras de Rui Santiago:

“Porque é Pai, é um Deus a quem temos que obedecer. Não porque deu uma Lei e temos que obedecer a essa Lei... mas porque é Pai infinitamente Bom e

⁶² S. Marcos, S. Mateus, S. Lucas e S. João.

⁶³ A Oração do Pai-Nosso, mais do que uma fórmula para rezar, mostra-nos a relação de Jesus com Deus.

⁶⁴ Esta frase, ouvida numa formação em Vila Nova da Gaia, da boca do pe. Rui Santiago cssr, fez-me entender o que significou para Jesus o seu batismo e a descoberta da sua missão.

Fiel! Não porque é Deus e temos que obedecer para não ficar sob castigo... mas porque é Pai infinitamente Generoso e Leal! Porque é um Pai assim, Deus é Alguém a quem queremos obedecer, porque a sua Vontade a nosso respeito coincide exatamente com o que é melhor para nós!”⁶⁵

Somente uma consciência plena de que Deus é Abbá pode eliminar o medo e fazer florescer a liberdade, a liberdade dos filhos de Deus.⁶⁶ É por isso que uma das maravilhas de chamarmos a Deus «Pai» é pormos de lado toda desconfiança e temor.⁶⁷

A paternidade de Deus implica que o ser humano, em reciprocidade, cumpra a sua vontade. Para Jesus, fazer a vontade do Pai constituía o seu alimento, e disso fazia condição para o seguimento. É constante a chamada que Jesus faz para o seguimento realizado através do cumprimento da vontade do Pai. No evangelho de S. Mateus é evidente: “Nem todo o que me diz ‘Senhor, senhor’ entrará no Reino do Céu, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está no Céu” (cf. Mt 7,21).

Vê-se em Jesus uma disposição constante para fazer a vontade de Deus. Neste sentido, parecem contar mais os gestos do que as palavras. Parece não bastar proclamar Jesus como “Senhor, senhor”, é necessário colocar-se à disposição da vontade do Pai. Este Pai não é um tirano ou manipulador. Pelo contrário, todo Ele é misericórdia. E Jesus revela-se como o rosto da misericórdia do Pai.⁶⁸

⁶⁵ Santiago, *Estou em crer: conversas sobre o Símbolo dos Apóstolos*, 122.

⁶⁶ O Papa Francisco desenvolveu esta ideia da teologia paulina, entre outros momentos, na Homília que proferiu no Japão, aquando da sua visita. Acedido 05 de setembro de 2020, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191125_messa-tokyo-omelia.html.

⁶⁷ Cf. Santiago, *Estou em crer: conversas sobre o Símbolo dos Apóstolos*, 121.

⁶⁸ Na Bula de Proclamação do Ano Jubileu da Misericórdia, o Papa Francisco escreve, logo na abertura que: “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, « rico em misericórdia » (Ef 2,4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como « Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade » (Ex 34,6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na « plenitude do tempo » (Gl 4,4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14,9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus.” Cf. Papa Francisco, *Misericordiae Vultus*, 8ª (Lisboa: Paulinas Editora, 2015).

A Boa Notícia de Jesus é que Deus, então, é como um Pai misericordioso.⁶⁹ Para Jesus, crer⁷⁰ nesta Boa Notícia, não apenas de mente, mas sobretudo de coração, transforma a vida inteira.

Deus é o Pai de todos e de cada um de nós. E deseja que vivamos como irmãos e irmãs, juntos na mesma família humana. Realmente, se aceitamos a paternidade de Deus, a consequência é a fraternidade. Esta fraternidade não se fundamenta numa ideologia humanitária ou utopia romântica. Não provém sequer dos laços de sangue antepassados, ou de histórias conjuntas partilhadas. Para Jesus, a fraternidade recebe-se como dom divino. Onde reina a paternidade de Deus, mais rapidamente reinará a fraternidade. É por isso que a comunhão e a unidade⁷¹ são testemunhos visíveis da fé cristã.

4. Reconhecer-se irmão: a consequência

Desde sempre as palavras «irmão» e «fraternidade» tiveram ênfase na história da humanidade. São palavras que designam experiências primordiais e, por isso, sempre estiveram envolvidas em histórias e sabedorias. Também é verdade que, desde sempre, o

⁶⁹ Uma das parábolas mais conhecidas que Jesus conta encontra-se no Evangelho de Lucas, no capítulo 15. Jesus conta a parábola de um pai que tem dois filhos. Uma das obras mais belas da história da espiritualidade cristã (inspirada nesta parábola) é: Henri Nouwen, *El regreso del hijo pródigo. Meditaciones ante un cuadro de Rembrandt*. (Madrid: Editorial PPC, 1992). Nesta obra, o autor contempla o quadro de Rembrandt que se encontra no Museu Ermitage e medita sobre cada uma das personagens da parábola: o filho mais novo, o filho mais velho e o Pai.

⁷⁰ O verbo «crer» é essencial na teologia joanina. Deixamos algumas citações onde se revela a importância do verbo «crer» para S. João. “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não é sujeito a julgamento”. (cf. Jo 5,24) “Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna” (cf. Jo 3,16). Por fim, e utilizando outra fonte canónica, ainda de cunho joanino, “Quem crê no Filho de Deus tem esse testemunho consigo. Quem não crê em Deus faz de Deus mentiroso, uma vez que não crê no testemunho que Deus deixou a favor do seu Filho. E este é o testemunho: Deus deu-nos a vida eterna, e esta vida está no seu Filho. Quem tem o Filho de Deus tem a vida; quem não tem o Filho também não tem a vida. Escrevi-vos estas coisas, a vós que credes no Nome do Filho de Deus, para que tenhais a certeza de ter convosco a vida eterna” (cf. 1 Jo 5,10-13).

⁷¹ Chiara Lubich, fundadora do Movimento dos Focolares, pregava, constantemente, uma unidade que fosse reflexo da união com Jesus. “Entendemos que nós deveríamos criar a unidade ao nosso redor, no ambiente onde estamos, e que depois – quando já estivéssemos no céu – iríamos ver círculos gigantescos, até que no fim dos tempos se realizariam os planos de Deus. Para nós foi claro, desde o primeiro momento, que esta unidade possuía um único nome: Jesus. Para nós ser uma coisa só significava ser Jesus, ser todos Jesus. De fato somente Cristo pode fazer de dois um, porque o seu amor, que é anulação de si, que é ausência de egoísmo, nos faz entrar profundamente no coração dos outros. O que eu escrevia, naqueles tempos, demonstra a maravilha diante de uma realidade sobrenatural tão sublime: “A unidade! Mas quem ousará falar dela? É inefável como Deus! Poder ser sentida, pode ser vista, regozija-se com ela, mas... é inefável! Todos regozijam-se com a sua presença, todos sofrem com a sua ausência. É paz, gáudio, amor, ardor, clima de heroísmo, de suma generosidade. É Jesus entre nós!” Acedido 05 de setembro de 2020, <https://www.focolare.org/pt/chiara-lubich/espiritualidade-da-unidade/unita/>.

contributo das religiões, filosofias e culturas, permitiu enriquecer o seu conteúdo, aprimorar o seu sentido e conceder-lhe maior semântica.

Não procuramos dissecar a palavra «fraternidade» desde o ponto de vista biológico (advogando um antepassado comum) ou sociológico (fazendo uma apologia da fraternidade como valor político/económico). Procuramos oferecer o sentido cristão da mesma, na sua essência. A fraternidade está na entranha do *ser Igreja*, do *ser comunidade de Jesus*, do viver como criatura criada e querida por Deus. Ou seja, vamos tentar responder às perguntas: “o que significa ser irmão segundo Jesus?” ou “qual é o fundamento da fraternidade cristã?”⁷²

4.1. *Jesus e a fraternidade*

«Quanto a vós, não vos deixeis tratar por ‘Mestres’, pois um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos” (Mt 23,8).⁷³

A primeira ideia que nos oferece este *logion* de Jesus é que sublinha a dignidade comum e a igualdade fundamental de todos os crentes, filhos no Filho do mesmo Pai celestial (cf. Mt 5,45).⁷⁴

Jesus pretende instaurar uma nova definição de irmandade,⁷⁵ e esta frase é bem elucidativa nesse sentido. A irmandade natural brota da consanguinidade. Jesus pretende instaurar uma fraternidade que nasce do Espírito. Para viver esta irmandade, é preciso nascer do Espírito, (Cf. Jo 3,1-7) porque é necessário saber-se de Deus.⁷⁶

Para começar, podemos ver que, para Jesus, a palavra «irmão» tem três aceções.⁷⁷

⁷² Mais uma vez, deixaremos que as perguntas nos possam *habitar*.

⁷³ Esta citação evangélica serviu para a elaboração do documento “Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja” construído pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. Não utilizaremos a citação como fundamentação da Vida do Religioso Irmão na Igreja, ainda que algumas ideias possam servir para a exposição do tema.

⁷⁴ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *Identidad y misión del religioso hermano en la Iglesia* (Madrid: Editorial San Pablo, 2015), n. 1.

⁷⁵ Utilizaremos a palavra «irmandade» e «fraternidade» indistintamente.

⁷⁶ Na Encíclica *Laudato Si'*, no número 228, o Papa Francisco afirma que: “Jesus lembrou-nos que temos Deus como nosso Pai comum e que isto nos torna irmãos. O amor fraterno só pode ser gratuito, nunca pode ser uma paga a outrem pelo que realizou, nem um adiantamento pelo que esperamos que venha a fazer. Por isso, é possível amar os nossos inimigos.” Francisco, *Louvado sejas. Carta Encíclica Laudato Si'*.

⁷⁷ Neste sentido, utilizaremos, como fio condutor, a obra de Joseph Ratzinger: Joseph Ratzinger, *La fraternidad de los cristianos* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004).

Existe um primeiro grupo de textos onde a palavra «irmão» contém um significado judeu do Antigo Testamento, a saber: companheiro judeu de religião.⁷⁸ Não podemos esquecer que a palavra «irmão», neste contexto evangélico, vem influenciada pela vivência comunitária vigente. Ou seja, pertencer à comunidade mateana (por exemplo) e ser chamado irmão revela a identidade grupal, também. Por outras palavras, estes textos, mais do que transparecer o sentido que Jesus quer dar, parecem evidenciar as idiosincrasias da comunidade judaico-cristã.⁷⁹ Um texto elucidativo desta realidade encontra-se no Evangelho de S. Mateus: “Porque reparas no argueiro que está na vista do teu irmão, e não vês a trave que está na tua vista? Como ousas dizer ao teu irmão: ‘Deixa-me tirar o argueiro da tua vista’ tendo tu uma trave na tua? Hipócrita, tira primeiro a trave da tua vista e, então, verás melhor para tirar o argueiro da vista do teu irmão” (Mt 7,3-5).

Aparece, também, um segundo grupo de textos onde Jesus parece usar a palavra «irmão» com o sentido que os rabinos davam ao mesmo. Ou seja, estes gostavam de chamar «irmãos» aos seus discípulos. A este grupo pertencem frases importantes de Jesus, como a Pedro: “E o Senhor disse: «Simão, Simão, olha que Satanás pediu para vos joeirar como trigo. Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desapareça. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos”. (Lc 22,31s). A este grupo parecem pertencer alguns dos textos das aparições do Ressuscitado⁸⁰, onde a irmandade da qual Jesus fala vem marcada pela relação com Deus Pai. A fraternidade existente no texto da aparição de Jesus a Madalena – ver nota 56 – revela a relação existente entre os discípulos entre si e com o Mestre. Dentro da formalidade da formulação rabínica, já se encontra a superação que oferece a fraternidade cristã.

O terceiro grupo de textos dá-nos, ainda, mais pistas sobre o significado que Jesus quer atribuir à palavra «irmão». Neste contexto, Jesus oferece a palavra «irmão» como uma relação que os discípulos e seguidores nunca tinham suspeitado. Joseph Ratzinger diz que se

⁷⁸ São vários os textos onde a palavra «irmão» se refere à pertença à religião judaica, quase todos presentes no Evangelho de S. Mateus. Por exemplo: “Ouvistes o que foi dito: Não matarás. Aquele que matar terá de responder em juízo. Eu, porém, digo-vos: Quem se irritar contra o seu irmão será réu perante o tribunal; quem lhe chamar ‘imbecil’ será réu diante do Conselho; e quem lhe chamar ‘louco’ será réu da Geena de fogo. Se fores, portanto, apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa lá a tua oferta diante do altar, e vai reconciliar-te com o teu irmão; depois, volta para apresentar a tua oferta” (Mt 5,21-24).

⁷⁹ Cf. Ratzinger, *La fraternidad de los cristianos*, 41.

⁸⁰ Por exemplo, no Evangelho de S. João: «Não me detenhas, pois ainda não subi para o Pai; mas vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: ‘Subo para o meu Pai, que é vosso Pai, para o meu Deus, que é o vosso Deus’» (Jo 20,17b).

vai definindo o sentido «cristão» do termo.⁸¹ O texto do evangelista Marcos é eloquente: “Nisto chegam sua mãe e seus irmãos que, ficando do lado de fora, o mandam chamar. A multidão estava sentada em volta dele, quando lhe disseram: «Estão lá fora a tua mãe e os teus irmãos que te procuram.» Ele respondeu: «Quem são a minha mãe e meus irmãos?» E, percorrendo com o olhar os que estavam sentados à volta dele, disse: «Aí estão minha mãe e meus irmãos. Aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe.»” (Mc 3,31-35). O parentesco que vem dado pelo sangue é substituído pelo parentesco espiritual. A vivência comum de obediência à vontade do Pai cria um novo laço que supera o sanguíneo. A fraternidade não vem dada pelo código genético partilhado, mas pela abertura confiada a Deus, Pai de todos.

Na parábola⁸² do juízo final (cf. Mt 25,31-46), encontramos uma conceção do termo «irmão» como ainda não tínhamos encontrado. As obras de misericórdia são apresentadas por Jesus como modelo de atuação, sem condições. Aos que necessitam, Jesus chama «a estes meus irmãos pequeninos».⁸³ Não parece haver nada que nos leve a pensar que Jesus se refira aos crentes ou aos seus seguidores. Jesus expressa a universalidade que os ouvintes ainda não tinham experienciado acerca do seu próximo. Então, à pergunta: «quem é o meu próximo?»⁸⁴, Jesus parece responder com uma abertura ainda mais evidente. O jesuíta José Frazão ajuda-nos a fazer a ponte entre a fé e a vida:

“Contemplando Jesus nos Evangelhos – as narrativas do modo como realiza a história da sua liberdade entre nós e o modo como os discípulos o reconhecem como Messias –, saberemos que, com a inteligência dos nossos afetos e com a sensibilidade da nossa inteligência, nada do que é nosso, por mais pobre ou por mais rude que seja, nem nenhuma língua, são indignos de dizer Deus. Se já pela criação tudo tem o toque de Deus, pela encarnação do Verbo, tudo é confirmado como sua bênção. E até os lugares infernais da sua

⁸¹ Cf. Ratzinger, *La fraternidad de los cristianos*, 45.

⁸² Cf. Gianfranco Ravasi, *Quem és tu Senhor? Encontros e desencontros com o homem que mudou a História* (Águeda: Paulinas Editora, 2011). 102-103 Com as parábolas em geral, e esta em particular, Jesus pretende interpelar o auditório e suscitar a pergunta e reação. Nas parábolas que Jesus conta, existe um ponto de início concreto, que tende para um significado ulterior.

⁸³ A fraternidade encontra, aqui, a sua maneira de entregar-se e fazer-se visível. Neste texto, fraternidade e missão assumem significados idênticos, porque a própria essência da fraternidade leva-a a sair de si para entregar-se. Então, a missão deixa de ser aquilo que se faz, para ser a fraternidade que se entrega como dom. Na Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, o Papa Bento XVI ajuda-nos a entender esta dimensão quando diz: “A íntima participação pessoal nas necessidades e no sofrimento do outro torna-se assim um dar-se-lhe a mim mesmo: para que o dom não humilhe o outro, devo não apenas dar-lhe qualquer coisa minha, mas dar-me a mim mesmo, devo estar presente no dom como pessoa.” Bento XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas est.*, 2005, n. 34.

⁸⁴ Diante da mesma pergunta de um doutor da lei, Jesus conta a parábola do Bom Samaritano (cf. Lc 10,25-37).

ausência se abrem à possibilidade fecunda da Graça. A vida divina *re*-passa, de facto, os lugares vazios – todos os lugares – da nossa existência.⁸⁵

E acrescenta:

Mas, contemplando Jesus, saberemos, também, que é na qualidade das nossas relações que, em última instância, se decide o peso da nossa existência. Contra todos os cálculos e expectativas, é na decisão pela vida de um outro, correndo, se necessário, o risco de perder a própria, que a vida divina brilha na nossa. É diante de alguém que tem fome e sede, que está na prisão ou no hospital, que precisa de roupa ou de acolhimento que a vida de qualquer ser humano se decide (lembramos Mt 25, citação à qual nos convém regressar continuamente). Nestes lugares de periferia, e mesmo sem ser explicitamente reconhecido, Deus encarna-se, tanto no excesso de indigência de quem reclama misericórdia, como no excesso de compaixão de quem a manifesta. O que pareceria impossível é confirmado em Jesus: para cada homem e para cada mulher, crente ou não crente, o que está entre morte e vida – pode ser abismo ou ponte – é um excesso, uma possibilidade de superação de si a favor de um outro.”⁸⁶

4.2. Reflexão teológica

Não pode haver dúvidas: a fraternidade cristã não é apenas um ideal a realizar mas, sobretudo, uma realidade criada por Deus em Cristo, da qual nos permite participar.

É a paternidade de Deus que confere fundamento à fraternidade cristã. De «Deus Pai» podem falar várias religiões mitológicas e até correntes filosóficas⁸⁷, no entanto aquilo que afirma a fé cristã é substancialmente diferente, quando afirma «Pai Nosso».

O Catecismo da Igreja Católica resume de maneira brilhante esta diferença:

“Pai «nosso» refere-se a Deus. Quanto a nós, o «nosso» não exprime uma posse, mas uma relação totalmente nova com Deus. Quando dizemos Pai “nosso”, reconhecemos, antes de mais nada, que todas as suas promessas de amor, anunciadas pelos profetas, se cumpriram na nova e eterna Aliança no seu Cristo: nós tornamo-nos «seu» povo e Ele é, desde agora, o «nosso» Deus. Esta relação nova é uma pertença mútua, dada gratuitamente: é com o amor e

⁸⁵ José Frazão Correia, *A fé vive de afeto* (Águeda: Paulinas Editora, 2013), 105-106.

⁸⁶ *Ibidem*. 106.

⁸⁷ Platão e o deísmo da Idade Moderna são alguns exemplos.

a fidelidade que temos de responder «à graça e à verdade» que nos foram dadas em Cristo Jesus” (Jo 1,17).⁸⁸

Porque, no sentido cristão, Deus não é apenas o Pai cósmico,⁸⁹ mas sobretudo o “Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo”. No sentido cristão, Deus é Pai, pessoal e personalista, que dá sentido ao seu ser pai e ao sentido da fraternidade entre os seus filhos.⁹⁰ Deus não é o Deus dos filósofos, mas sim o Deus de «Abraão, Isaac e Jacob», não é o «Deus universo» mas o Deus que asumi a nossa carne.⁹¹

A novidade da filiação segundo o Novo Testamento não tem um sentido psicológico,⁹² nem uma atitude meramente subjetiva,⁹³ nem sequer uma ideia excepcional, mas uma nova realidade inaugurada por Cristo. A fraternidade cristã insere-se dentro da incorporação a Cristo, acontecimento de salvação. O acto de incorporação dá-se primeiramente pelo batismo⁹⁴ e segue pela eucaristia.⁹⁵

A fraternidade cristã baseia-se profunda e definitivamente na fé que nos assegura que somos realmente filhos do Pai e irmãos uns dos outros.⁹⁶

A oração do Pai Nosso torna-se, neste sentido, essencial. O Cardeal Ratzinger oferece-nos uma explicação belíssima desta maravilhosa oração:

“O Pai Nosso não é o clamor de uma alma isolada que apenas reconhece a presença de Deus e a sua. É uma alma que está unida à comunidade de irmãos que forma o único Cristo, no qual e em qual podemos e devemos chamar

⁸⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 2786-2787.

⁸⁹ Como advogam algumas cosmologias e cosmogonias.

⁹⁰ Ratzinger, *La fraternidad de los cristianos*, 64.

⁹¹ “Que há de novo no Deus encarnado em Jesus e revelado por ele? Nada e tudo. É o mesmo Deus que o de Abraão e de Moisés. Mas a luz é nova. E esta torna tudo novo. É a experiência de que o Deus dos filósofos é totalmente diferente daquilo que d’Ele pensaram os filósofos, e que esse Deus, que é a Verdade por excelência e o fundamento de todo o ser, é também o Deus da fé e o Deus dos humanos: é o Deus do amor, é Amor. Neste ponto, a mensagem do evangelho e a imagem cristã de Deus vêm ao encontro da filosofia e dizem que o amor é mais sublime do que o pensamento puro. O pensamento absoluto é amar, dar-se ao outro para se transcender a si próprio no outro. Esse Amor manifestou-se definitivamente ao encarnar em Jesus. Por isso, o cristianismo é humanismo, porque permite a divinização do ser humano ao este acolher a riqueza do amor de Deus no humano Jesus.” Acedido 12 de setembro de 2020, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/a-essencia-do-cristianismo-encarnacao-de-deus-no-homem/>.

⁹² Cf. Dietrich Bonhoeffer, *Vida en comunidad.*, 6ª (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1995), 26-27.

⁹³ Não podemos esquecer que a vocação cristã se reveste de dimensão comunitária.

⁹⁴ Este trabalho não pretende aprofundar a dimensão sacramental configuradora que oferece o batismo, embora reconheça a sua relevância para uma compreensão mais abrangente do termo “fraternidade cristã”.

⁹⁵ A Carta Encíclica *Mysterium Fidei*, do Papa Paulo VI, retrata de maneira maravilhosa o culto da Sagrada Eucaristia e escarpeliza o seu lugar na vivência cristã. Acedido 12 de setembro de 2020, http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_03091965_mysterium.html Neste contexto, reiteramos o que foi expressado na nota 94, alusiva ao batismo.

⁹⁶ Cf. Ratzinger, *La fraternidad de los cristianos*, 70.

«Pai» a Deus, porque só n'Ele e por Ele somos filhos. Por tanto, não é correto dizer que Cristo ensinou os homens a chamar «Pai» a Deus. O mais correto é dizer, com todo o rigor, que Jesus os ensinou a dizer «Pai nosso», e o adjetivo «nosso» não é menos importante que o substantivo «Pai».⁹⁷

A fé profunda no Pai Nosso, exposto e vivido por Jesus, transformará a nossa atitude diante de Deus e dos irmãos. É de Jesus, e dos seus seus discípulos, que temos que aprender a ser família.⁹⁸ Neste contexto, podemos afirmar que a fé nos leva a viver em profunda conversão.⁹⁹ Porque a conversão de que falamos não é uma mudança no sistema de crenças, mas a adesão a uma Pessoa. Não se trata de alterar o conteúdo daquilo que acreditamos, mas de aderirmos a Pessoa concreta. Então, diante de Deus, a conversão deixar-nos-á mais confiados e acolhedores da vida que nos foi gratuitamente oferecida. Diante dos irmãos deixar-nos-á mais empáticos¹⁰⁰ e companheiros.¹⁰¹

Ser cristão é incorporar-se a Cristo com a consequência de que somos «filhos no Filho». Cristo é a figura à qual tende o ser humano. Cristo é o homem por autonomasia. Cristo é o *ecce homo*.¹⁰² A fé é realmente o que nos torna a todos «homem novo»¹⁰³ em

⁹⁷ Ibidem. 71.

⁹⁸ “É muito estranho aplicar o termo «irmãos» a pessoas que não participam dos mesmos laços genéticos ou da mesma história familiar desde a mais tenra infância. Pois bem, o clima produzido entre os discípulos de Cristo era irrigado com um amor tão elevado e difícil de ser explicado que os tornava membros de uma família. Uma família que está para além dos limites dos laços genéticos, que não é um mero grupo social reunido, mas possui a mesma história interior, na qual cada membro torce pelo outro e contribui para promover o seu crescimento interior. Aqueles homens que nunca pensaram dar-se aos estranhos e que eram tão individualistas passaram a chamar-se carinhosamente de irmãos.” Cf. Augusto Cury, *O mestre dos mestres. Jesus, o maior educador da história*. (Alfragide: Lua de Papel, 2018), 169.

⁹⁹ Cf. Luigi Maria Epicoco, *Sal, não mel. Para uma fé que incendeie*. (Lisboa: Paulus Editora, 2019), 13-16.

¹⁰⁰ “A empatia permite perceber que a existência por natureza nunca está isolada: existe apenas na comunicação e na certeza da existência de outros. O egocentrismo, a indiferença, o cinismo, o rancor vencem-se com este sentimento: deste modo dá-se lugar ao outro passando do medo do acolhimento ao encontro.” Cf. Enzo Bianchi, *Procura os outros. A fraternidade e a esperança*. (Lisboa: Paulus Editora, 2013), 17-18. Para aprofundar a *empatia* como critério ético, ver também J. Martín Velasco et al., *Humanización y Evangelio*, ed. J. C Bermejo (Madrid: Editorial PPC, 2015).

¹⁰¹ “A bela palavra “companheiro” vem do latim *cum panis*, que significa “com pão”. Companheiros são aqueles que compartilham o pão uns com os outros. C. H. Spurgeon costumava dizer que os cristãos e os não-cristãos eram exatamente iguais, como mendigos em busca de pão, a única diferença é que os cristãos encontraram a padaria.” Acedido 19 de setembro de 2020, <https://iqc.pt/edificacao/literatura/respigos/14367-cum-panis>.

¹⁰² A expressão *Ecce Homo*, presente no evangelho de S. João (cf. Jo 19,5), está cheia de significado antropológico. Cf. Javier Melloni, *El Cristo interior* (Espanha: Herder Editorial, 2010), 95-98. Neste capítulo, o jesuíta Javier Melloni oferece-nos uma meditação sobre o sofrimento, tendo em conta o contexto em que foi proferida essa frase: Jesus estava prestes a ser crucificado.

¹⁰³ Esta teologia é desenvolvida por S. Paulo na *Carta aos Romanos*, *Carta aos Efésios* e *Carta aos Colossenses*.

Cristo, oferecendo a possibilidade de desprender-nos do nosso ego para que Cristo seja o Mestre interior.¹⁰⁴

Quando Jesus estabelece este papel na vida de cada cristão, inaugura-se o Reino de Deus.¹⁰⁵ O Reino de Deus, tal como a fraternidade, “já está presente mas ainda não”¹⁰⁶, então torna-se necessário redescobrir cada pessoa como irmão, a partir da perspectiva da filadelfia.¹⁰⁷ O respeito pela individualidade torna-se indispensável como pressuposto da fraternidade. Já o dissemos: pelo facto de ser criado à imagem e semelhança de Deus, o ser humano participa dos atributos divinos: bondade, ternura, misericórdia, liberdade, verdade, etc. Mesmo assolado pelo pecado, esta realidade não se extingue, porque a redenção torna possível uma filiação em Cristo Jesus. Esta interpretação resgata a pessoa humana, porque, se somos filhos no Filho, somos irmãos. Neste sentido, não pode haver medo, nem segregação, nem maniqueísmo¹⁰⁸ em relação à visão cristã da pessoa. Apenas promoção e valorização da mesma.

Neste sentido, podemos falar das duas dimensões da fraternidade cristã: a dimensão horizontal e a dimensão vertical.¹⁰⁹

Antes de avançarmos para a explicação de ambas as dimensões, parece-nos pertinente recordar a mensagem do Papa Paulo VI para o IV Dia Mundial da Paz, de 1971, porque aglutina, de forma coerente, a dimensão vertical e horizontal da fraternidade que pretende fazer-se visível através da paz. Refere o Papa:

“A verdadeira paz deve ser fundamentada sobre a justiça, sobre o sentido da intangível dignidade humana, sobre o reconhecimento de uma inalienável e feliz igualdade entre os homens, sobre o dogma fundamental da fraternidade humana, isto é, do respeito, do amor devido a cada homem, porque é homem.

¹⁰⁴ Cf. Melloni, *El Cristo interior*, 10-11.

¹⁰⁵ O «Reino de Deus» (ou «Reinado de Deus» como preferem chamar alguns teólogos, consoante as traduções) é o centro da predicação do Jesus histórico.

¹⁰⁶ Esta terminologia refere-se à dimensão escatológica das realidades. Foi uma terminologia propalada pelo teólogo Oscar Cullmann, para referir-se à tensão existente entre a salvação do «já» após a ressurreição de Cristo, e o «ainda não» da consumação.

¹⁰⁷ Filadélfia não se refere a uma das sete igrejas das quais fala o Livro do Apocalipse (nem sequer à cidade norte-americana), mas ao sentido etimológico da mesma: *philos* (amor) + *adelphos* (irmão). Poderíamos traduzir como «amor fraterno».

¹⁰⁸ Num contexto religioso, o maniqueísmo poderia definir-se como “doutrina religiosa criada no século III por Manes (cerca de 215-275), heresiarca persa que defendia que a realidade é dominada por dois princípios antagónicos, o bem e o mal, e que é dever do ser humano auxiliar o bem através de práticas ascéticas. Acedido 19 de setembro de 2020, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/manique%C3%ADsmo>.

¹⁰⁹ Utilizaremos, como fio condutor da exposição, o Dicionário de Espiritualidade. Cf. *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, 576.

Emerge com ímpeto a palavra vitoriosa: porque é irmão. Meu irmão, nosso irmão (...) E, também estamos em condições de apresentar o argumento supremo: o da Paternidade divina, comum a todos os homens, proclamada a todos os crentes (...) Uma verdadeira fraternidade entre os homens, para ser autêntica e obrigante, supõe e exige uma Paternidade transcendente e repleta de amor metafísico, de caridade sobrenatural.”¹¹⁰

A dimensão vertical corresponde às respostas da exigência da fraternidade que vem de cima. A Palavra de Deus está na base da fraternidade, porque é única e unitária e situa-se como caminho de convergência, de união, de busca comum. Como força eficaz, a Palavra de Deus é sacramento de unidade. Não podemos esquecer que, neste sentido, a Palavra de Deus é o próprio Cristo (cf. Jo 1,1-18), a pedra angular que os arquitetos do edifício da comunidade rejeitaram (cf. Ef 2,20). Cristo é o irmão universal. A oração representa um dos encontros comunitários mais eficazes, porque “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles.” (Mt 18,20). Rezar juntos significa repetir as atitudes de fraternidade que caracterizaram os primeiros discípulos, assíduos à oração comum (cf. At 1,14; 2,42), porque os orienta para o centro comum: Deus. A eucaristia é um dos vértices da oração comunitária. Ela é comunhão, porque comporta estar juntos no Cristo sacramental e com os irmãos.¹¹¹ A eucaristia é celebração do sacrifício de Jesus, e convida à solidariedade com o irmão e irmã que sofre (cf. Mt 25,31-46), e a lutar para libertação das pessoas. A eucaristia é memorial, repetição eficaz dos gestos e palavras de Cristo. Convida, também, a assemelhar-se a Jesus servo que se esvaziou a si mesmo, tomando a condição de servo, (cf. Fl 2,7) e lavou os pés aos seus irmãos (cf. Jo 13,1-17).¹¹²

A dimensão horizontal refere-se à *koinonia*, ícone da comunidade apostólica primitiva. Ainda que esta solução se limite a uma erupção eclesial entusiasta – e, quiçá, irrepetível –, torna-se modelo de construção de fraternidade. Comunhão é estar juntos, colocar a própria pessoa junto a outras, doar-se aos irmãos. É comungar (não nos referimos ao corpo de Cristo sacramentado) a própria existência junto com a de outros.¹¹³ Neste sentido, e aludindo à tradição evangélica, a fraternidade também se constrói através da

¹¹⁰ Cf. Papa Paulo VI, *Mensagem para o IV Dia Mundial da Paz*, ed. Libreria Editrice Vaticana, 1971.

¹¹¹ Cf. *Nuevo Diccionario de Espiritualidad*, 576-577.

¹¹² Enquanto que a tradição sinóptica e paulina recuperam as palavras de Jesus na Última Ceia – “Fazei isto em memória de mim” –, a teologia paulina prefere ilustrar a Última Ceia com a cena do lavatório dos pés. Ediberto López Rodríguez, aludindo a um livro de Santiago Guijarro, opina que esta cena representa uma “parábola profética que nos apresenta Jesus como um exemplo para o grande desafio que os seus discípulos enfrentarão, ou seja, rejeitar o poder para poderem viver o serviço e o amor.” Acedido 19 de setembro de 2020, https://www.workingpreacher.org/preaching.aspx?commentary_id=2795.

¹¹³ Não devemos esquecer que as palavras “comungar” e “comunicar” têm a mesma raiz latina: *communicare*.

correção fraterna (cf. Mt 18,18) e do perdão oferecido vezes sem conta (cf. Mt 18,21-35). A fraternidade não pode prescindir da correção fraterna, porque se insere dentro da *filadelfia*. Não nos referimos à correção fraterna como oportunidade para a crítica fácil, ou condena de alguém.¹¹⁴ Trata-se de um favor que fazemos ao irmão, porque o queremos ver crescer, humana e espiritualmente. O perdão e a correção fraterna colocam à prova o realismo da fraternidade. A obediência ao Evangelho requer a necessidade do perdão e da correção fraterna.

Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!¹¹⁵

As ideias expostas neste primeiro capítulo pretendem fundamentar um caminho processual: de criatura a irmão. O processo antropológico descrito neste capítulo passa por três fases, tendo sempre em conta a perspectiva cristã da antropologia: somos criatura de Deus, feitos à sua imagem e semelhança. Que relação pode estabelecer-se entre esta certeza fundante, que dá sustentabilidade à vida, e a cultura atual, onde tudo parece efêmero e passageiro? O capítulo seguinte tratará de colocar-nos em contexto social e cultural.

¹¹⁴ O número 9 da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* recolhe a tensão atual, existente na vida humana, entre a civilização da fraternidade e o ódio, podendo o ser humano utilizar os mecanismos para uma dupla finalidade: “O mundo actual apresenta-se, assim, simultaneamente poderoso e débil, capaz do melhor e do pior, tendo patente diante de si o caminho da liberdade ou da servidão, do progresso ou da regressão, da fraternidade ou do ódio. E o homem torna-se consciente de que a ele compete dirigir as forças que suscitou, e que tanto o podem esmagar como servir.” Cf. Concílio Vaticano II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes.*, 1965, n. 9.

¹¹⁵ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho* (Lisboa: Paulus Editora, 2013), n. 101.

CAPÍTULO II: DESFAZER-SE DE DEUS?

O presente capítulo pretende oferecer algumas pistas acerca da pergunta sobre a existência – em que medida e de que maneira – de Deus no agir humano, antropológico, da sociedade contemporânea. Não pretende ser uma explicação exaustiva do fenómeno social atual, mas sim um conjunto de *pinceladas* que ajudem a construir o quadro da vinculação religiosa atual. É uma contemplação parcial, a partir da experiência religiosa cristã, do fenómeno poliédrico no qual está mergulhada a cultura vigente. É nesse sentido que nos introduziremos no conceito de *secularização*, distinguindo-o de *laicidade*. Posteriormente, aprofundaremos a vivência religiosa atual sob dois paradigmas emergentes e olharemos, magisterialmente falando, para o contributo da Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*.

1. Secularização: de que estamos a falar?

A secularização pode definir-se como o

“processo através do qual a religião perde a sua influência sobre as variadas esferas da vida social. Esta perda de influência repercute-se tanto no número de membros e suas práticas, como na perda de prestígio das igrejas e organizações religiosas, repercutindo-se esta perda na influência na sociedade, na cultura, na diminuição da sua riqueza, e, por fim, na desvalorização das crenças e nos valores a elas associados.”¹¹⁶

Esta definição sintetiza as duas posições assumidas por Fernando Catroga, no seu livro *Entre Deuses e césares. Secularização, laicidade e religião civil*. No seu estudo, ele afirma que:

“tais interpretações (do termo secularização) podem ser resumidas a duas posições-tipo, embora ambas consintam misturas e compatibilizações. Uma definiu a secularização como a saída de sectores da sociedade e da cultura do domínio do religioso (Peter Berger), em consequência da irradiação de princípios enformadores da mundividência moderna (...) A outra tipificação equaciona-a como uma transferência do conteúdo, dos esquemas e dos modelos elaborados no campo religioso, para o campo profano, o que acaba por relativizar a novidade radical dos tempos modernos, assim reduzidos à

¹¹⁶ Acedido 26 de setembro de 2020, [https://www.infopedia.pt/\\$secularizacao](https://www.infopedia.pt/$secularizacao). Esta será a definição que estará subjacente ao longo do trabalho.

condição de herdeiros, não obstante todas as suas ilusões de auto-fundação.”¹¹⁷

Em suma, quando nos aproximamos desta problemática entramos no âmbito da pergunta: “Onde está Deus numa sociedade que parece organizar-se sem ele?”¹¹⁸ Para o teólogo alemão Karl Rahner, Deus é o mais importante, porque é o problema do nosso tempo.¹¹⁹

2. A laicidade dentro da comunidade cristã

O termo *laicidade* traduz, de certa forma, a “afirmação da autonomia e da consistência do mundo profano em relação à esfera religiosa. Isto é, trata-se da mundanidade do mundo.”¹²⁰ Laicidade, nesse sentido, equivale à «secularidade», ao reconhecimento do valor próprio do *saeculum*, do conjunto de realidades, de relações e de escolhas mundanas que constituem a existência quotidiana de todo o ser humano. Uma atitude isolacionista e autossuficiente da Igreja perante o mundo moderno, seria favorável à secularização. A realidade de um mundo sem Deus diante da qual nos encontramos, é em parte apenas a reação de um Deus sem mundo, na percepção de Walter Kasper.

O Concílio Vaticano II reconheceu a dignidade e a autonomia própria de cada batizado e o papel dos leigos dentro e fora da Igreja:

“É própria e peculiar dos leigos a característica secular. Com efeito, os membros da sagrada Ordem, ainda que algumas vezes possam tratar de assuntos seculares, exercendo mesmo uma profissão profana, contudo, em razão da sua vocação específica, destinam-se sobretudo e expressamente ao sagrado ministério; enquanto os religiosos, no seu estado, dão magnífico e privilegiado testemunho de que se não pode transfigurar o mundo e oferecê-lo a Deus sem o espírito das bem-aventuranças. Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus.”¹²¹

A Igreja admite a laicidade no seu interior como uma dimensão que qualifica todo o corpo dos batizados com exceção dos ministros ordenados e dos religiosos. No entanto, não

¹¹⁷ Cf. Fernando Catroga, *Entre Deuses e césores. Secularização, laicidade e religião civil.*, 2ª (Coimbra: Edições Almedina, 2010), 16-17.

¹¹⁸ Cf. Julián Carrón, *Onde está Deus?*, 1ª (Lisboa: Paulus Editora, 2020).

¹¹⁹ Cf. Karl Rahner, *Dios, amor que desciende. Escritos espirituales.* (Santander: Sal Terrae, 2008), 17-18.

¹²⁰ Cf. Ugo Benedetti, *L'interpretazione della laicità.* in *VV. AA. Laicità nella Chiesa* (Milão: Paulinas Editora, 1977), 182.

¹²¹ Cf. Concílio Vaticano II, *Constituição Dogmática Lumen gentium*, 1964, n. 31.

pode nem deve cair na armadilha de acreditar que continuamos a viver um *regime de cristandade* no seio do qual se pode impor *urbi et orbi* a verdade absoluta.¹²² A laicidade não deve ser um problema para a Igreja, no parecer de Frei Fernando Ventura. No entanto, não deve eixar de denunciar os sinais de laicismo da sociedade.¹²³

As origens históricas da vinculação entre leigos e o mundo remonta ao imperador romano Constantino, onde os crentes dedicados às coisas espirituais e religiosas se confrontam com os defensores seculares. Este modo de ver o mundo – laicista - renascerá na época modernista.

A laicidade da Igreja fala-nos da responsabilidade de todos os batizados¹²⁴ (e não só dos leigos) em vista da ordem temporal: nesse sentido, a laicidade é vista como dimensão da missão da encarnação na História, que brota da ordenação para o serviço e para a missão inserida na antropologia da graça. Cada batizado é chamado a ser alguém atuante na situação histórica em que vive, exercendo o papel crítico-profético, que o confronto entre a palavra da fé e o presente suscita nele. Cada um é chamado a colocar os seus dons e carismas, dentro da Igreja e no mundo, ao serviço de todos segundo o chamamento que recebe do Espírito. Com efeito, gera-se uma forma dialógica e jamais axiomática de estar no mundo, essencial para a procura da verdade. Uma verdade não em sentido absoluto, mas de vivência e de valores comuns, aos quais a humanidade não poderá escapar.¹²⁵

É preciso sempre viver o esforço de diálogo entre cultura e Evangelho, os dois princípios considerados na sua autonomia e resistência recíproca.¹²⁶ Somente a esse preço se atua a inculturação da mensagem, sem o que o anúncio ressoe vazio e insignificante, e se realiza a catolicidade da Igreja, entendida como sua vocação para a plenitude, que é Cristo.¹²⁷

Concluindo: o diálogo que a Palavra liberta pela sua força crítica e libertadora em relação a todas as situações humanas não se pode proceder por deduções da revelação diante da variedade das situações históricas, procurando na mensagem a resposta já pronta para as

¹²² Cf. Frei Fernando Ventura e Joaquim Franco, *Do eu solitário ao nós solidário. Deus, o homem o mundo, numa conversa sem rede ou preconceitos*. (Lisboa: Verso da Kapa, 2011), 84.

¹²³ Ibidem.

¹²⁴ Cf. Francisco, *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho*, nn. 119-121.

¹²⁵ Cf. Umberto Eco e Carlo Maria Martini, *En qué creen los que no creen? Un diálogo sobre la ética en el fin del milenio*, 5ª (Madrid: Ediciones Temas de hoy, 2000), 138-139.

¹²⁶ Cf. Anselm Grun e Tomás Halík, *Deshacerse de Dios? Cuando la fe y la increencia se abrazan*, ed. Winfried Nonhoff (Santander: Sal Terrae, 2017), 212-232. Os autores utilizam o episódio de S. Paulo no Aerópago de Atenas como metáfora do diálogo entre a fé cristã e a incredulidade existente na sociedade atual.

¹²⁷ Ibidem.

interrogações e para as urgências do presente, mas sem a receção cuidadosa e crítica da laicidade do mundo, sem o diálogo aberto e disponível com o interlocutor mundano, a Palavra permanece encarcerada.¹²⁸

A eclesiologia do diálogo e do serviço não é perda de identidade da Igreja, mas reencontro dessa identidade a nível mais alto, próprio da exigência evangélica de “perder” a vida para “salvá-la” (cf. Mt 10,39). A receção da laicidade do mundo torna-se assim uma dimensão da qual não pode prescindir uma Igreja que queira ser presença de salvação entre os seres humanos de hoje.

3. Atualmente, o que estamos a viver?

“O mundo em que vivemos mostra-se nebuloso e sombrio, escorregadio e líquido, sem rostos, sem referências, sem pradarias, sem caminhos, sem fontes e sem céu. Parece que também sem chão. É um mundo assente no senhor «eu» penso, quero, posso, mando, compro, sou visto. «Eu» em nominativo, dono de tudo, sozinho no meio dos objetos, que não se recebe de ninguém: sem umbigo, portanto sem mãe; sem fé, portanto sem Deus; excesso e abcesso de autonomia, sem nenhuma heteronomia, alteridade ou exterioridade. Sete biliões de senhores e de solidões alérgicas.”¹²⁹

Estas palavras de D. António Couto, atual bispo de Lamego, ilustram, no meu parecer, o contexto atual em que vivemos. Neste sentido, o «eu» encarrega-se de ser o centro do mundo.¹³⁰

Na atualidade, a ocorrência de grandes mudanças sociais, culturais, económicas, políticas éticas e morais, mesmo, transformações estruturais, marcadas pelo fenómeno da globalização, exerceram grande influência sobre as condições e formas de vida das novas gerações. Parece evidente: não é a mesma coisa absorver, socialmente falando, os valores do século XXI ou do século XII, para dar um exemplo. É neste sentido que se fala de uma nova antropologia, isto é, uma nova identidade humana, que deve nascer da síntese das realidades históricas vividas e assimiladas.

Os analistas mais “pessimistas” pensam que nessa nova antropologia haverá pouco espaço para a doutrina e para a fé da Igreja, fidelidades para toda a vida, relação do tempo com a eternidade, pertença a uma mesma comunidade de referência (que dá sentido de

¹²⁸ Benedetti, *L'interpretazione della laicità. in VV. AA. Laicità nella Chiesa*, 145.

¹²⁹ Cf. António Couto, *Leitura do tempo em que vivemos*. (Óbidos: Aletheia Editores, 2020), 5.

¹³⁰ Vasco Pinto de Magalhães sj, *Só avança quem descansa. A sabedoria do tempo.*, 6ª (Coimbra: Edições Tenacitas, 2017), 26.

pertença mas também compromete) que é a mesma hoje e há dois mil anos, fruto da Tradição. Ainda que, neste caso, falemos da fé cristã, o sintoma estende-se a todas as tradições religiosas. Diz-nos Maria Leandro:

“As religiões, atualmente, são opções entre outras, e menos objeto de uma transmissão familiar, de um percurso catequético ou do meio envolvente muito menos imbuído do espírito religioso algo espontâneo (...).”¹³¹

De facto, vivemos hoje numa época de individualismo, onde as decisões são tomadas sem considerar as consequências que podem ter na vida dos outros, aliado a uma sociedade narcisista¹³² e competitiva, onde os valores tradicionais assumem uma nova roupagem. Neste sentido, o individualismo nasce de uma exacerbação da autonomia, valor tão apreciado e defendido pela nossa cultura ocidental. Ninguém duvida da dimensão positiva que incutiu nas pessoas e nas sociedades, facilitando a personalização e o “assumir a construção do seu próprio itinerário vital”. No entanto, a dimensão negativa também está presente, porque a autonomia fechada em si mesma leva ao individualismo. Sem relação, a autonomia atrofia. A orientação do indivíduo para si mesmo acarreta uma maior carga de pressão sobre o ‘eu’ que, em vez de maior coerência vital, parece produzir no homem um maior stresse e caos interno.¹³³

O individualismo também se difundiu, com maior ou menor intensidade, segundo as regiões do mundo, “sob as mais diversas formas: necessidade de protagonismo; a exagerada insistência sobre o bem-estar físico, psíquico e profissional; a prioridade absoluta dada às próprias aspirações pessoais e ao próprio caminho individual, sem preocupar-se pelos outros e sem verdadeira referência à Comunidade.”¹³⁴ A ideologia, neste contexto, também está na ordem do dia.¹³⁵ Normalmente utiliza-se a famosa expressão: *A minha liberdade termina quando começa a do outro*. Esta frase, ainda que proferida com boa intenção, parece esconder um preconceito: a vida dos seres humanos, no terreno da liberdade, não se vincula ou entrecruza. Neste sentido, escreve o filósofo Buyng-Chul Han:

¹³¹ Maria Engrácia Leandro, «Lógicas ultramodernas do sociétal e do religioso», *Theologica*, 2012, 633.

¹³² Cf. Halík, *Quero que tu sejas. Podemos acreditar no Deus do amor?*, 159-172. Nestas páginas o autor debruça-se sobre o *lago enganador de Narciso*.

¹³³ Cf. José A. García, *Ventanas que dan a Dios. Experiencia humana y ejercicio espiritual*. (Cantabria: Sal Terrae, 2010), 71.

¹³⁴ Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *Vida fraterna em comunidade* (Braga: Editorial A.O, 1994), 53. Ainda que este documento se destine à Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, algumas ideias, como a citada, servem como argumentação para este trabalho, dado que alude a vivências antropológicas transversais.

¹³⁵ Cf. Timothy Keller, *Falsos deuses. As promessas vazias de dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que importa* (Águeda: Paulinas Editora, 2012), 13.

“quando toda a dualidade se extingue (fala do amor na alteridade) cada um de nós asfixia-se a si mesmo. Quando falta a dualidade cada um funde-se consigo próprio. Esta fusão nuclear narcisista torna-se mortal (...) O amor torna possível voltar a criar o mundo a partir da perspectiva do outro e abandonar o rotineiro. É um acontecimento que faz com que comece algo totalmente diferente. Hoje, pelo contrário, habitamos no *cenário de cada um*.”¹³⁶

Aliado a esta vivência, encontra-se a evidência de que, cada vez mais, se foi perdendo a capacidade de escutar.¹³⁷ E sabemos, que no terreno da fé da vivência religiosa, torna-se imperativo escutar.¹³⁸ Escutar é abrir-se ao outro, para que ele possa revelar-se como dom para nós.

Os jovens (faixa etária colocada em evidência depois do último Sínodo¹³⁹) vivem hoje com referências que se movem num terreno movediço, onde predomina o relativismo¹⁴⁰ individualista. Ora, tal cenário implica mudanças nas orientações dos valores e dos próprios jovens nas várias etapas da sua vida, mudanças de valores ao nível do compromisso, da participação na Igreja e na relação com Deus. Faltam referências sólidas. Segundo Armando Matteo, os adultos estão a hipotecar o seu futuro, os jovens estão num “presente suspenso” e, por isso, entregam-se aos “braços niilistas” do mesmo.¹⁴¹

Vivemos numa sociedade que já não é tanto contra Deus e contra a Igreja mas, numa sociedade sem Deus e sem Igreja, estando perante a “primeira geração incrédula.”¹⁴² Assistimos a uma nova realidade juvenil, que acusa uma surdez geral a tudo o que se relaciona com Deus, com a fé, a oração ou a comunidade. E esta surdez caracteriza-se por uma falta de sintonização, ou uma ausência de antenas para aquilo que a Igreja é e realiza, quando vive e celebra o Evangelho.

Com maior importância, continua Maria Leandro:

¹³⁶ Cf. Byung-Chul Han, *La expulsión de lo distinto*. (Barcelona: Herder Editorial, 2017), 110.

¹³⁷ Ibidem. 113.

¹³⁸ Etimologicamente, a palavra “escutar” está vinculada à palavra “obediência” (ob audire), dado que aquele que obedece é aquele que se predispõe a escutar.

¹³⁹ O Sínodo teve como temática: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. O documento elaborado pelo Sínodo intitula-se “Christus vivit”. Cf. Papa Francisco, *Cristo vive. Christus vivit*. (Lisboa: Paulus Editora, 2019).

¹⁴⁰ Cf. José Luis Moral, *Ciudadanos y cristianos*. (Madrid: Editorial San Pablo, 2007), 237. Nesta página concreta, o autor pergunta-se: “A pesar de todo, el pluralismo no nos condena al relativismo, sometiendo la verdad a definiciones más o menos arbitrarias de la realidad?”

¹⁴¹ Cf. Armando Matteo, *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*. (Águeda: Paulinas Editora, 2013), 82.

¹⁴² Ibidem.

“a religião, continuando a revelar-se como um amparo importante, quiçá um refúgio, participa igualmente de uma organização social fundamentada na individualização e liberdade das escolhas, mesmo sendo objeto de várias configurações e disposições. Por tudo isto, não escapa aos fenómenos da relativização e da fragmentação.”¹⁴³

Esta realidade é evidente pelo nascimento da religião *à la carte*, dos que são crentes à sua maneira ou dos que adotam um religião própria segundo as suas conveniências e convicções, recusando os aspetos mais exigentes da mesma. Neste sentido, a religião serve apenas de decoração de uma personalidade ou maneira de atuar, não havendo uma identificação com os princípios que a definem.

O Papa Francisco escreve na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* que

“o processo de secularização tende a reduzir a fé e a Igreja ao âmbito privado e íntimo. Além disso, com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo; e tudo isso provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e juventude.”¹⁴⁴

4. O peregrino e o convertido¹⁴⁵: dois paradigmas da vivência religiosa atual

Ao longo dos tempos a sociologia das religiões tem vindo a debruçar-se sobre as questões relacionais entre as experiências religiosas dos indivíduos, as instituições sociais do religioso e a modernidade. A sociologia tem sido direcionada para a situação entre a modernidade e a religião¹⁴⁶ (dialeticamente), atendendo à dispersão das crenças e das condutas e à desregulação institucional do religioso. Neste sentido, Hervieu-Léger questionou-se sobre a possibilidade de reconhecer a pluralidade e a singularidade do crer, na modernidade, sem abdicar da compreensão do factor religioso. Sendo o religioso “a dimensão transversal do fenómeno humano” que abarca a realidade social, cultural e psicológica.

¹⁴³ Cf. Leandro, «Lógicas ultramodernas do sociétal e do religioso», 633.

¹⁴⁴ Francisco, *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho*, n. 64.

¹⁴⁵ Utilizaremos, como fio condutor deste tema, a obra de Danièle Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido: a religião em movimento* (Lisboa: Gradiva, 2005).

¹⁴⁶ Moral, *Ciudadanos y cristianos*, 220.

Apenas poderemos compreender a complexa relação entre a modernidade e a religião se atendermos à teoria da secularização que, durante um longo período, teve uma grande influência sobre a situação religiosa das sociedades ocidentais. A modernidade caracteriza-se pela racionalidade, onde os meios se adaptam aos respetivos objetivos.¹⁴⁷ Embora esta racionalidade não se imponha em todos os contextos da vida social, tem mobilizado as sociedades modernas. A modernidade marca a rutura com a tradição, o homem ganha uma maior autonomia, passando a ter um maior poder de decisão sobre a sua própria vida e determinando orientações sobre o que o rodeia.

Com a modernidade, a organização social sofre uma diferenciação das instituições, verificando-se a separação da política, da religião, da economia, da ciência, da arte, entre outras. No entanto, a autonomia entre estes domínios é apenas relativa, pois estão patentes várias relações e interferências entre eles. Este processo de diferenciação culminou na “laicização” das sociedades modernas, pelo que a vida social deixou de estar dependente das regras de qualquer instituição religiosa. Com a modernidade, a religião deixa de constituir um código a ser imposto a todos, a crença e a participação religiosa tornam-se opcionais, tornam-se substância privada decorrentes da consciência de cada um. É um sinal dos tempos.¹⁴⁸

É nos tempos modernos que ocorre a separação entre o estado político e a vida privada, no entanto, não deixa de ser contraditório que as sociedades ocidentais tenham como base, para os seus princípios e representações do mundo, a religião. A secularização das sociedades modernas remete para a perda de influência de sistemas religiosos sobre a sociedade, passando esta a pensar-se e a organizar-se a si mesma como autónoma. Embora a modernidade das sociedades ocidentais se tenha edificado sobre a rutura com a religião, que possibilitou a autonomia do ser humano e da sua razão, o modo de conceber a História continua associado à escatologia. Por outro lado, apesar das dificuldades trazidas pelas guerras e depressões económicas, os princípios da racionalidade e do progresso tecnológico continuam a conduzir os tempos de hoje. Esta esperança de que o desenvolvimento dos conhecimentos e das técnicas possam dar resposta às problemáticas do ser humano remetem para o paradoxo da modernidade.¹⁴⁹

¹⁴⁷ Ibidem. 119.

¹⁴⁸ Ibidem. 220.

¹⁴⁹ Cf. Albert Nolan, *Jesus hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical.*, 2ª (Águeda: Paulinas Editora, 2009), 67.

As décadas de 60 e 70, do século passado, foram alvo de desequilíbrios económicos, sociais e políticos, constituíram períodos de perturbação, nos quais os sistemas religiosos tradicionais se tornaram atrativos para os indivíduos e para a sociedade. Assim, emergiram novos movimentos espirituais, verificando-se, também, o crescimento de correntes carismáticas e o renovamento das peregrinações, que acentuam o carácter paradoxal da modernidade. Este carácter paradoxal prende-se com a perda de capacidade, por parte das instituições religiosas, em impor e regular as suas crenças e práticas, e com o facto de a modernidade proporcionar condições favoráveis à expansão da crença.¹⁵⁰

A modernidade religiosa pode ser caracterizada pela tendência à individualização e à subjetivação das crenças religiosas. Os indivíduos têm constituído o seu próprio sistema crente,¹⁵¹ não tendo qualquer referência com um corpo de crenças institucionais validado. Neste sentido, podemos dizer que apesar das ruturas dos dispositivos do enquadramento institucional de crenças, estas se têm multiplicado e diversificado.¹⁵²

Todas as nações ocidentais passaram por esta contradição entre a afirmação dos direitos dos indivíduos e os sistemas tradicionais de regulação da crença religiosa, o que culminou na multiplicação de pequenas comunidades que assentam nas compatibilidades sociais, culturais e espirituais dos seus elementos. No entanto, isto não significa que as instituições tenham deixado de contribuir para a formação das identidades sociais.

O núcleo da contradição da modernidade religiosa tem por base o crescente distanciamento entre as identidades crentes e as identidades confessionais, sobressaindo um “ecumenismo de valores” que oculta qualquer referência ao transcendente.¹⁵³

Nas sociedades modernas a identificação religiosa combina quatro dimensões.¹⁵⁴

A dimensão *comunitária* refere-se aos sinais sociais e simbólicos que delimitam o grupo religioso, permitindo a distinção dos que pertencem ou não ao grupo. Uma outra dimensão é a *aceitação dos valores* da mensagem religiosa transportada por uma tradição. A dimensão *cultural* trata-se de um conjunto de elementos cognitivos, simbólicos e práticos

¹⁵⁰ Cf. Tomás Halík, *A noite do confessor. A fé cristã numa era de incerteza*. (Águeda: Paulinas Editora, 2013), 199-200.

¹⁵¹ Cf. José María Rodríguez Olaizola, *En tierra de todos.*, 3ª (Santander: Sal Terrae, 2020), 31.

¹⁵² Cf. Nolan, *Jesus hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical*, 41.

¹⁵³ Hervieu-Léger, *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, 60-61.

¹⁵⁴ *Ibidem*. 75-76.

que compõem uma determinada tradição. A dimensão *emocional* remete para a experiência afetiva associada à identificação.

Hervieu-Léger considera que a figura do praticante regular diz respeito a um período marcado pela centralidade do poder e pela demarcação territorial das pertenças comunitárias. Esta figura é construída por cada tradição e manifesta na vida quotidiana a relação entre a crença e a pertença.

A figura do peregrino,¹⁵⁵ construída a partir das experiências pessoais, caracteriza a mobilidade da modernidade religiosa. O peregrino atravessa as grandes religiões e responde às exigências da modernidade, corresponde a uma forma de sociabilidade religiosa em plena expansão que se estabelece ela própria sob o signo da mobilidade e da associação temporária.

A figura do convertido é a que permite identificar do processo de formação das identidades religiosas. A conversão ocorre a partir de uma escolha individual, através da qual se manifesta a autonomia do sujeito crente, e que pode surgir mediante um de três modelos principais.

A conversão¹⁵⁶ através da *mudança de religião*, implica a rejeição da tradição herdada, onde o sujeito rejeita uma identidade religiosa herdada, e abandona uma identidade imposta. O segundo modelo corresponde à conversão dos “*sem religião*”, partindo do seu percurso individual, o indivíduo descobre uma tradição, na qual se reconhece, e integra-se. E por fim a conversão do “*refiliado*”, modelo caracterizado pelos que vivem conformados com a tradição recebida, mas que descobrem ou redescobrem uma identidade religiosa.

Confrontada com a questão da subjetivação e individualização das crenças e práticas religiosas, Danièle Hervieu-Léger utiliza o conceito de “nebulosa místico-esotérica” para abordar as mutações ocorridas no individualismo. Para a autora, uma das características da modernidade religiosa é a religiosidade centrada no indivíduo e na sua realização pessoal,

¹⁵⁵ Neste contexto, o peregrino corresponde ao turista. Diz-nos o Cardeal Tolentino Mendonça, no seu livro carregado de aforismos: “O turista e o peregrino têm mais em comum do que possa parecer. Um pelo caminho do lazer, outro pela volta do sagrado: é, contudo, um impulso antropológico semelhante que os move. A experiência da saída de si, o desejo de outras paisagens, a busca de alteridade são traços reconhecíveis tanto num como noutro. O peregrino conserva alguma coisa do turista. O caminho da peregrinação, mesmo quando assume um caráter penitencial, não perde um tom festivo, uma quase ligeireza, que não é distração, mas celebração. Tal como o turista conserva coisas do peregrino.” Cf. José Tolentino Mendonça, *Uma beleza que nos pertence*. (Lisboa: Quetzal Editores, 2019), 148.

¹⁵⁶ Cf. José Ramón Ayllón, *10 ateos cambian de autobús*, 9ª (Madrid: Ediciones Palabra, 2016). Neste livro encontra-se narrado o processo de conversão de 10 pessoas (Francis Collins, André Frossard, Narciso Yepes, etc.). O seu processo de conversão insere-se dentro dos três modelos perfilados por Hervieu-Léger.

valorizando a experiência pessoal de cada um, não sendo possível uma autoridade impor uma ortodoxia ou ortopraxia ao indivíduo. O objetivo é o autoaperfeiçoamento, que se refere ao acesso a um estado superior do ser. Assim, a salvação visa, exclusivamente, à vida terrestre, rejeita os dualismos humano-divino, natural-sobrenatural, entre outros, desembocando na “valorização do mundo” e na “afirmação da autonomia do sujeito crente”. A autora reflete sobre a disjunção entre a crença e a pertença, no âmbito da vivência religiosa em comunidade, pois, o sujeito autónomo cria o seu dispositivo de sentido permitido a sua orientação e respondendo às questões da sua existência, pelo que a pertença a uma comunidade crente não se torna imprescindível. Neste sentido, Baumann fala das *comunidades cruzeta*¹⁵⁷ ou *comunidades vestuário*.¹⁵⁸ O autor polaco utiliza a primeira expressão para definir grupos humanos de escassa pertença, de existência transitória, de entrada e saída veloz. O objeto é facilmente substituível e coloca-se noutra cruzeta. As segundas comunidades são aquelas onde o sujeito deixa ali a sua roupa enquanto dura a função que desempenham. Deste modo, a validação do crer mantém-se individual, pelo que esta subjetividade da verdade poderá conservar uma religiosidade individual e diluir qualquer modo de comunalização religiosa.

As grandes religiões procuram prevalecer um regime institucional da validação do crer, através do qual pretendem a continuidade da linhagem crente. No entanto, algumas congregações, movimentos, confrarias e outros, podem desenvolver o seu próprio regime no seio do regime geral da validação institucional. Não sendo incomum o aparecimento de conflitos entre as autoridades destes regimes, devido ao desenvolvimento autónomo da prática da validação do crer, que, face à sua gravidade, poderá levar a um cisma. Podemos dizer que o regime de validação comunitária do crer requer um percurso pessoal de adesão dos indivíduos.

É curioso que o aumento do individualismo religioso, que faz com que cada sujeito seja responsável pela sua fé, fortifique a afirmação e a pluralização dos regimes comunitários do crer. O regime de validação institucional do crer atribuiu à autoridade religiosa a responsabilidade de confirmar as crenças e as práticas dos fiéis, sendo o critério de validação a conformidade. A modernidade religiosa também se caracteriza pela extrema individualização do crer que leva à debilidade dos regimes institucionais da validação do

¹⁵⁷ Cf. Helena Béjar, *Identidades inciertas: Zygmunt Bauman* (Barcelona: Herder Editorial, 2007), 110-111.

¹⁵⁸ *Ibidem*.

crer e à necessária confirmação mútua e comunitária das verdades de cada sujeito. Para além de escolher a sua fé, o crente moderno, caso necessite, também escolhe a sua comunidade.

A privatização da religião é resultado de uma política e o final de um processo cultural nas sociedades modernas. Sendo de referir que as relações entre uma república laica e as religiões poderão passar de um regime de neutralidade a uma cooperação, no âmbito das referências éticas, de preservação da memória e da construção do laço social.

É com a certificação absoluta de que os direitos do homem constituem um sistema, que a liberdade religiosa poderá ser reclamada como direito absoluto. De acordo com Hervieu-Léger, se a desregulação for de tal ordem que leve à perda da capacidade de enquadrar a crença, terá o estado de intervir de modo a garantir a liberdade religiosa dos estados democráticos.

5. A Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*: visão do Magistério eclesial

Na própria introdução, está desvendada a intenção e descrição desta exortação apostólica:

“Desde o princípio, o aprofundamento do tema da esperança constituía o objectivo principal da II Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Europa. Sendo o último na série dos Sínodos de carácter continental celebrados como preparação para o Grande Jubileu do ano 2000, tinha por finalidade analisar a situação da Igreja na Europa e oferecer indicações para promover um novo anúncio do Evangelho...”¹⁵⁹.

Não deixa de chamar a atenção que, na mesma década, se tenham celebrado dois sínodos dedicados ao continente europeu. É evidente que o presente e futuro da Europa constituiu uma preocupação importante para João Paulo II.

No primeiro capítulo da exortação aparece bem patente o fundamento da Igreja, e, por isso, desta exortação: “Jesus Cristo é a nossa esperança”. O capítulo I aparece dividido em duas partes. Poderíamos denominar a primeira como “mais sociológica”, e a segunda como “parte teológica”. A análise da realidade aparece estipulada num jogo dos diferentes tempos:

¹⁵⁹ Papa João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-sinodal Ecclesia in Europa* (Libreria Editrice Vaticana, 2005), n. 2.

- Na relação com o passado, constata-se que, na Europa, existe uma perda da memória e herança cristãs. Muitos europeus parecem viver “sem substrato espiritual e como herdeiros que delapidaram o património que lhes foi entregue pela história.”¹⁶⁰
- O futuro percebe-se com uma certa desconfiança. O porvir dos tempos gera mais temor que desejo.
- O presente está marcado por alguns sinais do vazio interior das pessoas e pela perda do sentido da vida.¹⁶¹ As duas características mencionadas levam a uma solidão¹⁶² difícil de gerir. Esta angústia existencial manifesta-se, entre outras coisas, na diminuição demográfica, na falta de vocações à vida consagrada e sacerdotal, a resistência a tomar decisões definitivas, etc. As causas poderiam resumir-se a: difusa fragmentação da existência que favorece o individualismo; diminuição da solidariedade interpessoal; tentativa de construção de uma antropologia sem Deus e sem Cristo.

O capítulo segundo chama-se “O Evangelho da esperança confiado à Igreja do novo milénio”. Na primeira parte, há uma referência histórica irrefutável, pois “a Europa foi ampla e profundamente penetrada pelo cristianismo”.¹⁶³ Deste modo, a Igreja, enquanto depositária do Evangelho, contribuiu para a difusão e consolidação os valores que fizeram da cultura europeia, universal. Na segunda parte do capítulo, a relevância está colocada na missão dos ministros ordenados, religiosos e seculares, com uma referência explícita à contribuição feminina.

O capítulo terceiro está intitulado “Anunciar o Evangelho da esperança”. Este capítulo dedica-se à descrição da missão evangelizadora e catequética da Igreja, ainda que não deixe de parte aspetos importantes da cultura europeia. O Papa reconhece que é urgente o primeiro anúncio do Evangelho, porque

“aumenta o número das pessoas não baptizadas, seja pela consistente presença de imigrantes que pertencem a outras religiões, seja também porque

¹⁶⁰ Ibidem. n. 7.

¹⁶¹ Cf. Viktor Frankl, *O Homem em busca de um sentido*. (Alfragide: Lua de Papel, 2012), 110-111. A perda do sentido da vida não se refere a algo abstrato e coletivo, mas a algo profundamente pessoal. Diz-nos o fundador da logoterapia que “O que importa por isso não é o sentido da vida em geral, mas antes o sentido específico da vida para uma pessoa num dado momento.”

¹⁶² Aquí entendemos a solidão como algo negativo, que fere o vínculo com os outros seres humanos ou manifesta a ausência dele. Cf. José María Rodríguez Olaizola, *Bailar con la soledad*, 5ª (Santander: Sal Terrae, 2018). O autor, na senda de Bauman, fala de “biografias líquidas” fundamentadas na solidão que morde.

¹⁶³ Cf. João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-sinodal Ecclesia in Europa*, n. 24.

famílias de tradição cristã não baptizaram os filhos devido ao jugo comunista ou a uma generalizada indiferença religiosa.”¹⁶⁴

É necessário, ainda neste contexto, uma evangelização também aos batizados. Muitos contemporâneos creem saber o que é o cristianismo, mas realmente não o conhecem. Com bastante frequência são esquecidos os elementos e noções fundamentais da fé cristã. Muitos batizados vivem como se Cristo não existisse. Os grandes valores que inspiraram a cultura europeia foram separados do Evangelho, perdendo a sua grande fundamentação. No documento somos advertidos contra uma possível atitude antissemita, e somos avisados para a notável diferença entre a cultura europeia, com profundas raízes cristãs, e o pensamento muçulmano. Especialmente importante é a terceira secção deste capítulo, onde se exorta aos cristãos a evangelizar na vida social, prestando uma cordial e crítica atenção à cultura contemporânea. A pastoral deve assumir a missão de imprimir a mentalidade cristã na vida ordinária: na família, na escola, na comunicação social, na cultura, no trabalho e na economia, na política e no tempo livre, na saúde e na doença.

O capítulo quarto intitula-se: “Celebrar o evangelho da esperança.” A exortação reconhece que

“a par de muitos exemplos de fé genuína, existe na Europa também uma religiosidade vaga e, por vezes, insidiosa. Os seus sinais são frequentemente genéricos e superficiais, se não mesmo contraditórios nas próprias pessoas que os fornecem.”¹⁶⁵

Esta constatação não leva à condenação da situação, mas faz com que a Igreja se esforce pela sua compreensão e purificação. No contexto da sociedade atual, fechada, tantas vezes, à transcendência, sufocada por comportamentos consumistas, presa fácil das novas idolatrias e, ao mesmo tempo, sedenta de algo que vá mais além do imediato... a Igreja na Europa tem um trabalho cansativo e apaixonante ao mesmo tempo. Este trabalho consiste em descobrir o sentido do «mistério», renovar as celebrações litúrgicas para que sejam sinais mais eloquentes da presença de Cristo, o Senhor; em proporcionar novos espaços para o silêncio, a oração e a contemplação; voltar aos sacramentos, especialmente a eucaristia e a penitência, como fonte de liberdade e esperança.

¹⁶⁴ Ibidem. n. 46.

¹⁶⁵ Ibidem. n. 68.

O capítulo quinto intitula-se: “Servir o evangelho da esperança.” Este capítulo constitui uma assertiva defesa da vocação cristã à caridade. Pela sua própria natureza, diz o Papa, o testemunho da caridade há-de estender-se para lá dos confins da Igreja, para chegar a cada ser humano, de modo que o amor fomente a autêntica solidariedade em toda a vida social.¹⁶⁶ Quando a Igreja serve a caridade, faz crescer, ao mesmo tempo, a cultura da solidariedade, contribuindo para dar uma nova vida aos valores universais da convivência humana. Neste sentido, é importantíssimo revalorizar e revitalizar o sentido autêntico do voluntariado cristão. Nascendo da fé e sendo constantemente alimentado por ela, deve saber conjugar capacidade profissional e amor autêntico, elevando a simples filantropia à caridade do próprio Cristo; reconquistar cada dia, entre fadiga e cansaço, a consciência da dignidade de cada ser humano; a sair ao encontro das necessidades das pessoas. O serviço da caridade inclui também propor com fidelidade a verdade sobre o matrimónio e a família. O matrimónio é descrito com rasgos interpeladores para a sociedade atual: é preciso descobrir a verdade da família como íntima comunhão de vida e amor, aberta à procriação de novas pessoas, assim como a dignidade de *igreja doméstica* e a sua participação na missão da Igreja e na vida da sociedade. No meio desta cultura de morte, é necessário um testemunho credível da vida em Cristo. Neste contexto, a Doutrina Social da Igreja exerce um papel importante, dado que questiona o continente europeu pela veracidade e qualidade moral da sua civilização.

O capítulo sexto chama-se “O evangelho da esperança para uma Europa nova”. Tal como o capítulo primeiro, este também oferece uma síntese de toda a exortação. Não deixa de reconhecer que a Europa é promotora dos valores universais, dado que

“de facto, o cristianismo deu forma à Europa, imprimindo-lhe alguns valores fundamentais. Mesmo a modernidade europeia, que deu ao mundo o ideal democrático e os direitos humanos, recebe os seus próprios valores da herança cristã.”¹⁶⁷

Esta herança, que se recorda muitas vezes, deverá fundamentar a nova abertura da Europa, que deve ser um continente aberto e acolhedor. O documento defende e propõe uma nova

¹⁶⁶ Diz-nos a doutora Isabel Varanda que: “mas também é verdade que o mundo carece de ideais claros, de princípios orientadores, que nos ajudem a reconhecer, inspirar e realizar uma nova mentalidade; que nos ajudem a configurar uma nova ordem mundial, tecida na consciência de uma solidariedade fraterna e inaugurando uma cultura universal de cuidado.” Isabel Varanda, *Na noite mora a promessa. Uma espiritualidade para a vida comum* (Águeda: Paulinas Editora, 2014), 49.

¹⁶⁷ Cf. João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-sinodal Ecclesia in Europa*, n. 108.

cultura da solidariedade, não só económica, mas também social e cultural. Depois de deixar patente a gratuidade da Igreja às instituições comunitárias europeias, a exortação inclui uma referência explícita ao projeto do tratado para a constituição europeia:

“Às próprias instituições europeias e aos diferentes Estados da Europa, peço, juntamente com os padres sinodais, para reconhecerem que um bom ordenamento da sociedade deve radicar-se em autênticos valores éticos e civis, compartilhados o mais possível pelos cidadãos, observando ainda que tais valores são património em primeiro lugar dos vários corpos sociais. É importante que as instituições e os diferentes Estados reconheçam que, entre tais corpos sociais, se incluem também as Igrejas, as Comunidades eclesiais e as outras organizações religiosas.”¹⁶⁸

O número 121 da exortação é especialmente relevante, porque se estabelece uma relação entre o documento e o destinatário. O Papa dirige-se em primeira pessoa a uma Europa descrita na segunda pessoa. O Evangelho é descrito como fonte de confiança, esperança e certeza. A nova Europa deve estar aberta a deixar-se empapar pela nova evangelização.

Todas estas incidências sobre as quais nos debruçamos permitem afirmar que vivemos numa sociedade amplamente plural e global. Ainda haverá espaço para a visão cristã do ser humano? Poderemos salvaguardar a antropologia cristã como proposta para a relação entre os seres humanos que habitam esta cultura? Que caminhos pode a antropologia cristã oferecer sem “maquilhar” a sua mensagem mas estando em contínuo diálogo com o mundo? No próximo capítulo, e numa tentativa humilde, procuraremos oferecer três propostas de encontro entre a antropologia cristã e a cultura atual.

¹⁶⁸ Ibidem. n. 114.

CAPÍTULO III: QUANDO A FRATERNIDADE CRISTÃ E A SECULARIZAÇÃO SE ABRAÇAM

Antropologicamente, estamos chamados à vinculação.¹⁶⁹

O Cardeal José Tolentino Mendonça ilustrou esta realidade durante o seu discurso no dia 10 de junho de 2020, em Belém. Diz-nos ele:

“Permitam-me pegar numa parábola. Circula há anos, atribuída à antropóloga Margaret Mead, a seguinte história. Um estudante ter-lhe-ia perguntado qual considerava ser o primeiro sinal de civilização. A expectativa geral era que nomeasse, por exemplo, os primeiríssimos instrumentos de caça, as pedras de amolar ou os ancestrais recipientes de barro. Mas a antropóloga surpreendeu todos, identificando como primeiro vestígio de civilização um fémur quebrado e cicatrizado. No reino animal, um ser ferido está condenado à morte, pois fica fatalmente desprotegido face aos perigos e deixa de se poder alimentar a si próprio. Que um fémur humano se tenha quebrado e restabelecido documenta a emergência de um momento completamente novo: quer dizer que uma pessoa não foi deixada para trás, sozinha; que alguém a acompanhou na sua fragilidade, dedicou-se a ela, oferecendo-lhe o cuidado necessário e garantindo a sua segurança, até que recuperasse. A raiz da civilização é, por isso, a comunidade. Foi na comunidade que a nossa história começou. Quando do «eu» fomos capazes de passar ao «nós» e lhe demos uma determinada configuração histórica, espiritual e ética.”¹⁷⁰

É uma imagem belíssima da nossa chamada à vivência da fraternidade como fundamento antropológico.

Neste contexto, parece-me também pertinente aludir ao mito de Epimeteu.¹⁷¹ Prometeu, que etimologicamente significa *aquele que vê o futuro*, é bem mais conhecido que Epimeteu. Epimeteu é *aquele que olha posteriormente, que reflete mais tarde*.

Epimeteu é tão descuidado, que os deuses deram-lhe a possibilidade de ir dando uma característica a cada um dos animais, no começo de tudo. E ele foi dando: deu as garras; o pelo; as asas; dentes fortes; deu tudo, e quando chegou ao homem (último da fila) reparou que não tinha reservado nada para ele. Então os deuses ofereceram aos homens dois dons extra: a consciência da sua fragilidade e nudez, e o desejo de justiça.

¹⁶⁹ Cf. Josep Miró, *La sociedad desvinculada. Fundamentos de la crisis y necesidad de un nuevo comienzo*. (Barcelona: Editorial Stella Maris, 2014), 33. O autor fala do *vínculo* como relação fundamental, não como contrato social.

¹⁷⁰ José Tolentino Mendonça, *O que é amar um país. O poder da esperança*. (Lisboa: Quetzal Editores, 2020), 19-20.

¹⁷¹ Cf. Santiago Alba Rico, *Ser o no ser (un cuerpo)* (Barcelona: Ediciones Planeta, 2017).

Sobre o segundo dom, podemos afirmar que, realmente, se encontra dentro da lógica positiva. O próprio Jesus enaltece aqueles que *têm fome e sede de justiça* (cf. Mt 5,6).

Sobre o primeiro - *a consciência da sua fragilidade* –, dada a História humana, podemos duvidar se se trata de um dom ou um castigo. Quiçá na consciência da nossa fragilidade podemos apreciar uma das nossas principais vantagens, porque, precisamente pela nossa precariedade, estamos necessitados uns dos outros, somos impelidos a procurar-nos, a conviver, a ajudar-nos, etc. Ainda que tantas vezes envolvidos em conflitos, tensões e insatisfações,¹⁷² as grandes dimensões da nossa vida, no que é mais interior e essencial, parecem querer harmonizar-se no sentido de garantir um mundo de fraternidade.¹⁷³

Neste sentido, o cristianismo teve uma influência tremenda. Sem dúvida nenhuma, e partindo do seu berço ocidental, o cristianismo influencia a construção dos valores de uma sociedade. O professor Tom Holland, no seu livro *Domínio: Uma nova história do cristianismo*, fala precisamente desta ideia. Apesar de toda a sua autoridade mal usada, das suas alianças históricas com os poderosos que marcaram a história, as relutâncias perante a ciência, etc., o cristianismo marca a história pelos seus valores e pela sua contínua chamada a uma nova cultura de fraternidade, ainda que esta esteja sempre por inaugurar. Fraternidade, essa, que não distingue escravos de poderosos:

“Ao governar povos estrangeiros (...) um cristão não podia esquecer que o seu Salvador tinha vivido como um escravo, não como senhor, de um grande império. Tinha sido esse funcionário quem o tinha condenado à morte; tinham sido os soldados desse império que o tinham cravado numa cruz. O domínio de Roma tinha terminado há muito tempo, mas o reinado de Cristo, não.”¹⁷⁴

Ainda hoje, o reinado de Cristo continua, silenciado e perseguido. Trata-se de uma cristianismofobia subtil.¹⁷⁵

O ponto de encontro entre a fé cristã e a cultura secularizada pode ser a fraternidade construída na dignidade da pessoa. A solução de todos os problemas que afetam a

¹⁷² Cf. José Antonio Marina, *Porque sou cristão. Teoria da dupla verdade* (Lisboa: Edições Fim de Século, 2009), 80-81.

¹⁷³ José Eizaguirre, *Todo confluye. Espiritu y espiritualidad en los movimientos altermundistas*. (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2015), 86.

¹⁷⁴ Tom Holland, *Domínio. Una nueva historia del cristianismo*. (Barcelona: Ático de los Libros, 2020), 431.

¹⁷⁵ Cf. Pilar Rahola, *S.O.S Cristianos. La persecución de cristianos en el mundo de hoy, una realidad silenciada*. (Barcelona: Editorial Planeta, 2018).

Humanidade e toda a criação, diz-nos Delmar de Carvalho, está em viver o Amor que, no fundo, a todos nos une, e que irá edificar a Fraternidade Universal.¹⁷⁶

Mergulhemos, então, em quatro propostas que funcionam como «pontos de interseção» entre a visão cristã da vida e a vivência secular da sociedade atual. O Papa Francisco pede que a Igreja (comunidade cristã) se coloque em saída. Esta requer uma mística de olhos abertos¹⁷⁷ e um movimento antropológico fulcral: olhar o outro e reconhecer a necessidade de que algo se deve mover por dentro e por fora.¹⁷⁸

1. As Bem-aventuranças: ponto de encontro

«¹Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte. Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se dele. ²Então tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo: ³«Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. ⁴Felizes os que choram, porque serão consolados. ⁵Felizes os mansos, porque possuirão a terra. ⁶Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. ⁷Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. ⁸Felizes os puros de coração, porque verão a Deus. ⁹Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. ¹⁰Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu. ¹¹Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa. ¹²Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa no Céu; pois também assim perseguiram os profetas que vos precederam.» (Mt 5,1-12)

O texto evangélico de Mateus surge-nos como um imperativo a olharmos para a crença em Deus, no sentido de nos interrogarmos sobre o desejo que Ele tem para cada um de nós.

Podemos mesmo encontrar neste texto, relatado também por Lucas (6,20-23) uma questão antropológica do ponto de vista da relação com Deus e daquilo que a fé poderá lançar no dia-a-dia do crente.

Ao lermos e relermos este elóquio de Jesus, o mesmo pode ser visto por muitos como algo surreal, de difícil compreensão e até de impossível vivência. Aliás, muitos dos discursos

¹⁷⁶ Cf. Delmar Domingos de Carvalho, *Solidariedade? Não e sim. Fraternidade? Sim.* (Lisboa: Editorial Minerva, 2010), 61.

¹⁷⁷ José Tolentino Mendonça, *A mística do instante. O tempo e a promessa.* (Águeda: Paulinas Editora, 2014), 38-40.

¹⁷⁸ Cf. José Manuel Palma, *Espiritualidad en las fronteras: La vivencia de lo sagrado en las rutas migratorias.*, 2ª (Espanha: Ponto Rojo Libros, 2017), 25.

de Jesus levantam questões concretas que para o comum do crente fazem-no interrogar qual o sentido dessa crença, dos caminhos que se devem percorrer, das realidades que se devem enfrentar.¹⁷⁹

A atualidade, onde a informação começa a ultrapassar qualquer tipo de limitação de acesso, tem levantado grandes desafios à Igreja no que respeita ao verdadeiro fundamento do cristianismo. A Ressurreição deixa-nos dúvidas e são cada vez mais aqueles que questionam este dogma da Igreja, pondo-se em causa, questionando-se, sem uma clareza e um esclarecimento mais conciso, sem uma resposta mais direta, sem um facto mais palpável. A consciência científica e necessitada de fundamento que integra o pensamento atual, sustentada pelo espírito crítico, requer maior evidência para ser crível.

As Bem-aventuranças surgem-nos com uma incitação a olhar para Deus e para os seus desejos. Mas ler este trecho poderá originar um ceticismo perante o olhar de Deus. Um Deus que pelos vistos precisa sobreviver com a miséria humana, de quem anseia a felicidade mas, a qual, em cada dia, parece mais inatingível. Olhar as Bem-aventuranças provoca em muitos uma visão que se vai afastando desse Deus, encontrando no texto um desafio não para atingir a plenitude da alegria pascal, mas para adotar o sofrimento como forma de vida e forma de atingir, talvez, o paraíso.¹⁸⁰

Mas certo é que as

“Bem-Aventuranças são, realmente, o código secreto da Bíblia e da Vida. A Bíblia nasceu da Vida e, se nós quisermos e deixarmos, a Vida pode nascer na Bíblia... só que não será uma «vida fácil»... mas também nunca ninguém disse que o seria.”¹⁸¹

Quando imaginamos um Deus masoquista a enunciar *felizes os pobres, felizes os que choram*, não conseguimos ver a beleza do texto e da própria provocação que Jesus faz a cada um e a cada uma. As Bem-aventuranças não podem nem devem ser encaradas com o ceticismo de um idealismo precário, com olhar desconfiado que, por sua vez, pode mesmo provocar uma secularização da crença, da relação com Deus.

O Papa Francisco atreveu-se mesmo a olhar para este excerto, de uma forma direta e simples e enaltecendo cada bem-aventurança como caminho rumo à santidade. Na sua terceira Exortação Apostólica, *Gaudete et Exsultate*, ele olha para cada uma delas “como

¹⁷⁹ Cf. Frei Fernando Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia* (Lisboa: Editorial Presença, 2007), 37.

¹⁸⁰ Cf. *Ibidem*.

¹⁸¹ *Ibidem*. 39.

que o bilhete de identidade do cristão.”¹⁸² Francisco atreve-se mesmo a classificar o termo «feliz» como sinónimo de «santo» e, com isto, consegue derrubar a barreira cética que muitas vezes se forma ao ler tais afirmações.

O texto das Bem-aventuranças é desafio para abanar com o sentido da vida e do olhar que o ser humano tem do mundo e da sociedade. Elas obrigam-nos a questionar e a encontrar respostas antropológicas para o sentido da ação humana e das suas relações. São palavras que interpelam e que agitam a zona de conforto, palavras que nos fazem observar com lupa uma realidade a que temos tendência de fugir, para não assumir.

“A dificuldade está precisamente aí... aceitar que Deus fale... mais ainda, aceitar que Deus me empurre para ser diferente, para pôr em risco todos os meus confortos, as minhas seguranças, as minhas ideias feitas, as minhas formas de «não pensar», porque tudo isto é difícil, porque tudo isto dói, porque tudo isto me põe em causa; porque tudo isto agita o galinheiro onde me movo”¹⁸³.

É este receio que muitas vezes provoca o afastamento – e põe em risco a consciência de saberse irmão -, a secularização social, que prefere desviar o olhar do real e pensar que o reduz ao essencial. Este medo que agita e que obriga a agir para não nos sentirmos imponentes, exilando Deus das nossas vidas e recusando a sua intervenção nos passos que se dão pela estrada da fé. Fé que começa a perder sentido, não só por este medo, mas também porque acaba por ser mais fácil olhar com Deus na periferia, do que aceitar que ele está claramente no centro desta estrada.

Mas as Bem-aventuranças assumem um papel contrário. Surgem como antítese ao ceticismo. Lendo e relendo esta passagem bíblica poderemos descobrir toda uma dimensão, não de angústia ou de pessimismo, mas de adesão a Deus.

“Estas palavras de Jesus, não obstante possam até parecer poéticas, estão decididamente contracorrente ao que é habitual, àquilo que se faz na sociedade; e, embora esta mensagem de Jesus nos fascine, na realidade o mundo conduz-nos para outro estilo de vida. As bem-aventuranças não são, absolutamente, um compromisso leve ou superficial; pelo contrário, só as podemos viver se o Espírito Santo nos permear com toda a sua força e nos libertar da fraqueza do egoísmo, da preguiça, do orgulho.”¹⁸⁴

¹⁸² Papa Francisco, *Gaudete et exsultate* (Lisboa: Paulus Editora, 2018), n. 63.

¹⁸³ Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia*, 33.

¹⁸⁴ Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 65.

A fraternidade cristã não se constrói apenas por ascese, mas, sobretudo, por abertura ao Espírito Santo que a doa como carisma.

Façamos uma resenha sobre cada uma das *Bem-aventuranças* e notemos o valor que cada uma delas pode ter e a força com que pode atingir a nossa vida, permitindo-nos uma imagem não de afastamento, mas de compromisso.

- *Felizes os pobres em espírito...* recordando a parábola do rico insensato (cf. Lc 12,13-21), onde Jesus realça a segurança que muitas vezes pensamos ter, porque temos tudo e, quando esse tudo se desmorona, a falta de uma base sólida para nos manter de pé. Mas esta pobreza não se limita à riqueza material. Ao enaltecer os pobres, o desafio prende-se com a mania que muitas vezes se tem de se ser dono do mundo, detentor de verdades absolutas. A pobreza que aqui realçamos é uma pobreza de serviço, de disponibilidade aos outros, porque ser pobre não é não ter, mas sim encarar “essa riqueza que leva tanta gente a viver com a barriga cheia de Deus, de tal maneira que não é capaz de soltar mais do que algumas ventosidades místicas para consumo alheio”.¹⁸⁵ O teólogo Tomás Halík, no seu livro *Paciência com Deus*, alude a esta bem-aventurança da seguinte maneira:

“Bem aventurados os pobres. Mas não para manter os pobres na sua situação, dando-lhes o ópio da promessa da recompensa na vida perdurável (...) Faz da pobreza uma metáfora da abertura aos dons de Deus. É necessário conservar o espírito de pobreza: não colocar-se entre os saciados, confiados e seguros de si próprios, que estão satisfeitos e fechados em si mesmos.”¹⁸⁶

- *Felizes os que choram...* porque são capazes de construir amor com a própria vida.
“O mundo propõe-nos o contrário: o entretenimento, o prazer, a distração, o divertimento. E diz-nos que isto é que torna boa a vida. O mundano ignora, olha para o lado, quando há problemas de doença ou aflição na família ou ao seu redor. O mundo não quer chorar: prefere ignorar as situações dolorosas, cobri-las, escondê-las. Gastam-se muitas energias para escapar das situações onde está presente o sofrimento, julgando que é possível dissimular a realidade, onde nunca, nunca, pode faltar a cruz.”¹⁸⁷

Este assobiar para o lado acaba por assolar o nosso quotidiano, em que somos estimulados a olhar e ir ao encontro dos outros, que choram e até que se riem. Chorar

¹⁸⁵ Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia*, 32.

¹⁸⁶ Tomás Halík, *Paciência con Dios. Cerca de los lejanos*. (Barcelona: Herder Editorial, 2014), 38-39.

¹⁸⁷ Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 75.

é amar e quem não chora, como pode amar? É o repto de contruir relações, de estar atento, de não se refugiar num comodismo desmedido, como se o que se passa ao meu redor fosse apenas um filme em que assistimos do sofá.

- *Felizes os mansos...* porque vivem em equilíbrio consigo, com os outros e com Deus. O encontro desse equilíbrio em cada contacto, em cada diálogo, em cada gesto. Uma mansidão que não quer que me submeta ao outro e às suas tomadas de posição, mas que me inspira para uma nova atitude de «ser». Na «guerra dos não violentos» sou chamado a “ser diferente”; de ser uma forma nova e de um jeito ao contrário dos que fazem da violência a força motriz de toda a sua existência. O manso é o especialista da violência dos não-violentos.”¹⁸⁸
- *Felizes os que têm fome e sede de justiça...* porque são capazes de arregaçar as mangas e ir à luta. Estarmos disponíveis a tomar decisões ponderadas, olhando para a realidade e assumindo também a nossa fragilidade. Não nos limitarmos a ser simpáticos, a reconhecer o problema do outro, mas a assumi-lo como meu problema. Passar da simpatia para a empatia.¹⁸⁹
- *Felizes os misericordiosos...* porque têm um coração capaz de bater ao ritmo do coração de Deus. Um coração capaz de olhar e continuar a aproximar-se. Um coração que perdoa e pede perdão. Um coração que não tem medo de assumir as suas fragilidades e, que pelo contrário, as assume sem rispidez de sentimentos.

“Um coração apaixonado, um coração não solitário; casado com a vida e com o mundo, da mesma forma que Deus casou com a criação inteira, sem exceções... Deus casou com todos... até com os católicos.”¹⁹⁰
- *Felizes os puros de coração...* porque olham os outros com os olhos do amor. Esta Bem-aventurança recorda-nos mesmo as palavras que Bento XVI realçou na sua primeira Encíclica, *Deus caritas est*: “Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus. [...] «Se alguém disser: ‘Eu amo a Deus’, mas odiar o seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão ao qual vê, como pode amar a Deus, que não o vê?»”¹⁹¹ Mais um desafio à relação com o outro...

¹⁸⁸ Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia*, 35.

¹⁸⁹ Bianchi, *Procura os outros. A fraternidade e a esperança*, 16-17.

¹⁹⁰ Ventura, *Roteiro de Leitura da Bíblia*, 37.

¹⁹¹ Bento XVI, *Carta Encíclica Deus Caritas est*, nn. 15-16.

- *Felizes os pacificadores...* porque constroem a paz contra os falsos deuses. Estamos aqui perante uma utopia. Mas uma utopia que é sonhada por todos é a que o Homem tem alguma dificuldade de encarar. Não é fácil, pois há sempre um motivo para o conflito, a tal crença num falso deus que domina a nossa motivação.¹⁹² Este texto leva-nos a tentar “ser artesãos da paz, porque construir a paz é uma arte que requer serenidade, criatividade, sensibilidade e destreza.”¹⁹³
- *Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça...* porque não desistem, porque continuam a fazer da verdade, autoridade.¹⁹⁴ Assim como Jesus sofreu perseguição por ser «o justo», também os seus seguidores são continuadores da sua missão.

Depois desta reflexão torna-se urgente voltar à realidade em que vivemos. O texto das Bem-aventuranças continua a desejar que cada pessoa encarne uma veracidade vital que nem sempre é apaixonante. Jesus, ao proferir tais desafios, quer obrigar-nos a sair de uma zona de conforto que nem sempre é tranquila. E isso afasta. Este ideal não é apetecível, principalmente aos jovens de hoje. Dá trabalho. Por vezes assusta. Não é apelativo. É-nos apresentado uma conduta que nos confronta, que mexe e remexe e, que por fim nos afasta perentoriamente.

Mas a “crise da nossa cultura funda-se na ausência de Deus e temos que confessar que também a crise da Igreja é, em boa parte, a consequência de uma difundida marginalização do tema de Deus.” Contudo,

“o mais grave que pode acontecer a um homem é ter medo de Deus, pensar que Ele é seu inimigo ou o limite da sua liberdade e da sua alegria de viver, quando na realidade é a sua fonte e o seu fundamento perenes.”¹⁹⁵

Eis o grande dilema. Eis, ao mesmo tempo, o grande estímulo. E ao aceitá-lo, *exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa no Céu...* (cf. Mt 5,12)

¹⁹² Keller, *Falsos deuses. As promessas vazias de dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que importa*. “Os ideais de felicidade, exclusivamente fundados no sucesso, na posse e no sexo, mais uma vez, foram postos à prova pela recente crise que determinou a erosão súbita de fortunas e seguranças, com desmoronamento de carreiras e de casamentos. Milhões de pessoas, perante o esboroamento desses ideais transformados em ídolos, viram-se mergulhadas na amargura, na incerteza e na solidão, vendo desvanecidos, numa miragem, o «garantido» sentido das suas vidas.” A sinopse do livro ajuda a captar o sentido.

¹⁹³ Francisco, *Gaudete et exsultate*, n. 89.

¹⁹⁴ Albert Nolan, *Jesus antes do cristianismo* (Águeda: Paulinas Editora, 2010), 4.

¹⁹⁵ D. António Marto, no seu discurso de tomada de posse como Bispo da Diocese de Leiria/Fátima, em 2006. Acedido 10 de outubro de 2020, <https://www.fatima.pt/pt/news/d-antonio-marto-novo-bispo-diocese-leiria-fatima>.

2. Os Direitos Humanos, princípio de relação

Não há dúvida que os Direitos Humanos foram – e são – uma das maiores conquistas da História da humanidade. No entanto, também é sabido, para alcançar este acordo foram necessárias muitas vicissitudes, muitas delas catastróficas. A Declaração proferida no ano 1948 é um marco inconfundível na História das civilizações. No entanto, poderíamos aplicar a máxima já mencionada: «já mas ainda não». Porquê? Porque os Direitos Humanos já existem, promulgados e defendidos. Não obstante, ainda em muitos sítios são menosprezados, pisados e deitados fora. Os Direitos Humanos são uma realidade ainda por ratificar com a vida, embora já o estejam nos documentos.

A fraternidade – valor sobre o qual nos debruçamos neste trabalho – está no cerne da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Uma leitura atenta e mais completa ao Artigo 1º da Declaração permite-nos corroborar esta ideia:

“todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”¹⁹⁶.

Bastantes vezes ao enunciar o artigo primeiro, branqueamos a segunda parte, apelando apenas à dignidade e liberdade da pessoa. No entanto, convém ser conscientes de que a fraternidade é o vínculo social por excelência, porque *devemos agir uns para com os outros* dessa maneira.

O artigo 1º da Declaração é o único onde se fala de maneira evidente da fraternidade. No entanto, e como bem sabemos, a fraternidade aparece como *cenário de fundo relacional* onde os demais artigos fazem sentido e encontram a sua coerência. É na dignidade comum partilhada por todos os seres humanos que a Declaração encontra o seu princípio para erigir todos os 30 artigos existentes. Veja-se o exemplo de uma parte do artigo 29º: “o indivíduo tem deveres para com a comunidade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade.” Ou seja, é na vinculação social fundamentada na fraternidade que cada um pode exercer a sua liberdade, desenvolvendo todas as suas potencialidades.

Uma dúvida pertinente que nos assalta é a seguinte: será a dignidade humana, presente na Declaração, uma ‘secularização’ da dignidade humana fundada na visão cristã do ser

¹⁹⁶ Acedido 10 de outubro de 2020, <https://dre.pt/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.

humano como ‘imagem e semelhança de Deus’? Não há dúvida que o cristianismo influenciou - e influencia - a construção da cultura ocidental. Também não restam dúvidas de que, paulatinamente, foi perdendo a sua influência, sobretudo nas esferas públicas. Ainda assim, podemos afirmar que o fundamento da dignidade humana provém da visão judaico-cristã do ser humano, ainda que indiretamente?

No século XX viveram-se duas guerras mundiais. De maneira óbvia, cometeram-se grandes atrocidades à dignidade da vida e da pessoa humana. Não faltam exemplos de momentos e factos que fizeram das pessoas instrumentos nas mãos de outras pessoas e, até, de ideais preconizados e defendidos. Sabemos que a vida não é um direito absoluto, mas primordial. No entanto, esta não pode estar em função de ideais que *desumanizem* o ser humano. A História diz-nos que, no século XX, assim não aconteceu. Os conflitos bélicos vividos foram, de maneira bruta e célere, confinando algumas pessoas à sua dimensão útil ou, pior ainda, instrumental. Neste sentido, a Declaração Universal dos Direitos Humanos surge, neste contexto, como uma resposta efetiva.

Onde morava a ideia de que devemos tratar os outros como fim e não como meio que defendeu o iluminismo de Kant? Onde se encontrava a ideia de que a fraternidade era um ideal a construir junto da dignidade e da igualdade, defendidos pela revolução francesa? De onde nasceu a ideia de que os seres humanos se devem relacionar a partir dos valores fraternos e não dos valores fratricidas?

É neste contexto que late a necessidade de um diálogo entre a fé e a ciência, cultura e razão, de forma a construir uma *civilização do amor*,¹⁹⁷ onde todos têm um papel ativo. A encíclica *Caritas in Veritate*, do Papa Bento XVI, alude a esta realidade:

“O diálogo fecundo entre fé e razão não pode deixar de tornar mais eficaz a acção da caridade na sociedade, e constitui o quadro mais apropriado para incentivar a colaboração fraterna entre crentes e não-crentes na perspectiva comum de trabalhar pela justiça e a paz da humanidade (...) Segundo os crentes, o mundo não é fruto do acaso nem da necessidade, mas de um projecto de Deus. Daqui nasce o dever que os crentes têm de unir os seus esforços com todos os homens e mulheres de boa vontade de outras religiões

¹⁹⁷ Cf. Halík, *Quero que tu sejas. Podemos acreditar no Deus do amor?*, 234. A expressão *civilização do amor* foi utilizada e desenvolvida pelos vários Papas, desde Paulo VI até Francisco. O amor do qual falamos não é apenas um sentimento prazeroso, mas, na maioria das vezes, uma *opção quenótica*, na linguagem de Tomás Halík.

ou não-crentes, para que este nosso mundo corresponda efectivamente ao projecto divino: viver como uma família, sob o olhar do seu Criador.”¹⁹⁸

Se olharmos para esta interpelação como uma chamada ao diálogo, encontramos aqui as bases para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. No número 56 da Encíclica anteriormente citada, o Papa Bento XVI fazia alusão à necessidade da purificação, através do diálogo, da fé e da razão, e da necessidade que as duas têm de se complementarem. A razão sem a fé pode crer-se onipotente. A fé sem a razão perde o seu rosto humano.

Os Direitos Humanos são a reprodução do diálogo e reconhecimento do valor inerente a cada ser humano, pelo simples facto de ser pessoa humana. A fraternidade é a dimensão que permite aos seres humanos serem diferentes, ainda que iguais em dignidade. A fraternidade possibilita que cada um expresse o seu plano de vida, e o realize. Na visão judaico-cristã do ser humano, as vidas humanas estão interligadas, vinculadas pela corresponsabilidade. Cabe a cada ser humano cuidar do outro, porque o reconhece como seu semelhante, diferente e, sobretudo, irmão.¹⁹⁹ Para os cristãos, a vida humana participa da vida de Deus. Se participa da vida de Deus, que é Pai e Mãe, reconhecer-se como irmão é a aspiração fundamental.²⁰⁰

Num mundo exageradamente marcado pelo individualismo pós-moderno e globalizado, “a ação pastoral dos cristãos deve mostrar ainda melhor que a relação com o nosso Pai exige e incentiva uma comunhão que cura, promove e fortalece os vínculos sociais”²⁰¹

A vocação cristã, diz-nos Karl Rahner, consiste numa dupla chamada:

“receber-nos de Deus através das forças do mundo como realidade já dada, e unir a nossa liberdade à liberdade de Deus para colaborar naquilo que ainda não está dado...”²⁰²

É neste contexto que faz sentido a atuação cristã: sentir-se chamado por Deus e, atuando em liberdade, transformar o mundo que lhe rodeia. A salvaguarda dos Direitos Humanos e a luta pelo seu cumprimento é um compromisso de todos os humanos, cristãos e não cristãos. Nasce daqui a capacidade de valorizar o outro como fim, com uma dignidade

¹⁹⁸ Bento XVI, *Carta Encíclica Caritas in veritate*, n. 57.

¹⁹⁹ Cf. Olaizola, *En tierra de todos*, 212.

²⁰⁰ Cf. Eco e Martini, *En qué creen los que no creen? Un diálogo sobre la ética en el fin del milenio*, 46-48.

²⁰¹ Cf. Francisco, *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho*, n. 67.

²⁰² García, *Ventanas que dan a Dios. Experiencia humana y ejercicio espiritual*, 259.

não condicionada, nem pela raça, religião, cultura, e, nem sequer, pela sua conduta boa ou má.²⁰³

É esclarecedora a visão do Papa Francisco:

“Pensai no que se torna o vínculo entre os homens, mesmo que sejam muito diversos entre si, quando podem dizer uns aos outros: «Para mim, ele é como um irmão, ela é como uma irmã!» Isto é bonito! De resto, a História demonstrou suficientemente que, sem a fraternidade, até a liberdade e a igualdade podem encher-se de individualismo e conformismo, também de interesse pessoal.”²⁰⁴

E, posteriormente, concretiza:

“O que somos chamados a respeitar em cada pessoa é antes de tudo a sua vida, a sua integridade física, a sua dignidade e os direitos que dela derivam, a sua reputação, a sua propriedade, a sua identidade étnica e cultural, as suas ideias e as suas opções políticas.”²⁰⁵

3. A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum²⁰⁶

O documento que leva por nome o título deste apartado deve-se a uma viagem realizada pelo Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos, nos dias 3 a 5 de fevereiro de 2019. O documento foi redigido e ratificado pelo Papa Francisco – líder da Igreja Católica – e pelo Grão Imame de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb.

A primeira frase do documento elucide e sintetiza, brilhantemente, as dimensões horizontal e vertical que falávamos no primeiro capítulo: “a fé leva o crente a ver no outro um irmão que se deve apoiar e amar.”²⁰⁷ Constatamos, em seguida, a dimensão vertical – a fé – que leva o sujeito que crê a ver no outro um irmão. Nos crentes, as dimensões nunca se podem dissociar.

²⁰³ Javier Garrido, *Soledad habitada. Notas espirituales*. (Navarra: Editorial Verbo Divino, 2014), 57.

²⁰⁴ Papa Francisco, *Diferentes e unidos. Com-único logo existo*. (Águeda: Paulinas Editora, 2020), 35.

²⁰⁵ *Ibidem*. 98.

²⁰⁶ O documento, elaborado pelo Papa Francisco e pelo Grão Imame de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb que servirá de reflexão encontra-se disponível em <https://bit.ly/3IR0xUc>. Por motivos de citação literal, utilizaremos o PDF disponível na página do Vaticano, que é possível descarregar. Dado que o documento não está elaborado por números, a citação será, então, realizada, segundo as páginas descarregadas. Utilizaremos o documento segundo a perspectiva cristã e, por isso, o manusearemos como documento para os cristãos, sabendo que não se esgota a sua repercussão nesta tradição religiosa. Acedido a 17 de outubro de 2020.

²⁰⁷ Papa Francisco e Ahmad Al-Tayyeb, *A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum* (Abu Dabhi, 2019), 1.

O prefácio do documento encerra uma sabedoria vital considerável, e pretende acompanhar a caminhada dos homens e mulheres de hoje em dia, porque, aludindo à Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, diz-nos que “partilhamos as alegrias, as tristezas e os problemas do mundo contemporâneo”.²⁰⁸ É permanente a relação da comunidade cristã com o mundo, não demonizando, mas acolhendo. Este documento pretende estabelecer esse diálogo sã e profícuo com a realidade existente. O documento é inclusivo, procurando unir os diversos crentes numa compreensão: a graça divina torna todos os seres humanos irmãos.²⁰⁹

A primeira parte do documento recupera a dignidade da pessoa humana, para depois ir colocando as bases da argumentação e exposição dos temas. Não podemos esquecer que toda e qualquer antropologia cristã assenta na profunda dignidade da pessoa humana, chamada à existência por Deus. É neste sentido que vale a pena recuperar a inviolabilidade da dignidade humana. Sem ela, perdemos a máxima ética. É *em nome* de várias realidades que os dois líderes se pronunciam: em nome de Deus; em nome da alma humana; em nome dos pobres; em nome dos orfãos, viúvas e refugiados; em nome dos povos; em nome da fraternidade humana; em nome da liberdade; em nome da justiça e da misericórdia; em nome de todas as pessoas de boa vontade; em nome de Deus e de tudo isto... Parece que os dois líderes resgatam toda a realidade, a partir da sua dimensão poliédrica, para, posteriormente, expor e elucidar acerca da intencionalidade deste documento. Para os dois líderes, o caminho é evidente: o diálogo; a conduta é notória: a colaboração comum; o critério é transparente: o conhecimento mútuo.²¹⁰

Os dois líderes, na exposição posterior, alertam para uma escala de valores invertida: a filosofia materialista e individualista colocou os valores mundanos no lugar dos princípios supremos. Esta evidência não é nova, dado que temos vindo a falar dela desde o segundo capítulo. A própria religião tem sofrido com esta inversão declarada dos valores. Qual é o resultado palpável desta reviravolta? A deterioração da ética, o enfraquecimento dos valores espirituais e o sentido da responsabilidade.²¹¹ Convém não perder de vista este cenário de fundo, porque é a partir dele que poderemos ler as vicissitudes históricas às quais estamos assistir e que são expostas neste documento.

²⁰⁸ Ibidem.

²⁰⁹ Ibidem.

²¹⁰ Ibidem. 2.

²¹¹ Ibidem. 3.

O documento recupera a dimensão imprescindível da família, resgatando a sua essencialidade na vivência humana. Desde o início do seu pontificado (13 de março de 2013) o Papa Francisco revela a preocupação com o contexto atual da família cristã. No dia 17 de março de 2013, na oração do *Angelus*, a primeira aparição na varanda do Palácio Apostólico, referiu que a leitura de um livro de Walter Kasper, sobre a misericórdia de Deus, lhe tinha feito muito bem. Menos de um ano depois, Walter Kasper recebeu o convite do Papa para refletir sobre a problemática da família, tendo em conta o Sínodo Extraordinário dos Bispos, no outono de 2014, e o Sínodo ordinário dos Bispos, em 2015, que teriam como pano de fundo os "Desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização"²¹² e, para os quais, o Santo Padre quis envolver a Igreja inteira, dos pastores aos leigos do mundo inteiro. Esta intencionalidade revela que o Papa Francisco entrevê a dificuldade de uma vivência cristã a nível familiar.

O documento sustém, também, a chamada à vida como algo querido por Deus. *Aborto e eutanásia* são abomináveis,²¹³ desde o ponto de vista crente. Por isso, o documento refere que o reconhecimento de que a terra está governada por um Criador pressupõe a aceitação da vida como um processo com um início e uma morte natural. Interferir com este processo é interferir com o desígnio de Deus.

Mais adiante, a declaração recupera uma realidade patente e terrivelmente visível nos dias de hoje: o fundamentalismo religioso. Neste sentido, ambos os líderes são perentórios em afirmar que:

“as religiões nunca incitam à guerra (...) Estas calamidades são fruto de desvio dos ensinamentos religiosos, do uso político das religiões e também das interpretações de grupos de homens de religião que abusaram da influência do sentimento religioso sobre os corações dos homens...”²¹⁴

São usados exemplos para demonstrar este uso indevido da religião: fanatismo cego, atos de homicídio, terrorismo, etc. Nada disto condiz, evidentemente, com a visão de Deus Criador, Todo-poderoso, que não necessita que ninguém o defenda.²¹⁵

²¹² Walter Kasper, *O Evangelho da família*. (Lisboa: Paulinas Editora, 2014), 5.

²¹³ Neste sentido, a Instrução sobre o respeito à vida humana *Donum Vitae*, publicada pelo Vaticano em 1987, revela uma clarividência salutar. Acedido 17 de outubro de 2020, <https://bit.ly/2QWiyCk>.

²¹⁴ Francisco e Al-Tayyeb, *A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*, 4.

²¹⁵ Cf. *Ibidem*.

É num sentido positivo e construtivo que os dois líderes se pronunciam acerca da paz mundial, destacando o papel das religiões na construção da mesma. Nelas, existe a convicção de que os ensinamentos – e mandamentos, de alguma forma – convidam e incitam à construção da paz e da fraternidade humana. Podemos afirmar que tudo o que leve à destruição da fraternidade é deturpação da mensagem religiosa. O documento reitera também a liberdade de cada pessoa, aliada à escolha da própria religião, nunca podendo esta ser imposta por ninguém.²¹⁶

O documento resgata também a força do diálogo, da compreensão e da tolerância. Estes valores estão na base da construção dos Direitos Humanos, como vimos no ponto anterior. O diálogo implica um «tu» e a aceitação da alteridade desse mesmo outro/Outro. Neste contexto, podemos recuperar a responsabilidade.²¹⁷ Porque, na verdade, se o «eu» responde apenas às próprias inquietações individuais, empobrece. No entanto, para que exista verdadeiro diálogo são necessárias duas condições: identidade e empatia. Diz-nos o Papa Francisco:

“dialogar não significa renunciar à própria identidade, quando vamos ao encontro do outro, e também não significa ceder a compromentimentos a respeito da fé e da moral cristã (...) Se eu não tenho a certeza da minha identidade e vou dialogar, acabo por trocar a minha fé. Não se pode dialogar a não ser partindo da própria identidade, e com empatia, ou seja, sem condenar *a priori*. Cada homem, cada mulher tem algo próprio para nos doar; cada homem, cada mulher, tem a sua história, a sua situação, e devemos ouvi-la.”²¹⁸

Baseando-se no conceito de cidadania e apelando aos direitos e deveres inerentes a cada ser humano, o documento expõe algumas situações concretas onde se torna imprescindível um trabalho²¹⁹ mais evidente para a construção da paz e da fraternidade universal. É um exemplo a relação entre Oriente e Ocidente. Esta relação vive um clima instável e indefinido. A declaração oferece uma possível cooperação:

²¹⁶ O documento elaborado no Concílio Vaticano II *Dignitatis Humanae* aborda esta questão premente. Acedido 17 de outubro de 2020, <https://bit.ly/3bz5Cfa>.

²¹⁷ A palavra responsabilidade deriva do latim *respondere* e está vinculada à ideia de que devemos responder pela nossa própria vida. Neste contexto, e recuperando Emmanuel Levinas, a responsabilidade entrevê-se como a resposta ao outro e pelo outro. Para uma explicação mais profunda ver: Couto, *Leitura do tempo em que vivemos*, 12.

²¹⁸ Francisco, *Diferentes e unidos. Com-único logo existo*, 100-101.

²¹⁹ A palavra *trabalho*, neste contexto, não alude a uma realidade laboral, mas a uma realidade vital, tal como no capítulo 5 do evangelho de S. João.

“o Ocidente poderia encontrar na civilização do Oriente remédios para algumas das suas doenças espirituais e religiosas (...) e o Oriente poderia encontrar na civilização do Ocidente tantos elementos que o podem ajudar a salvar-se da fragilidade, da divisão, do conflito e do declínio científico, técnico e cultural.”²²⁰

Tendo sempre por base o respeito das diferenças, os dois líderes apontam algum vislumbre de caminho a percorrer. Outro exemplo evocado consiste no reconhecimento do papel imprescindível da mulher, em tantos lugares danificado ou desvalorizado. Todas as práticas que levem à desumanização – neste caso, da mulher – devem ser eliminadas. A proteção dos mais débeis é outra preocupação, dado que crianças e idosos, em muitas latitudes do planeta, se encontram assolados pelo desrespeito aos seus direitos.

No epílogo do documento, assinado em Abu Dabhi, constam alguns objetivos²²¹ inerentes à proclamação do mesmo:

- Um convite à reconciliação e fraternidade, não somente na esfera religiosa.
- Um apelo a quem vive a fraternidade e a reconciliação como valores que se amam.
- Um testemunho da grandeza da fé em Deus.
- Um símbolo no qual Oriente e Ocidente, Norte e Sul, se abraçam.

Este documento oferece-nos algumas intuições bastante certas para a construção da almejada fraternidade universal. Recupera, porque se torna necessário, a dignidade humana, da qual sempre partimos. Resgata, a modo de chamada de atenção, a necessidade de que se respeitem os direitos dos grupos mais vulneráveis. Em todo o documento, assinado pelo Papa Francisco e pelo Grão Imame de Al-Azhar, não encontramos uma única referência a Cristo (falamos de Cristo porque o nosso trabalho incide sobre a fraternidade cristã), o qual quer dizer que a construção da fraternidade não depende da proclamação verbal e defesa apologética da religião cristã. A construção da fraternidade universal, vínculo entre todos os seres humanos, depende de gestos e condutas concretas. Nunca esquecendo a identidade cristã, e o ‘por quem’ se fazem as coisas, a construção da fraternidade supõe sempre um desafio e, ao mesmo tempo, o reconhecimento da maravilhosa chamada a construí-la. A fraternidade, neste contexto, funciona por círculos concêntricos: construção entre os crentes,

²²⁰ Francisco e Al-Tayyeb, *A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*, 5.

²²¹ Cf. *Ibidem*. 6.

construção também com os não-crentes e, por fim, construção com os homens e mulheres de boa vontade.

4. *Fratelli tutti*, um convite para a construção do horizonte comum

A Encíclica *Fratelli tutti*,²²² lançado pelo Santo Padre Francisco, em outubro de 2020, oferece-nos um marco de esperança considerável. Esta realidade aparece vincada pela necessidade que o Papa Francisco demonstra ao recordar e lembrar o Santo de Assis²²³ e toda a sua vida entregada aos outros, que ele recolhe nas primeiras páginas da Encíclica:

“é impressionante que, há oitocentos anos, Francisco recomende evitar toda a forma de agressão ou contenda e também viver uma «submissão» humilde e fraterna, mesmo com quem não partilhasse a sua fé.”²²⁴

Parece-nos evidente que toda a Encíclica se reveste de enorme riqueza, não apenas para os cristãos, para todos os homens e mulheres dos nossos dias. No entanto, e dada a impossibilidade de tratar e abordar todas as temáticas inerentes à mesma, procuraremos apresentar aquelas ideias que mais nos ajudam a obter uma panorâmica do mundo atual, para, dentro dele, oferecermos a perspetiva cristã antropológica, como critério de atuação. Com efeito, vamos centrar-nos nos capítulos um, dois e três.

O primeiro capítulo tem por título: “As sombras de um mundo fechado”. Podemos afirmar que, desta realidade, já nos debruçamos no ponto dois deste trabalho, ao oferecer uma visão global, ainda que não profunda, da realidade atual no nosso mundo. Parece-nos que esta tentativa é a mesma que o Papa Francisco oferece neste capítulo.

O Santo Padre começa por aludir a uma realidade destruída, pois, segundo ele, existem *sonhos desfeitos em pedaços*. Começa por observar que voltam a estar na moda conflitos que já pareciam superados, como os nacionalismos que tanto dano fazem aos cidadãos concretos e às comunidades existentes.

Alerta, também, o Papa, de que é “o bem, como aliás o amor, a justiça e a solidariedade, não se alcançam de uma vez para sempre; hão-de ser conquistados cada dia.”²²⁵ O Pontífice denuncia, como é lógico, todo o tipo de individualismo, exacerbado pela realidade cultural

²²² Papa Francisco, *Fratelli Tutti. Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social* (Águeda: Paulinas Editora, 2020).

²²³ Referimo-nos, evidentemente, a S. Francisco de Assis.

²²⁴ Francisco, *Fratelli Tutti. Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*, n. 3.

²²⁵ *Ibidem*. n. 11

atual. Segundo ele, a consciência histórica vai-se perdendo e cada um parece construir a sua própria identidade e liberdade a partir do zero. A solidão vislumbra-se como resultado como deste individualismo vivido sem precedentes, numa sociedade massificada e globalizada. Nesta sociedade da pós-verdade, parece que *não existe um projeto para todos*. A Encíclica denuncia a cultura da seleção natural, onde prevalece o mais forte sob o mais fraco. Numa sociedade que se diz inclusiva, não faz sentido uma competição atroz que elimine os mais fracos. No sentido oposto, o Santo Padre permite-se sonhar um mundo mais fraterno, onde todos são protagonistas, mas sem renunciar à consciência de que se trata de uma utopia. Diz-nos ele: “Hoje, um projeto com grandes objetivos para o desenvolvimento de toda a Humanidade soa como um delírio.”²²⁶

Com efeito, o Papa elenca duas realidades que são colocadas fora deste projeto comum, como são os nascituros e os idosos. Os primeiros são os que *ainda não servem*, os segundos são os que *já não servem*. Somos, então, chamados à razão para a realidade familiar, porque o Papa refere que, quando abandonamos os idosos, empobrecemos a família.

Outra realidade na qual o Papa medita e oferece a sua reflexão é sobre os Direitos Humanos, que ele considera *não suficientemente universais*. É evidente que estes foram uma conquista da Humanidade, fruto do trabalho e luta de muitos homens e mulheres de boa vontade, no entanto, parecem ser esquecidos ou relegados para segundo plano, num contexto onde apenas importa a ganância e o lucro. O Papa condena também a escravatura, a exploração das mulheres, porque ambas partem do preconceito de que o ser humano pode ser tratado como objeto.

Na sua exposição profética, o líder da Igreja Católica recorre a uma metáfora para explicar o tipo de relação existente entre as pessoas. Considera que tende a reaparecer uma “tentação de fazer uma cultura de muros, de erguer os muros, muros no coração, muros na Terra, para impedir este encontro com outras culturas, com outras pessoas.”²²⁷ Isto torna-se prejudicial para a sobrevivência e simbiose cultural, tão enriquecedora. Nesta cultura tão globalizada e progressista, parece não haver espaço para o sentimento de pertença à mesma Humanidade, porque falta o vínculo comum, e aparece uma indiferença fria de quem não se sente *tripulante do mesmo barco*. Como seria bom, diz-nos o Papa, se enquanto descobrimos

²²⁶ Ibidem. n. 16

²²⁷ Ibidem. n. 27

planetas longínquos, também descobríssemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor.

O Papa manifesta-se triste quando observa, da parte dos cristãos, atitudes que levam à degradação do ser humano, sobretudo nas decisões de âmbito político. Diz-nos o Santo Padre:

“é inaceitável que os cristãos partilhem esta mentalidade e estas atitudes, fazendo, às vezes, prevalecer determinadas preferências políticas em vez das profundas convicções da sua própria fé: a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, e a lei suprema do amor fraterno.”²²⁸

Para o Papa Francisco parece não haver dúvidas de que a comunicação é uma benção de Deus, mas pode levar a equívocos. Pode ser transformada numa *ilusão*. Vivemos numa sociedade mergulhada nas redes sociais, procurando viver em movimentos digitais aquilo que deveríamos alcançar no “tu a tu”, no “cara a cara”. No nosso mundo, fazem falta os gestos concretos, as expressões do rosto, a linguagem do nosso corpo, etc. As relações digitais parecem dispensar-nos de cultivar uma autêntica amizade, porque reduz tudo ao facilitismo e rapidez. Esta procura virtual de suprir as necessidades vitais reais, faz com que a informação também resvale para o campo da especulação ou, pior ainda, do confronto sem sentido. A informação parece ter perdido o carácter sapiencial, subtraindo o contacto com a realidade. Vamos perdendo a capacidade de escuta, porque nos interrompemos constantemente, na procura de convencer o outro. O Santo Padre exorta para a necessidade de diálogo verdadeiro, feito de silêncios e sofrimentos, capaz de recolher pacientemente a experiência de cada um e de todos. A fraternidade só pode ser construída, alega o Papa, com encontros reais. O Papa termina este primeiro capítulo da Carta Encíclica aludindo à esperança. Porque Deus continua a espalhar sementes de bem na Humanidade, podemos valorizar pessoas comuns que são tesouro para todos. *Caminhemos na esperança*, termina por dizer o Papa.

O segundo capítulo reveste-se de uma beleza ímpar. Chama-se: “um estranho no caminho”. Este capítulo recolhe a parábola do samaritano, que Jesus conta no evangelho de Lucas. Parece-nos de especial relevância, sendo Palavra de Deus, colocá-la neste trabalho.

²²⁸ Ibidem. n. 39

«Levantou-se, então, um doutor da Lei e perguntou [a Jesus], para O experimentar: “Mestre, que hei-de fazer para possuir a vida eterna?” Disse-lhe Jesus: “Que está escrito na Lei? Como lês?” O outro respondeu: “Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo”. Disse-lhe Jesus: “Respondeste bem; faz isso e viverás”. Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: “E quem é o meu próximo?” Tomando a palavra, Jesus respondeu: “Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: ‘Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar’. Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?” Respondeu: “O que usou de misericórdia para com ele”. Jesus retorquiu: “Vai e faz tu também o mesmo”» (Lc 10,25-37).

No começo do capítulo, o Santo Padre recupera uma ideia do Concílio Vaticano II, na Constituição Apostólica *Gaudium et Spes*, e que já recolhemos neste trabalho.²²⁹ É com esta panorâmica de fundo que o Papa nos oferece esta parábola como forma do agir cristão no mundo atual.

O Papa começa por referir que o cenário de fundo desta parábola está preparado desde sempre, e centra-se na pergunta: *onde está o teu irmão?* Quando se suscita esta pergunta, o pensamento e a ética judia vai dando paulatina resposta. O livro do Levítico oferece o mandamento “Amarás o próximo como a ti mesmo”. Mas este *próximo* parecia cingir-se aos compatriotas. O preceito de Hilel²³⁰ recebe, no Novo Testamento, uma formulação positiva: “O que quiserdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles.” O salto é

²²⁹ A saber: «As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.» Vaticano II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, n.1.

²³⁰ Hilel considerava que “não faças aos outros o que não queres que te façam a ti.” Para ele, esta normativa resumia a *Lei* e os *Profetas*.

qualitativamente maior. Deixa a negação que pode levar à indiferença – *não faças o que não queiras que te façam* – para promover uma atitude de proatividade para o bem estar do outro. Progressivamente, esta formulação vai ganhando corpo e espaço na vida de quem a encarna. Alargam-se os horizontes do ser próximo, evoca-se a vivência estrangeira do povo no Egito, e o mandamento torna-se norma de conduta para com todos. Por isso, nas cartas de S. Paulo e S. João, aparece esta normativa como modelo de caridade para com todos, sem excluir ninguém. O amor que lança pontes, não se preocupa com quem está do outro lado da mesma.

O Papa centra-se, então, no abandonado. É um homem que viaja de Jerusalém para Jericó. Estava ferido no caminho, alguns passaram por ele e...não pararam. Apenas um parou, ofereceu-lhe proximidade, curou-o com as próprias mãos, etc. Deu-lhe algo que nunca recuperará: o seu tempo. O Papa pergunta, como quem se relaciona com o leitor, com qual das personagens nos identificamos, pretendendo implicar-nos na história. Diz-nos o Santo Padre que, como pessoas, crescemos em vários aspetos, mas “somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas.”²³¹ Com os seus gestos, o bom samaritano fez-nos entrever uma verdade: as nossas vidas estão ligadas umas às outras. A parábola alerta-nos para o perigo de uma vida isolada e indiferente, onde cada um sabe de si e passo ao lado dos outros. Também nos adverte para a necessidade de cuidarmos o nosso olhar, para estarmos atentos às necessidades dos outros, para levar a nossa proximidade e tempo. O Papa fala-nos de uma dicotomia existencial:

“existem simplesmente dois tipos de pessoas: aquelas que cuidam do sofrimento e aquelas que passam ao largo; aquelas que se debruçam sobre o caído e o reconhecem necessitado de ajuda e aquelas que olham distraídas e aceleram o passo.”²³²

Posteriormente, o Papa Francisco elabora uma pequena descrição de cada personagem da parábola. Parece-nos evidente que a personagem que constrói verdadeira fraternidade é o samaritano, que dedica o seu tempo e dinheiro ao desconhecido. No entanto, não podemos escamutear o facto de que as pessoas que passam ao largo são pessoas religiosas. Esta parábola de Jesus torna-se uma provocação a para a religião instituída em Israel no século I, mas também para nós, hoje. Parece dizer-nos que a fé se mede em obras. Não se limita a elas, evidentemente, mas *sem elas está morta*.²³³ Depois de fazer alusão às personagens, a

²³¹ Francisco, *Fratelli Tutti. Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*, n. 64.

²³² *Ibidem*. n. 70.

²³³ Cf. Tg 2,17.

Carta remete-nos para uma realidade atual: não devemos esperar tudo dos governos para a promoção da pessoa humana, pois isso seria demasiado infantil. Temos, todos os dias, a capacidade e oportunidade de expressar a nossa fraternidade. Ainda assim, não o podemos fazer sozinhos. O samaritano procurou o estalajadeiro para que o ajudasse a cuidar daquele ferido. Diz-nos o Papa, recuperando a *Evangelii Gaudium*, que “o todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas”. Devemos, então, renunciar à mesquinhez e autosuficiência, e abraçar o próximo sem esperar *obrigados* ou recompensas vãs. A resposta que ofereceu deveu-se ao dever de cuidar do outro como seu irmão.

O outro, seu irmão, não tem barreiras geográficas, sociais nem religiosas. É o *próximo sem fronteiras*. No tempo de Jesus, o próximo circunscrevia-se à realidade mais próxima, ou seja, à pessoa que está mais vizinha. Jesus supera completamente esta mentalidade, oferecendo o inverso: próximo somos nós quando nos aproximamos de alguém. Na parábola torna-se evidente: o samaritano é o próximo porque se aproximou do judeu estendido no chão. As personagens – samaritano que se aproxima e judeu que necessita de um próximo – não estão escolhidas ao acaso. Jesus sabe que a parábola será de provocação e desafio para o auditório. Este encontro (tal como o encontro de Jesus com a samaritana, junto ao poço) desmente toda e qualquer espécie de manipulação ideológica. A fé, com o humanismo que dela advém, deve interpor-se a qualquer espécie de manipulação ideológica, seja política, social ou religiosa. Ao longo da história, várias atrocidades têm sido cometidas em nome da fé. Alertando para esta realidade, o Papa convida-nos a respeitar integralmente a dimensão fraterna da espiritualidade, amando e acolhendo a todos, sem exceção.

O terceiro capítulo da Carta Encíclica, e último que abordaremos neste trabalho, oferece algumas coordenadas para a vivência da parábola do bom samaritano no mundo que nos rodeia. A parábola do capítulo dois serve como ponto de ligação entre a leitura atual do capítulo primeiro e a proposta do capítulo terceiro. Utilizamos uma metáfora textil: o capítulo segundo cose, unindo, os outros dois capítulos. Este terceiro capítulo intitula-se “Pensar e gerar um mundo aberto”. A relação é evidente: no primeiro capítulo falava-se de um mundo fechado e agora, depois da Palavra de Jesus, dá-se a oportunidade de pensar um mundo mais aberto, marcado pela fraternidade.

Começa o Papa por afirmar, recuperando uma vez mais o Constituição *Gaudium et Spes*, que o ser humano não pode encontrar a sua plenitude a “não ser no sincero dom de si

mesmo”²³⁴. A verdade encontra-se também aí: no encontro com o outro. Para encontrar essa verdade, é necessário *ir mais além*. O Santo Padre interpreta esta capacidade de ir mais além através do contacto sadio e autêntico com os outros, que nos fazem crescer e enriquecem. Recuperando o valor da hospitalidade como acolhimento do outro, a Carta abre-nos à perspectiva do amor como vínculo que une todos os seres humanos, se nos deixarmos tocar por Deus, que o infunde em nós. A moralidade fica superada pelo vínculo da caridade, presença de Deus entre os seres humanos. Neste sentido, o amor torna-se, então, a medida de todas as coisas, critério decisivo sobre o valor da vida humana. É dentro desta perspectiva que podemos afirmar, por conseguinte, que o amor não revoga a moralidade, mas centra-a num mapa mais amplo. O amor não supõe uma soma de ações benéficas mas um olhar integral: o outro merece todo o amor, apesar das aparências físicas ou morais.

Esta vivência insere-nos dentro de uma lógica quase inatingível: a comunhão universal. O Papa Francisco presenteia-nos com a proposta da comunhão, como vínculo de união entre os seres humanos e as diversas sociedades. Mas não se engana a ele próprio. Ele sabe que esta abertura pressupõe uma disposição existencial pessoal constante. Diz-nos o Pontífice:

“a capacidade diária de alargar o meu círculo, chegar àqueles que espontaneamente não sinto como parte do mundo de interesses, embora se encontrem perto de mim”²³⁵.

Depois de oferecer este cenário de conversão pessoal diário, somos convidados a dar voz aos que não têm voz e se vêem silenciados pela sociedade. A globalização oferece inúmeras vantagens, mas também perigos. Um deles consiste em reduzir a riqueza de cada um ao denominador comum. Esta tentativa de igualar tudo e todos acarreta o perigo de apagar a riqueza pessoal, única e intransferível, de cada um. Uma sociedade fraterna deve ser aquela que dá oportunidade a todos de ser protagonistas, com as respetivas diferenças, evidentemente.

Aludindo aos três valores da revolução francesa – liberdade, igualdade e fraternidade – o Papa relaciona-os de forma sublime. A primeira coisa que desconstrói é a ideia de que a fraternidade se fundamenta nas respetivas liberdades individuais, ou na prática da equidade. Embora sejam condições necessárias, não são suficientes. A igualdade tampouco se alcança definindo, de forma abstrata, que os seres humanos são todos iguais. A fraternidade deve entrar aqui como pedagogia e cultivo. O individualismo, reiterado pela sociedade atual, não

²³⁴ Vaticano II, *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, n. 24.

²³⁵ Francisco, *Fratelli Tutti. Carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social*, n. 97.

nos torna mais livres, iguais e irmãos. O amor sim, promove cada um na sua singularidade, tornando-o livre, igual e irmão. É desta maneira que o Papa defende esta ideia:

“Uma sociedade humana e fraterna é capaz de preocupar-se por garantir, de modo eficiente e estável, que todos sejam acompanhados no percurso da sua vida, não apenas para assegurar as suas necessidades básicas, mas para que possam dar o melhor de si mesmos...”²³⁶.

Posteriormente, a *Fratelli tutti* convida a uma reflexão acerca do valor da solidariedade. O Papa Francisco destaca este valor como virtude moral e comportamento social e, por isso, requer esforço por parte de todos os sujeitos que detêm responsabilidades educativas e formativas. A chamada de atenção está clara: é urgente formar para a solidariedade. Desde a família à escola, passando pelos meios de comunicação social e agentes culturais. Neste sentido, a solidariedade manifesta-se no serviço, que exige o rosto do outro para tornar-se afetivo e efetivo. A dimensão do serviço deve ser recuperada, como proposta de agir que enaltece e eleva os caídos, para coloca-los ao nível dos que se crêem onipotentes.²³⁷

Nesta perspetiva de vivência comum, o Santo Padre recupera a vertente ecológica. O parágrafo 118 da Carta oferece-nos o marco explicativo:

“o mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos, nascemos nesta Terra com a mesma dignidade... Como comunidade, temos o dever de garantir que cada pessoa viva com dignidade...”²³⁸.

Resgatando a dimensão comunitária da pertença à casa de todos, somos convidados a reconhecer nela também um vínculo que nos torna irmãos.

Com efeito, e prosseguindo com a perspetiva de abertura, somos chamados a relativizar a dimensão privada da nossa vida, como muros que se levantam para proteger-nos dos outros. O Papa alude a esta realidade para falar da propriedade privada, que recorda como um direito natural secundário, em favor do bem comum. O mesmo acontece com as fronteiras dos países, pois todos merecem contar com os privilégios dignos de um cidadão. Cada povo, dentro da sua particularidade e riqueza, tem o direito de relacionar-se, na medida do possível, com o destino universal dos bens. Neste contexto, não importa se uma pessoa nasce num determinado país, ou de uma determinada maneira. Reitera a Carta, fazendo clara

²³⁶ Ibidem. n. 110.

²³⁷ Cf. Ibidem. n. 115.

²³⁸ Ibidem. n. 118.

alusão à Doutrina Social da Igreja, que há direitos fundamentais que precedem qualquer tipo de grupo ou sociedade.

Estamos sumergidos na necessidade de uma ética universal. Carecemos de uma forma de relacionar-nos que garanta, como diz o Papa, o crescimento de cada pessoa, cultura e povo. Trata-se doutra lógica. Ainda que parecendo um devaneio, do qual é consciente o Santo Padre, “é possível desejar um Planeta que garanta terra, teto e trabalho para todos...”²³⁹. A paz, termina o Papa, não se constrói com a constante desconfiança perante ameaças externas mas com a solidariedade e cooperação ao serviço da humanidade.

Este capítulo tratou de construir pontes. Se o ideal da relação humana cristã se fundamenta na comunhão originária de Deus, a pessoa está chamada a olhar para Deus e deixar-se contagiar por essa vinculação. A fraternidade será dom, sempre que recebida gratuitamente e de *braços abertos*, e tarefa, sempre que colocamos os nossos talentos e esforços ao serviço do outro. O outro, no capítulo seguinte, ganha um novo rosto: é o membro da comunidade educativa, nomeadamente cada aluno e aluna. É da aplicação pedagógica desta fundamentação que trata o próximo capítulo.

²³⁹ Ibidem. n. 127.

CAPÍTULO IV: CONTEXTUALIZAÇÃO, PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA “A PARTILHA DO PÃO”

O capítulo anterior procurou estabelecer um *entrelaçar* de duas realidades: a fraternidade cristã e a cultura atual, marcada pela secularização. Com efeito, os três capítulos que precedem a este revestem-se de maior teorização, especulação e intelectualidade, no sentido de que explora os conceitos, expõe os conteúdos e relaciona as matérias. Este quarto capítulo debruça-se sobre a *praxis* de toda essa panóplia de conhecimentos e conteúdos que formulamos antes, ainda que conte com uma parte mais teórico-especulativa.

No contexto de um Relatório da Prática de Ensino Supervisionada, torna-se imperativo uma abordagem integral ao processo de lecionação da unidade letiva em questão. Não podemos cingir-nos a uma dimensão meramente especulativa e teórica da questão, dado que estaria *desligado da realidade*.

Num primeiro momento, abordaremos a pertinência e importância da educação para a fraternidade no contexto educativo atual. Como vem sendo apanágio na elaboração deste trabalho, a fraternidade cristã nunca poderá ser imposta, apenas proposta. É com esta salvaguarda que aprofundaremos a sua necessidade e vinculação com um documento escolar de especial relevo: o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória. Entendemos a educação para a fraternidade como um domínio transversal inerente a todas as unidades letivas, e, por isso, queremos relacioná-la com um documento mais abrangente do Ministério da Educação, promulgado no ano 2017.

De seguida, descreveremos a Escola – e o respetivo Agrupamento - onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada e a Caracterização da Turma, de forma a captar melhor o contexto concreto. Nesta lógica de aprofundamento, exporemos, também, as planificações das aulas lecionadas e a avaliação do trabalho realizado ao longo do ano letivo.

1. A Fraternidade e o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

O mundo em que nos movemos coloca graves desafios aos processos de ensino e aprendizagem. A sociedade na qual co-habitamos é transformante, líquida e pluralística. Não podemos escamutear a necessidade de uma resposta coerente, sólida, ainda que inclusiva e globalizante, que dê razões de uma educação moral e religiosa. Torna-se imperativo procurar

as razões da nossa esperança²⁴⁰ para coloca-las ao serviço da humanidade, através do primeiro objetivo mundial da UNESCO: a educação.

É neste panorama que a escola se impõe como plataforma privilegiada de processos de ensino e aprendizagem, como propiciadora de experiências significativas e potenciadora do desenvolvimento de valores que superam o relativismo moral subjetivo.

Num mundo cada vez tecnológico e tecnificante, torna-se imperativa uma reflexão humanista e humanizadora, que procure o ser humano na sua essência mais embrionária: recetor e dador de vida. A fenomenologia das religiões ajuda-nos a entender esta perspetiva: nenhum ser humano tem o dom de dar-se a si mesmo a vida, mas tem o poder de a entregar pela maneira como exerce, pela liberdade, a sua existência.

O PASEO²⁴¹ inscreve-se dentro da panorâmica anteriormente descrita: pretende abranger com a maior transversalidade possível a educação integral do ser humano.

O PASEO apresenta-se estruturado em Princípios, Visão, Valores e Áreas de Competências. Num primeiro momento, estão em evidência os princípios e a visão pelos quais se pauta a ação educativa; num segundo momento, os valores e as competências a desenvolver. Os Princípios justificam e dão sentido a cada uma das ações relacionadas com a execução e a gestão do currículo na escola, em todas as áreas disciplinares.

A Visão de aluno, decorrente dos Princípios, explicita o que é pretendido para os jovens enquanto cidadãos à saída da escolaridade obrigatória. Os Valores, no âmbito do sistema educativo, são entendidos como orientações segundo as quais determinadas crenças, comportamentos e ações são definidos como adequados e desejáveis. Os valores são, assim, entendidos como os elementos e as características éticas, expressos através da forma como as pessoas atuam e justificam o seu modo de estar e agir. Trata-se da relação construída entre a realidade, a personalidade e os fatores de contexto, relação essa que se exprime através de atitudes, condutas e comportamentos.

As Áreas de Competências agregam competências entendidas como combinações complexas de conhecimentos, capacidades e atitudes que permitem uma efetiva ação humana em contextos diversificados. São de natureza diversa: cognitiva e metacognitiva, social e emocional, física e prática. Importa sublinhar que as competências envolvem

²⁴⁰ 2 Pe 3,15.

²⁴¹ A partir de agora utilizaremos simplesmente PASEO para designar o referido documento.

conhecimento (factual, concetual, processual e metacognitivo), capacidades cognitivas e psicomotoras, atitudes associadas a habilidades sociais e organizacionais e valores éticos.²⁴²

Os princípios são:

- Base humanista
- Saber
- Aprendizagem
- Inclusão
- Coerência e flexibilidade
- Adaptabilidade e ousadia
- Sustentabilidade
- Estabilidade

Os princípios orientam, justificam e dão sentido. A «fraternidade» como proposta universal, insere-se dentro destes princípios como denominador comum. É possível, na descrição detalhada de cada princípio, encontrar a influência de uma conduta fraterna, e a utopia de uma fraternidade universal construída por todos e cada um/a.

Dentro da visão que oferece o documento, integrando os designios pretendidos que o jovem desenvolva, encontram-se três que se relacionam de maneira direta com a «fraternidade universal». Falamos, de maneira concreta, dos últimos três:

- que conheça e respeite os princípios fundamentais da sociedade democrática e os direitos, garantias e liberdades em que esta assenta;
- que valorize o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático;
- que rejeite todas as formas de discriminação e de exclusão social.

Torna-se evidente a correlação entre esta visão do aluno e a fraternidade, dado que esta tipologia de alunos fomentariam, de maneira clara, a relação entre os cidadãos, povos e nações.

²⁴² Copiado integralmente do documento original.

Dentro dos valores (que são 5) inscritos no PASEO, o penúltimo e o último enquadram-se, perfeitamente, na unidade letiva abordada. Parafraseando:

- Cidadania e participação – Demonstrar respeito pela diversidade humana e cultural e agir de acordo com os princípios dos direitos humanos; negociar a solução de conflitos em prol da solidariedade e da sustentabilidade ecológica; ser interventivo, tomando a iniciativa e sendo empreendedor.
- Liberdade – Manifestar a autonomia pessoal centrada nos direitos humanos, na democracia, na cidadania, na equidade, no respeito mútuo, na livre escolha e no bem comum.²⁴³

A Declaração Universal dos Direitos Humanos – de 1948 – procura a comum dignidade de todos os seres humanos. A educação é a arma mais poderosa para o logro desta meta universal. O respeito pela diversidade e a solidariedade tornam o mundo mais justo e igualitário. O documento alerta também para a necessidade ecológica, uma relação fraterna com a realidade criada, entre ela, o homem e a mulher.

A liberdade bem exercida e consciencializada permitirá uma convivência pacífica e fraterna entre os povos da terra, criação divina, segundo a crença religiosa católica. Não podemos menosprezar a capacidade do respeito e do bem comum como necessidades urgentes no mundo que nos rodeia.

Quanto às áreas de competências, estas são 10:

- Linguagens e textos
- Informação e comunicação
- Raciocínio e resolução de problemas
- Pensamento crítico e pensamento criativo
- Relacionamento interpessoal
- Desenvolvimento pessoal e autonomia
- Bem-estar, saúde e ambiente
- Sensibilidade estética e artística
- Saber científico, técnico e tecnológico
- Consciência e domínio do corpo

²⁴³ Acedido a 19 de novembro de 2020, https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf

Dado que na unidade letiva planificada englobamos todas as áreas de competências, não pretendemos elaborar uma descrição exaustiva de cada uma delas.

Cada uma destas áreas de competências se aglutina naquilo que poderíamos chamar “pilares da educação”: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. Estes 4 pilares são a base do sistema de ensino-aprendizagem. A unidade letiva 3 do programa de E.M.R.C do 6º ano de escolaridade insere-se dentro desta perspetiva, e pretende basear-se – ainda que com diferentes intensidades – em todos os pilares.

2. O contexto: a Escola e a Turma

Neste ponto procederemos à caracterização da turma onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada, tal como a descrição da Escola e do Agrupamento correspondente. Começaremos pelo Agrupamento, passaremos, depois, à descrição da Escola sede e, para terminar, apresentaremos a turma. A lecionação decorreu na escola sede do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, em Braga.

2.1. O Agrupamento de Escolas Francisco Sanches

O Agrupamento Dr. Francisco Sanches²⁴⁴ (AEFS) situa-se no coração urbano da cidade de Braga, num território densamente habitado, com elevado dinamismo socioeconómico e cultural e onde estão situadas estruturas fundamentais para o desenvolvimento da cidade como a Universidade do Minho, o Hospital de Braga, o Parque das Sete Fontes e o Braga Parque. O AEFS faz parte do universo educativo da cidade de Braga há quase meio século. Nasceu como Escola Preparatória Dr. Francisco Sanches em 04 de outubro de 1973 e não mais parou de crescer e de se transformar até hoje. Neste sentido, o Agrupamento tem uma oferta educativa diversificada que inclui: Educação Pré-Escolar, 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico e, ainda, 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Programa Integrado de Educação e Formação. O AEFS pretende constituir-se como uma organização educativa de referência local, nacional e internacional, como foco de desenvolvimento da cidadania e da interculturalidade para e com a comunidade educativa.

²⁴⁴ A descrição do Agrupamento foi retirado diretamente da página web correspondente. Acedido 21 de novembro de 2020, https://www.aefranciscosanches.pt/01_Caraterizacao_agrupamento2019.pdf

2.2. A turma do 6º1

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi realizada na turma um, do sexto ano de escolaridade, na escola Dr. Francisco Sanches, do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches.

No ano letivo 2019-2020 (ano da PES), as aulas da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica foram lecionadas às terças-feiras, no horário compreendido entre as 9:15 e as 10:05. Os alunos contaram com 50 minutos semanais para aprender e apreender uma disciplina que tantos benefícios lhes traz.

Podemos afirmar que o nível socioeconómico da turma andava pelo nível médio-baixo, dado que alguns alunos usufruem do Apoio Social Escolar. Neste sentido, e dado que as carências não são apenas de ordem económica, também duas alunas demonstravam necessidades educativas especiais.

A turma revelou sempre uma capacidade de participação muito evidente, um comportamento bom e uma disposição para aprender muito positiva. A turma, muito heterogénea na origem e nas vivências dos seus constituintes, demonstrou que essa dimensão pode ser uma riqueza, se bem explorada.

3. A planificação e lecionação

Neste ponto vamos debruçar-nos sobre a lecionação, propriamente dita. Com efeito, abordaremos a questão da planificação e da sua importância, para depois incidir nas aulas preparadas e avaliação das mesmas.

3.1. A planificação da Unidade Letiva “A partilha do pão”

Muitas vezes menosprezada, a planificação reveste-se de enorme importância, pois permite uma maior gestão da sala de aula, dos tempos e espaços e da realidade dos próprios alunos. A imprevisibilidade total, sem uma planificação prévia, seria prejudicial para o processo de ensino-aprendizagem que se leva a cabo na sala de aula.

Na planificação, não são apenas os conteúdos que se definem e ajustam, também as metodologias e os critérios que melhor favoreçam a aprendizagem dos alunos. É evidente: os alunos são o centro da ação educativa. Tudo aquilo que os professores realizam destina-se a uma melhor aprendizagem por parte deles. E também parece claro: se a planificação for

bem pensada e realizada, os alunos sairão a ganhar muito mais, pois o professor debruçou-se, com tempo, sobre aquela turma e aquele contexto em concreto.

Para os que advogam que a planificação sugere uma perda de tempo, defendemos que esta, se bem executada, permite alargar os horizontes, vislumbrar novas perspetivas, assumir novos métodos. Não obstante, e resgatando o que antes expressávamos, não podemos ser escravos da planificação, pois estas servem para o processo de aprendizagem dos alunos concretos, com as suas realidades e idiosincrasias. Os professores devem estar disponíveis e dispostos a alterar, corrigir, melhorar as suas práticas pedagógicas, no decorrer da própria aula. Somos conscientes disso: cada turma, e aluno/a, requererá do professor correspondente um tratamento único.

A elaboração da planificação da unidade letiva lecionada teve em consideração o contexto da turma do 6º 1, a observação de algumas aulas realizadas e um conhecimento prévio dos alunos, em consonância com a professora cooperante e o colega do núcleo de estágio que lecionou na mesma turma: a professora Maria José Dias e o colega Nuno Martins.

A ideia inicial visava a lecionação da unidade letiva em cinco aulas, número suficiente para corresponder aos objetivos pretendidos. Dado o contexto pandémico existente, as aulas reduziram-se a quatro, pois os alunos viram-se obrigados a recolher a suas casas até ao final do ano letivo. Neste sentido, apresentaremos, por conseguinte, as quatro planificações, pelo motivo mencionado anteriormente.

A planificação procurou articular duas dimensões que julgamos necessárias para que o método de ensino-aprendizagem seja o mais profícuo possível: a dimensão experiencial, que permite uma assimilação total dos conteúdos – e não apenas cognitiva – e a dimensão motivacional, que permite que os alunos aprendam a aprender, e se demonstrem estimulados a essa necessidade.

3.2. As aulas

Numa perspetiva de continuidade, apresentaremos a planificação de cada aula, com a sua avaliação correspondente. Exporemos a planificação em formato horizontal, para uma melhor visualização da mesma, e uma descrição/avaliação pormenorizada de cada momento planeado. Depois da apresentação da planificação de cada aula, explicaremos e avaliaremos a mesma.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 1/5

Ano: | Turma: 6º 1

Data: 11/02/2020

Tempo previsto: 50 min

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Apresentação. Introdução à Unidade 3: “A partilha do pão”			-Acolhimento aos alunos -Registo do sumário			.5 min	
Ética e Moral	<ul style="list-style-type: none"> • Informação e comunicação • Pensamento crítico e pensamento criativo • Relacionamento interpessoal • Desenvolvimento pessoal e autonomia • Consciência e domínio do corpo 	<ul style="list-style-type: none"> • Cada aluno, na sua singularidade, tem qualidades e virtudes para partilhar e potenciar. • O pão, alimento que se parte e reparte entre todos. • A partilha como modo de estar e viver. 	<ul style="list-style-type: none"> • Através da personalização de uma estrela, cada aluno escreve o seu nome e cinco características que o definam. • O professor recolhe todas as estrelas. Lê em voz alta as características escritas por cada um. • Entre todos tentamos descobrir qual o aluno em questão. • O professor convida a fazer uma reflexão sobre os motivos pelos quais conhecemos mais ou menos os colegas de turma. • O professor, com um pão verdadeiro, explica aos alunos o simbolismo da partilha. 	<ul style="list-style-type: none"> • Criativo • Crítico/Analítico • Respeitador da diferença/do outro • Questionador • Responsável/autónomo • Comunicador 	<ul style="list-style-type: none"> • Folha com estrela desenhada para cada aluno. • Pão 	<ul style="list-style-type: none"> • 30 min • 15 min 	<ul style="list-style-type: none"> • Cumprimento das regras da sala de aula • Motivação/interesse • Atenção/concentração • Realização das atividades propostas • Observação direta

			<ul style="list-style-type: none">• Gera-se um diálogo onde partilhamos os motivos pela injusta distribuição dos bens, através da técnica “brainstorming”.• Como síntese, escrevemos no caderno o que estamos dispostos a partilhar para que o pão chegue para todos (alguma qualidade que estamos dispostos a colocar ao serviço).				
--	--	--	--	--	--	--	--

Descrição e avaliação da aula

Acolhimento e diálogo com os alunos: o professor situa-se à porta, tentando estabelecer uma relação de cordialidade com os alunos, saudando e cumprimentando cada um, à sua entrada. Depois de que cada um se sente no seu lugar, gera-se um breve diálogo de conhecimento mútuo, mas geral.

Registo do sumário: a saber, Apresentação. Introdução à Unidade 3: “A partilha do pão”.

Apresentação do professor e dos alunos: o professor apresenta-se brevemente, deixando espaço para que haja alguma pergunta, e explica de que forma os alunos se apresentarão. Com efeito, os alunos recebem um papel onde está desenhada uma estrela. O professor explica que a estrela simboliza a vida de cada um. São todas do mesmo tamanho e isso revela uma importância grande, pois ninguém se superioriza a ninguém. Os alunos são convidados a personificar a sua estrela, escrevendo o seu nome no centro e cinco características que definam a sua pessoa. O professor, depois de um tempo de trabalho e decoração pessoal, recolhe as estrelas.

Jogo das estrelas: depois de recolhidas as estrelas, o professor prossegue com a leitura das cinco características contidas em cada estrela, sem pronunciar o nome do autor ou autora. Os alunos são convidados a participar, tendo três tentativas para acertar no nome da pessoa correspondente, sendo que a pessoa a quem pertence não pode manifestar-se. Gera-se, então, um momento muito interessante, onde os alunos revelam conhecer-se uns aos outros.

Partilha do pão: o professor faz alusão ao facto de que nos conhecemos porque “partilhamos aquilo que somos”. Com a ajuda de um pão verdadeiro, comprado momentos antes, o professor pede aos alunos que sejam capazes de partilhar aquele pão. O pão vai passando pelos alunos, sendo que cada um pode alimentar-se do pão. Os alunos são capazes, então, de alimentar-se com aquilo que acham suficiente mas, sobretudo, tendo em conta, os colegas restantes, para que não lhes falte a eles o pão.

Brainstorming: depois da experiência da partilha do pão, o professor motiva os alunos para a reflexão acerca daquilo que fizeram. Os alunos chegam à conclusão, através do diálogo sem preconceitos, de que há muitas formas e locais do nosso mundo onde o pão não chega. Não por falta de alimento, mas por falta de generosidade.

Avaliação da aula: dada a participação entusiasmada e atenta dos alunos, a aula parece ter suscitado muito interesse. A procura de estimular a partilha de conhecimento sobre os outros

fomentou uma maior união na turma. Alunos que se revelam mais introvertidos e observadores, foram capazes de participar várias vezes, pois sentiram-se implicados vitalmente na dinâmica. A avaliação é extremamente positiva.

A melhorar está a gestão do tempo da aula, dado que faltou colocar, por escrito, a síntese da aula no caderno diário.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão
 Aula n.º 2/5

Ano: | Turma: 6º 1
 Data: 18/02/2020
 Tempo previsto: 50 min

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição			-Acolhimento aos alunos -Registo do sumário			.5 min	
Ética e Moral	<ul style="list-style-type: none"> Informação e comunicação Pensamento crítico e pensamento criativo Relacionamento interpessoal Desenvolvimento pessoal e autonomia 	<ul style="list-style-type: none"> Simbolismo da refeição Simbolismo do pão Simbolismo do azeite Simbolismo do vinho Simbolismo da água Simbolismo do cordeiro 	<ul style="list-style-type: none"> O professor divide a turma em 4 grupos homogéneos A cada grupo são entregues 6 páginas do livro (2 exemplares), para que as leiam e comentem internamente. Cada grupo ficará responsável por uma parte específica, sendo que todos os grupos trabalham a primeira página Através de um jogo digital (kahoot), testamos a compreensão leitora dos alunos. O professor fará as correções necessárias entre perguntas. O tempo para cada resposta é de 1 minuto, para ajudar na procura da resposta. 	<ul style="list-style-type: none"> Crítico/Analítico Respeitador da diferença/do outro Questionador Responsável /autónomo Comunicador 	<ul style="list-style-type: none"> Fotocópias das páginas do livro para cada grupo. Computador com acesso à internet Telemóvel pessoal 	<ul style="list-style-type: none"> 15 minutos 30 minutos 	<ul style="list-style-type: none"> Cumprimento das regras da sala de aula Motivação/interesse Atenção/concentração Realização das atividades propostas Observação direta

			<ul style="list-style-type: none">• Cada grupo pode jogar apenas com um telemóvel, facilitando assim o diálogo entre os alunos (o kahoot será colocado em “modo equipa”).• O grupo com maior número de pontos ganha o jogo e recebe um prémio, que partilhará com os colegas.• Como síntese, chegamos à conclusão que a melhor maneira de ganhar é partilhar.				
--	--	--	---	--	--	--	--

Descrição e avaliação da aula

Acolhimento e diálogo com os alunos: mais uma vez, e para facilitar uma relação de maior proximidade e conhecimento, o professor situa-se na porta de entrada da sala de aula, para assegurar que todos os alunos são recebidos com o maior respeito e singularidade.

Registo do sumário: a saber, O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.

Organização dos grupos de trabalho: o professor divide a turma em 4 grupos. A cada grupo são entregues 6 páginas do manual de Educação Moral e Religiosa Católica. Dado que nenhum aluno possui o manual, o professor providencia as fotocópias para que os alunos possam trabalhar. Cada grupo deve trabalhar as seis páginas que lhes foi oferecido, de forma a testar os seus conhecimentos através de um kahoot.

Kahoot: o professor, através de uma aplicação chamada kahoot, elabora um jogo didático, que potencia a aprendizagem dos alunos. Cada grupo pode jogar com um telemóvel. Sendo que cada pergunta contempla 1 minuto para responder, os grupos têm tempo para conversar e discernir a resposta mais adequada. O *modo equipa* da aplicação permite mais 5 segundos de tempo sem que seja possível responder, possibilitando o diálogo entre os membros do grupo. Enquanto se vai respondendo às perguntas, gera-se um diálogo interessante acerca das respostas certas e erradas, potenciando a aprendizagem.

Prémio: o grupo vencedor recebe uma caixa de chocolates, que contém 24 unidades. Sendo que na turma existem 24 alunos, o grupo vencedor partilha com os restantes membros da turma os chocolates. Assim, todos ficam a ganhar.

Avaliação da aula: os alunos sentiram-se motivadíssimos na preparação do jogo e na execução do mesmo. A assimilação de conteúdos deu-se de maneira fácil porque a motivação era grande. A quantidade de respostas certas foi elevada, porque os alunos estavam motivados para procurar e acertar. Outro ponto salutar foi a interdependência positiva que se gerou na turma, pois todos tinham um objetivo comum e trabalharam para alcançá-lo. O aspeto menos positivo, e que não dependeu dos intervenientes diretos, foi a falha técnica do computador da sala de aula. Dado que os alunos tiveram que jogar no computador do professor, e a visibilidade era reduzida, foi necessário um reajuste na dinâmica do jogo. Para que todos pudessem participar de forma mais plena, o professor acordou com os alunos voltar a realizar o jogo na aula seguinte, mas sem prémio. Esta alternativa proposta contou com o beneplácito da professora cooperante.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A Partilha do Pão

Aula n.º 3/5

Ano: | Turma: 6º 1

Data: 03/03/2020

Tempo previsto: 50 min

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
SUMÁRIO: Continuação do sumário da aula anterior.			-Acolhimento aos alunos -Registo do sumário			.5 min	
Ética e Moral	<ul style="list-style-type: none"> Informação e comunicação Pensamento crítico e pensamento criativo Relacionamento interpessoal Desenvolvimento pessoal e autonomia 	<ul style="list-style-type: none"> Simbolismo da refeição Simbolismo do pão Simbolismo do azeite Simbolismo do vinho Simbolismo da água Simbolismo do cordeiro 	<ul style="list-style-type: none"> O professor divide a turma em 4 grupos homogéneos A cada grupo são entregues 6 páginas do livro (2 exemplares), para que as leiam e comentem internamente. Cada grupo trabalhará todas as partes do documento Através de um jogo digital (kahoot), testamos a compreensão leitora dos alunos. O professor fará as correções necessárias entre perguntas. 	<ul style="list-style-type: none"> Crítico/Analítico Respeitador da diferença/do outro Questionador Responsável/autónomo Comunicador 	<ul style="list-style-type: none"> Fotocópias das páginas do livro para cada grupo. Computador com acesso à internet Telemóvel pessoal 	<ul style="list-style-type: none"> 15 minutos 30 minutos 	<ul style="list-style-type: none"> Cumprimento das regras da sala de aula Motivação/interesse Atenção/concentração Realização das atividades propostas Observação direta

			<ul style="list-style-type: none">• O tempo para cada resposta é de 1 minuto, para ajudar na procura da resposta.• Cada grupo pode jogar apenas com um telemóvel, facilitando assim o diálogo entre os alunos (o kahoot será colocado em “modo equipa”).• Depois do jogo, gera-se um diálogo sobre as vantagens e desvantagens do jogo em equipa• Como síntese, chegamos à conclusão de que “sozinhos vamos mais rápido, mas juntos vamos mais longe.”				
--	--	--	---	--	--	--	--

Descrição e avaliação da aula

Acolhimento e diálogo com os alunos: o professor garante que todos os alunos são recebidos com singularidade, cumprimentando cada um de maneira pessoal. O facto de o professor pronunciar o nome de cada um dos alunos gera um clima de confiança e maior abertura para a aula.

Registo do sumário: a saber: Continuação do sumário da aula anterior.

Organização dos grupos de trabalho: os grupos formados continuarão a ser os mesmos da sessão anterior, para fomentar uma relação mais próxima entre os alunos. É dado a cada grupo 5 minutos para reler e recuperar os conteúdos da sessão anterior.

Kahoot: através da aplicação kahoot, os alunos colocarão à prova os seus conhecimentos, mas também as suas capacidades e atitudes. As perguntas são as mesmas da sessão anterior, com uma ligeira diferença: a ordem das perguntas e das respostas está alterada.

Diálogo: no fim do jogo, gera-se um diálogo muito fecundo sobre a forma como jogámos. Na sessão anterior, a predominância foi colocada no grupo vencedor pois teria um prémio. Desta vez, a relevância não estava nos conteúdos, mas sim na atitude com que jogamos. Os alunos que desejaram puderam partilhar com a turma várias realidades: os motivos que os levam a ser mais “auto-suficientes” pois possuem mais capacidade de memorização; as dificuldades de dialogar em grupo, apesar de terem tempo para isso; o bom ambiente que se cria na turma quando todos competem sem um prémio final; as vantagens de jogar em equipa, dado que se complementam os conhecimentos; etc. Depois do diálogo moderado pelo professor, chegamos à conclusão de que *sozinhos vamos mais rápido, mas juntos vamos mais longe*.

Avaliação da aula: esta aula nasce em função de uma dificuldade encontrada na aula anterior, pois o computador da sala de aula não funcionou corretamente na sessão 2. No entanto, e em diálogo com a professora cooperante, decidimos reproduzir, não integralmente, a sessão anterior. Como professor procurei colocar maior incidência na dimensão da vivência do jogo, não tanto nos conteúdos adquiridos. Os alunos desfrutaram igualmente do jogo, ainda que sem o aliciante do prémio. Ainda assim, a ordem das perguntas e respostas foi alterada, de forma a medir a assimilação de conteúdos e o resultado foi elucidativo: os conteúdos foram assimilados, pois responderam corretamente a quase todas as perguntas. O diálogo que se gerou sobre a forma de viver o jogo também é deveras importante, pois os alunos foram capazes de ir ao mais profundo de si para dar razões da sua forma de estar, da sua forma de relacionar-se e da sua forma de viver a própria vida. Foram eles próprios, através do diálogo com os outros e com o professor, que se foram apercebendo das implicações quotidianas que a forma como vivemos

o jogo nos diz. *A forma como jogamos indica-nos a forma como vivemos*, dizia algum deles. Acreditamos que esta *terapia lúdica* também favorece a vivência do valor da fraternidade, pois permite respeitar a diferença e acolher o outro como complementar e necessário.

Como ponto a melhorar: a moderação do diálogo, pois os alunos estavam desejosos de participar e, por vezes, falavam sem ouvir devidamente o colega.



Planificação de Aula

Unidade Letiva: A partilha do pão

Aula n.º 4/5

Ano: | Turma: 6º 1

Data: 10/03/2020

Tempo previsto: 50 minutos

Domínios	Aprendizagens Essenciais	Conteúdos	Ações/Estratégias de Ensino orientadas para o Perfil dos alunos	Descritores do Perfil dos alunos	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
Acolhimento e Sumário			Acolhimento aos alunos Registo do sumário			.5 min	
<ul style="list-style-type: none"> Ética e Moral 	<ul style="list-style-type: none"> Informação e comunicação Pensamento crítico e pensamento criativo Relacionamento interpessoal Desenvolvimento pessoal e autonomia 	<ul style="list-style-type: none"> A fome e a subnutrição Falta e desperdício de comida Causas da fome: causas naturais e responsabilidade humana. 	<ul style="list-style-type: none"> Depois do registo no caderno diário, o professor explica que a fome é um problema que assola o nosso mundo. No entanto, e dado que estamos em Portugal, vamos ver como esta realidade se verifica no nosso país. Vamos assistir a um trecho do vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p8tWHOK7KEQ Posteriormente à visualização do vídeo, o professor forma cinco grupos e distribui, injustamente, o material pelos grupos. Cada grupo deve trabalhar com aquilo que lhe deram, pondo em prática a sua criatividade. 	<ul style="list-style-type: none"> Crítico/Analítico Respeitador da diferença/do outro Comunicador Criativo Questionador 	<ul style="list-style-type: none"> Caderno diário Cartolinas de várias cores diferentes Material diverso: tesouras, revistas, colas, marcadores... Computador e projetor 	<ul style="list-style-type: none"> 2 min 15 min 3 min 10 min 12 min 3 min 	<ul style="list-style-type: none"> Cumprimento das regras da sala de aula Motivação/interesse Atenção/concentração Realização das atividades propostas Observação direta

			<ul style="list-style-type: none">• Cada grupo deve elaborar um cartaz onde se reflita as causas da fome.• Na parte final da aula, cada grupo apresenta o seu cartaz.• Como síntese, chegamos à conclusão que a “injusta distribuição dos bens” acontece de maneira diária, mas pouco fazemos para mudar essa situação.				
--	--	--	---	--	--	--	--

Descrição e avaliação da aula

Acolhimento e diálogo com os alunos: sendo esta a quarta aula, os alunos já se sentem mais à vontade para partilhar alguma incidência pessoal quando cumprimentam o professor. O diálogo que se gera é mais profícuo e fecundo, pois a relação entre professor e alunos já quebrou alguns mecanismos de auto-defesa por parte dos mesmos.

Registo do sumário: a saber: A fome e a injusta distribuição dos bens.

Explicação do problema: depois do registo do sumário no caderno, o professor expõe brevemente – durante cerca de 2 minutos – o que é a fome e como este problema assola o nosso mundo. Aos alunos é dada a oportunidade de participar, proferindo quais as causas da fome no mundo atual.

Vídeo: ao professor compete a tarefa de ir aprofundando e aproximando os motivos da fome com a realidade mais próxima. Começamos por enunciar as causas mundiais, agora o vídeo vai ajudar-nos a centrar o olhar na realidade portuguesa. A fome deixa de ser um conceito abstrato, para passar a ser algo que se vê *estampado* no rosto de pessoas concretas, ainda que através de meios audiovisuais. Vemos um pequeno trecho do vídeo sobre a fome em Portugal.

Elaboração de cartazes: o professor divide os alunos em 5 grupos, para trabalharem cooperativamente. A cada grupo oferece uma cartolina e material diverso: marcadores, revistas, tesouras, cola, lápis de cor, etc. No entanto, e como se pretende que vivam uma experiência diferente e possam negociar, o professor oferece o material anteriormente citado de forma totalmente aleatória, sendo que algum grupo fica sem marcadores, revistas, etc. Sendo assim, é-lhes dada a possibilidade de negociar com outros grupos a troca de material. É nomeado um *negociador* por grupo, e este é o único aluno que pode mover-se pela sala visitando os outros grupos. O objetivo da dinâmica é que troquem material e partilhem entre eles, para que todos possam elaborar o melhor cartaz possível.

Apresentação: no final da atividade, cada grupo deve ter elaborado um cartaz com as causas da fome e dispõe de 2 minutos para o apresentar, apresentando também as dificuldades e facilidades da negociação com outros grupos.

Avaliação da aula: o objetivo da aula foi sumamente alcançado. Os alunos, na negociação que iam fazendo com outros grupos apercebiam-se da dificuldade de partilhar e oferecer aos outros o material que tinham, mesmo que lhes sobrasse. No diálogo entre

eles, internamente e com outros grupos através do negociador, iam apercebendo-se das causas da fome que estavam escritas no quadro, fruto da reflexão anterior. A vivência da atividade fê-los dar-se conta de que a injusta distribuição dos bens acontece em pequenas coisas do quotidiano.

A melhorar está a gestão do tempo, dado que não houve um momento para que pudessem apresentar os seus cartazes. A apresentação ficou adiada para a aula seguinte. No entanto, o facto de não terem apresentado não foi um fracasso, pois permitiu um maior aprofundamento da vivência, e esse era o objetivo.

4. A Prática de Ensino Supervisionada num contexto de Ensino à Distância

O mundo está assolado por uma pandemia. Esta realidade, apanhando desprevenida toda a população mundial, pois ninguém esperava tal fenómeno, levou ao encerramento das escolas em Portugal. Este encerramento foi decretado no dia 13 de março de 2020, entrando em vigor no dia 16 de março de 2020.

No entanto, e como é apanágio das instituições educativas, a escola teve de reinventar formas de continuar a educar, pois o mais importante da ação educativa é a aprendizagem dos alunos. E esta não deveria desaparecer, apesar do grave problema que tem abalado o panorama mundial nos últimos meses.

Com efeito, todas as escolas em geral, e a Dr. Francisco Sanches em particular, teve de elaborar um Plano de Ensino à Distância, que desse respostas às necessidades dos seus alunos, agora privados dos contactos sociais, tão necessários para o seu crescimento.

A rapidez da proliferação do vírus leva a uma panóplia de decisões tomada rapidamente: no dia 11 de março, a Organização Mundial da Saúde declara a doença de Covid-19 como pandemia, dado o elevado número de casos registados e o número de mortes derivado do vírus; no dia 13 de março, já anteriormente citado, é ditado o encerramento das escolas; o Estado de Emergência Nacional é decretado pelo Senhor Presidente da República no dia 18 de março de 2020.

Neste sentido, a Escola Dr. Francisco Sanches aprova em abril de 2020, o Plano de Ensino à Distância, onde constam os vários intervenientes da comunidade educativa e como será levada a cabo a prática pedagógica.

No que concerne à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, esta adotou a modalidade de aulas *assíncronas*, potenciando e permitindo uma maior autonomia e

responsabilidade pessoal por parte dos alunos. No documento cedido ao Professor-estagiário encontra-se a explicação e a elucidação do que se pretende com as aulas assíncronas:

“aquela que é desenvolvida em tempo não real, em que os alunos trabalham autonomamente, acedendo a recursos educativos e formativos e a outros materiais curriculares disponibilizados na plataforma de aprendizagem online ou por outros meios, bem como a ferramentas de comunicação que lhes permitem estabelecer interação com os seus pares e professores, em torno das temáticas em estudo; as sessões de #EstudoEmCasa (TV) constituem-se como um recurso a utilizar, nesta modalidade;”²⁴⁵

A professora cooperante, a Dra. Maria José Dias, procedeu à criação da turma do 6º1 na plataforma online *google classroom*, tendo convidado todos os alunos e o Professor-estagiário.

Quanto ao desempenho da turma do 6º 1, esta tem demonstrado uma boa capacidade de resposta às atividades propostas e, no geral, um acompanhamento das dinâmicas e práticas realizadas. No diálogo com a Professora-cooperante vislumbrávamos que nem tudo são aspetos positivos, pois vários Encarregados de Educação enviaram mensagens ao Conselho de Turma, através de email, alertando para a dificuldade de acompanhar os seus educandos. Esta realidade deve-se, em grande parte, à necessidade de manter o seu próprio trabalho e a dificuldade de conjugação com o tempo disponibilizado para acompanhar o seu educando. Os próprios Encarregados de Educação alertam para o facto de que os alunos estão a viver a situação com muita ansiedade e isso se revela prejudicial para o seu crescimento. Outro ponto detetado é a dificuldade que alguns alunos encontram no momento de enviar os trabalhos, pois a falta de acompanhamento gera desinteresse ou incapacidade na realização dos mesmos. Por último, convém referir que as duas alunas que têm acompanhamento com a professora de Educação Especial, estão a revelar também dificuldades para acompanhar o ritmo de trabalho.

No geral, e fazendo um balanço desta modalidade de ensino, percebe-se uma necessidade elevada do contacto social para o crescimento dos alunos. A dimensão humana dos conhecimentos, assim como as vivências e atitudes trabalhadas em sala de

²⁴⁵ Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, «Plano de Ensino à Distância (E@) no AEFS», 3.

aula, requerem da presencialidade para surtirem todos os seus efeitos. Os alunos são conscientes desta realidade, pois na sala de aula virtual iam partilhando as suas dificuldades e vontade de estar juntos, através de termos e palavras que evocam uma relação afetiva, não só académica.

O Professor-estagiário foi acompanhando todo o processo, assim como a elaboração dos trabalhos e respostas oferecidas pelos alunos.

5. Avaliação da Prática de Ensino Supervisionada

No momento de avaliar, de forma geral, a Prática de Ensino Supervisionada, torna-se imperativo um primeiro olhar ao contexto onde foi vivida. A Escola Dr. Francisco Sanches revelou ser um local ideal para a realização esta prática, pois ofereceu os meios, técnicos e humanos, para que a mesma decorresse da melhor forma possível. A receção que a Professora-cooperante nos ofereceu permitiu-nos sentir *em casa*, e ninguém duvida que esta experiência enriquece e estimula bastante para a tarefa à qual temos que corresponder. Desde o primeiro momento que todo o pessoal docente e não docente foram exemplares no tratamento oferecido a todos os Professores-estagiários. Isso revelou-se decisivo para que a Prática de Ensino Supervisionada fosse levada a cabo sem conflitos, mas com serenidade e apoio.

Um segundo olhar dirige-se à relação criada e estabelecida com a turma do 6º 1. De modo geral, revelaram ser alunos extraordinários, na partilha das suas vivências, na assimilação dos conteúdos, na participação nas atividades propostas, etc. Demonstraram ser alunos empenhados e esforçados, respondendo de maneira satisfatória a todas as solicitações e desafios. Ao realizar esta retrospectiva, apenas consta como aspeto menos positivo o facto de a relação presencial ter sido interrompida, fruto do encerramento das escolas. Destaca-se, sem dúvida, a primeira aula, onde a dinâmica de apresentação fomentou a partilha e vivência de experiências, consolidando o saber mais além dos conteúdos.

No que concerne à planificação, esta não ficou concluída com o número de aulas inicialmente previsto, que eram cinco. No entanto, e dada a programação sistemática e contínua, a quinta aula serviria para a conclusão e apresentação dos cartazes dos alunos, assim como para o diálogo acerca dos mesmos. Nesse sentido, ficou por realizar a conclusão do trabalho e a apresentação do mesmo.

A unidade letiva em questão – *A Partilha do pão* – consta de temas bastantes abstratos, ainda que reais e perceptíveis no quotidiano. Pretendemos que os alunos aprendessem através da experiência. Quisemos que os conhecimentos, capacidades e atitudes estivessem de tal maneira ligados, que fosse possível aos alunos vivenciar, ainda que de forma efémera, a dinâmica da fraternidade, e as formas de alcançar. Sendo apenas cinco aulas para alcançar esse objetivo, tentamos que estas contassem sempre com os seguintes ingredientes: explicação magistral que não dure mais de 5 minutos, contacto com a realidade, dimensão experiencial da aprendizagem através das atitudes e capacidades, recolha da vivência através do diálogo e partilha de experiências. Em suma, foi nossa opção que a fraternidade não fosse apenas um conceito, mas pudesse ser uma experiência.

CONCLUSÃO

Podemos afirmar que a fraternidade está na moda. No que concerne ao discurso sobre ela, não há dúvidas: sempre foi fonte e motivo de vária literatura e cultura. Mas, estará enraizada de tal forma no coração humano que permita erigir-se como um valor que oriente a nossa sociedade? A mais recente Carta Encíclica do Papa atual - *Fratelli tutti* – incide nesta questão de fundo: pode a fraternidade determinar os vínculos existentes entre os seres humanos, co-habitadores da casa comum? Se esta questão tem interpelado o Santo Padre, é evidente que a nós, também nos deve preocupar. Não por submissão aos interesses papais, mas pela comunhão originária do *sentir-se comunidade* de Jesus, animada pela Espírito Santo.

Com efeito, torna-se impossível que uma pessoa se diga cristã e se desvincule da relação comunitária, não vendo nela uma das mediações principais para o encontro com Deus. A dimensão fraterna e comunitária revela-se um canal propício para a relação do ser humano com Deus. O próprio Jesus deixou-nos a certeza desta forma de relação: “Um só é o vosso Mestre, e vós sois todos irmãos” (Mt 23,8). Esta afirmação lançada por Jesus torna-se dom e tarefa. Dom porque nos permite ver-nos como irmãos, não como competidores ferozes ou rivais. Revela-se, também, como tarefa, pois a fraternidade ainda está em caminho, em processo de construção.

Neste sentido, a fraternidade em construção evidencia-se, evidentemente, não nas palavras eloquentes acerca dos vínculos comunitários, mas na sequência *aproximou-se, viu-o, teve compaixão dele, curou e levou-o*. Este caminho é-nos relatado por Jesus, de maneira sublime, na parábola do bom samaritano (cf. Lc 10,25-37). Este texto elucidativo da fraternidade cristã é objeto de reflexão do Santo Padre e oferecido na Encíclica referida anteriormente. No capítulo 3 do nosso trabalho, debruçamo-nos sobre ele.

O primeiro capítulo do nosso relatório incidiu, como seria de esperar, na definição de fraternidade cristã, antropologicamente falando. Ou seja, não pretendeu ser um estado sacramental da fraternidade que nasce do batismo, mas uma experiência que se vive em forma de caminho, de descoberta processual. Descobrir-se criatura será sempre o primeiro passo, passando depois pelo crivo da relação com o Criador que se revela como Pai, e reconhecendo-se, por isso, com os outros seres humanos, irmão. É deste processo que nos fala o primeiro capítulo, oferecendo uma perspectiva antropológica, não apologético-sacramental. Com efeito, a perspectiva apologética, nos dias de hoje, parece fazer expulsar mais as pessoas, do que inclui-las no *sentir-se comunidade*.

O segundo capítulo procurou *abrir o apetite* acerca do terreno que espera o cultivo da fraternidade. Ou seja, não pretendeu ser uma explicação exaustiva do mesmo, mas uma aproximação, sempre parcial, da realidade atual da nossa sociedade. Os vínculos que se fomentam e trabalham na sociedade de hoje em dia, os valores que se promovem, as características que se valorizam... ajudam a entender o terreno onde *o semeador pode semear a fraternidade*, aludindo ao texto do Evangelho de Marcos (cf. Mc 4,3-9). Numa cultura onde os vínculos se tornam líquidos e as relações virtuais, muitas vezes, pode a fraternidade oferecer algo de consistente? Reconhecer no outro um irmão, em forma de processo, pode supor alguma estabilidade afetiva e, até, religiosa, que permita o crescimento são da pessoa?

O terceiro capítulo procurou dar resposta a estas inquietações, oferecendo pontos de encontro e diálogo. As bem-aventuranças, sem a referência explícita ao texto de Mateus (na sua explicação, evidentemente), erguem-se como plataforma ética e religiosa que permite que a fraternidade seja viável. Os Direitos Humanos, baseados na igualdade, liberdade e fraternidade, devem constituir um núcleo importantíssimo de luta pela dignidade inalienável de cada ser humano, mais além da sua opção religiosa. Ou seja, onde os Direitos Humanos são respeitados, existe a ética cristã na sua essência: promoção de cada ser humano, pois tem um valor infinito. O documento assinado em fevereiro de 2019, entre o Papa Francisco e o Grão Imame Al-Tayyeb, revela ser um marco importantíssimo na vivência religiosa atual. Na nossa sociedade, em muitos momentos, o nome de Deus tem sido utilizado para fomentar discursos de ódio e guerra. Podemos até afirmar que, em nome de Deus, se tem cometido alguns crimes abomináveis. Neste sentido, o documento “A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum” torna-se um instrumento na luta contra essas adulterações à ética religiosa. O contributo das religiões é muito importante para o diálogo respeitador e acolhedor da diferença. Se a paz é um objetivo comum, as religiões devem ser um aliado na construção, pois Deus quer a paz e não a guerra. Estão de acordo os dois líderes ao afirmar que a fraternidade é o caminho para o respeito de cada vida humana, coisa que Deus quer, e não o contrário.

O quarto capítulo debruçou-se, de maneira mais detalhada, sobre a Prática de Ensino Supervisionada, propriamente dita. Se a fraternidade é o princípio que deve reger as relações humanas, então a educação torna-se um meio propício para que essa proposta surta efeito. Não se trata de adoutrinar para a prática religiosa, mas de propor a ética cristã, fundamentada na fraternidade, como princípio de relação que permite a cada ser humano

dar o melhor de si, revelando e colocando em ação todas as suas potencialidades. Não há dúvidas: a forma como entendemos o ser humano, antropologicamente falando, vai determinar a forma como se educa numa sociedade. A educação tem um papel importantíssimo no crescimento e construção na vida de cada criança e jovem, por isso, uma educação sem base humanista pode fomentar a competitividade atroz e a rivalidade pouco sã, e não a colaboração e cooperação de uma sociedade mais justa e igualitária. Está nas mãos de muitos professores a forma como os futuros líderes mundiais entenderão o seu semelhante. Esta responsabilidade não deve fazer-nos, a nós professores, fraquejar nem perder o norte, mas alentar-nos para uma maior consciência das nossas práticas.

Neste sentido, procurei, nas aulas que tive oportunidade de planificar e lecionar, dar o melhor de mim, oferecendo uma experiência aos alunos. Muito se fala, na nossa sociedade, de que a escola deixou de ser a única fonte e transmissora de conhecimentos, porque os alunos acedem à informação, ainda que desajustadamente, das mais variadas formas. Então, a escola serve para quê? Para passar o tempo? A experiência destas quatro aulas que pude lecionar levam-me a crer que os professores são *modelos de referência* para os alunos e dessa responsabilidade não podem escapar. Todas as crianças e jovens necessitam referências com as quais crescer, e muitas dessas crianças e jovens, no seu ambiente familiar, não encontram essa estabilidade positiva. Oxalá a consigam encontrar na escola junto dos seus professores. Dar a resposta que cada um necessita é, também e sobretudo, a resposta mais fraterna que, como professores, podemos oferecer. Uma coisa é falar sobre a fraternidade e outra, completamente diferente, é que os nossos alunos revejam nos nossos atos aquilo que lhes estamos a propor. A educação é realmente uma arma muito poderosa. Usemo-la para a fraternidade.

BIBLIOGRAFIA

Magistério da Igreja

Catecismo da Igreja Católica. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.

Concílio Vaticano II. Constituição Dogmática *Dei Verbum* (18 de novembro de 1965).

_____. Constituição Dogmática *Lumen gentium* (21 de novembro de 1964).

_____. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (7 de dezembro de 1965).

Papa Bento XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate* (29 de junho de 2009).

_____. Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005).

Papa Francisco, *Cristo Vive. Christus Vivit* (25 de março de 2019).

_____. *Evangelii Gaudium. A Alegria Do Evangelho* (24 de novembro de 2013).

_____. *Fratelli Tutti. Carta Encíclica Sobre a Fraternidade e a Amizade Social* (3 de outubro de 2020).

_____. *Gaudete et Exsultate* (19 de março de 2018).

_____. *Louvado Sejas. Carta Encíclica Laudato Si'* (24 de maio de 2015).

_____. *Misericordiae Vultus* (11 de abril de 2015).

Papa João Paulo II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in Europa* (28 de junho de 2003).

Paulo VI, Papa. *Mensagem Para o IV Dia Mundial Da Paz* (1 de janeiro de 1971).

Bibliografia geral

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches, «Plano de Ensino à Distância (E@) no AEFS», 2020.

_____. «Projeto Educativo 2018-2022».

Alba Rico, Santiago. *Ser o no ser (un cuerpo)*. Barcelona: Ediciones Planeta, 2017.

- Ayllón, José Ramón. *10 ateos cambian de autobús*. 9a. Madrid: Ediciones Palabra, 2016.
- Béjar, Helena. *Identidades inciertas: Zygmunt Bauman*. Barcelona: Herder Editorial, 2007.
- Benedetti, Ugo. *L'interpretazione della laicità*. in *VV. AA. Laicità nella Chiesa*. Milão: Paulinas Editora, 1977.
- Bianchi, Enzo. *Abre o teu coração. A escuta*. Lisboa: Paulus Editora, 2013.
- . *Dom e perdão. Por uma ética da compaixão*. Braga: Editorial A.O, 2020.
- . *Procura os outros. A fraternidade e a esperança*. Lisboa: Paulus Editora, 2013.
- Bonhoeffer, Dietrich. *Vida en comunidad*. 6a. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1995.
- Born, Adrianus Van der. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971.
- Brás, Nuno. *Cenas de Deus. Retratos e coisas da vida*. Cascais: Princípia Editora, 2018.
- Carrón, Julián. *Onde está Deus?* 1a. Lisboa: Paulus Editora, 2020.
- Carvalho, Delmar Domingos de. *Solidariedade? Não e sim. Fraternidade? Sim*. Lisboa: Editorial Minerva, 2010.
- Catroga, Fernando. *Entre Deuses e césores. Secularização, laicidade e religião civil*. 2a. Coimbra: Edições Almedina, 2010.
- Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. *Identidad y misión del religioso hermano en la Iglesia*. Madrid: Editorial San Pablo, 2015.
- . *Vida fraterna em comunidade*. Braga: Editorial A.O, 1994.
- Correia, José Frazão. *A fé vive de afeto*. Águeda: Paulinas Editora, 2013.
- Couto, António. *Leitura do tempo em que vivemos*. Óbidos: Aletheia Editores, 2020.
- Cury, Augusto. *O mestre dos mestres. Jesus, o maior educador da história*. Alfragide: Lua de Papel, 2018.
- Diccionario Teológico Enciclopédico*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 1995.
- Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias, sem data.

- Eco, Umberto, e Carlo Maria Martini. *¿En qué creen los que no creen? Un diálogo sobre la ética en el fin del milenio*. 5a. Madrid: Ediciones Temas de hoy, 2000.
- Eizaguirre, José. *Todo confluye. Espíritu y espiritualidad en los movimientos altermundistas*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2015.
- Elorza, José Luis. *Drama y esperanza. Dios, conflicto y promesa*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2016.
- Epicoco, Luigi Maria. *Sal, não mel. Para uma fé que incendeie*. Lisboa: Paulus Editora, 2019.
- Francisco, Papa, e Ahmad Al-Tayyeb. *A fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum*. Abu Dabhi, 2019.
- Francisco, Papa. *Diferentes e Unidos. Com-Único Logo Existo*. Águeda: Paulinas Editora, 2020.
- Frankl, Viktor. *O Homem em busca de um sentido*. Alfragide: Lua de Papel, 2012.
- García, José A. *Ventanas que dan a Dios. Experiencia humana y ejercicio espiritual*. Cantabria: Sal Terrae, 2010.
- Garrido, Javier. *Soledad habitada. Notas espirituales*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2014.
- Grun, Anselm, e Tomás Halík. *Deshacerse de Dios? Cuando la fe y la increencia se abrazan*. Editado por Winfried Nonhoff. Santander: Sal Terrae, 2017.
- Halík, Tomás. *A noite do confessor. A fé cristã numa era de incerteza*. Águeda: Paulinas Editora, 2013.
- . *Paciencia con Dios. Cerca de los lejanos*. Barcelona: Herder Editorial, 2014.
- . *Quero que tu sejas. Podemos acreditar no Deus do amor?* Águeda: Paulinas Editora, 2015.
- Han, Byung-Chul. *La expulsión de lo distinto*. Barcelona: Herder Editorial, 2017.
- Hervieu-Léger, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Lisboa: Gradiva, 2005.
- Holland, Tom. *Dominio. Una nueva historia del cristianismo*. Barcelona: Ático de los

Libros, 2020.

Instituto superior de Pastoral. *Conversión personal, conversión pastoral. Vivir en cristiano en tiempos de incertidumbre*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2018.

Jeremias, Joachim. *Abba. El mensaje central del Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1981.

Kasper, Walter. *O Evangelho da família*. Lisboa: Paulinas Editora, 2014.

Keller, Timothy. *Falsos deuses. As promessas vazias de dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que importa*. Águeda: Paulinas Editora, 2012.

La Peña, Juan L. Ruiz de. *Imagen de Dios. Antropología Teológica Fundamental*. 5a. Santander: Sal Terrae, 1988.

Leandro, Maria Engrácia. «*Lógicas ultramodernas do sociétal e do religioso*». Theologica, 2012.

Lévinas, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2008.

Magalhães sj, Vasco Pinto de. *Só avança quem descansa. A sabedoria do tempo*. 6a. Coimbra: Edições Tenacitas, 2017.

Marina, José Antonio. *Porque sou cristão. Teoria da dupla verdade*. Lisboa: Edições Fim de Século, 2009.

Matteo, Armando. *A primeira geração incrédula. A difícil relação entre os jovens e a fé*. Águeda: Paulinas Editora, 2013.

Melloni, Javier. *El Cristo interior*. España: Herder Editorial, 2010.

———. *Sed de ser*. Barcelona: Herder Editorial, 2013.

Miró, Josep. *La sociedad desvinculada. Fundamentos de la crisis y necesidad de un nuevo comienzo*. Barcelona: Editorial Stella Maris, 2014.

Moral, José Luis. *Ciudadanos y cristianos*. Madrid: Editorial San Pablo, 2007.

Nolan, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. Águeda: Paulinas Editora, 2010.

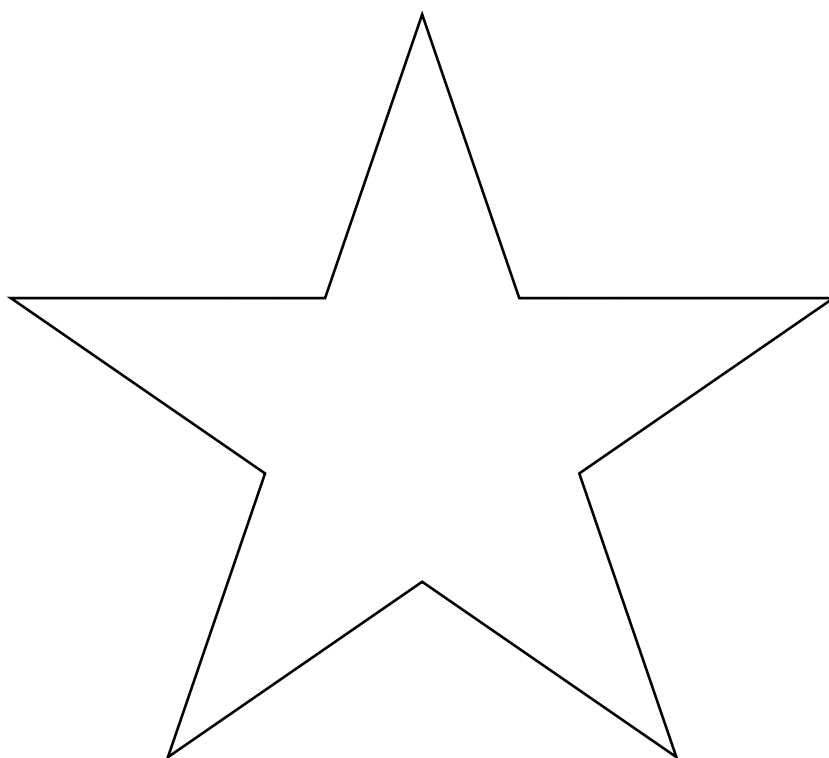
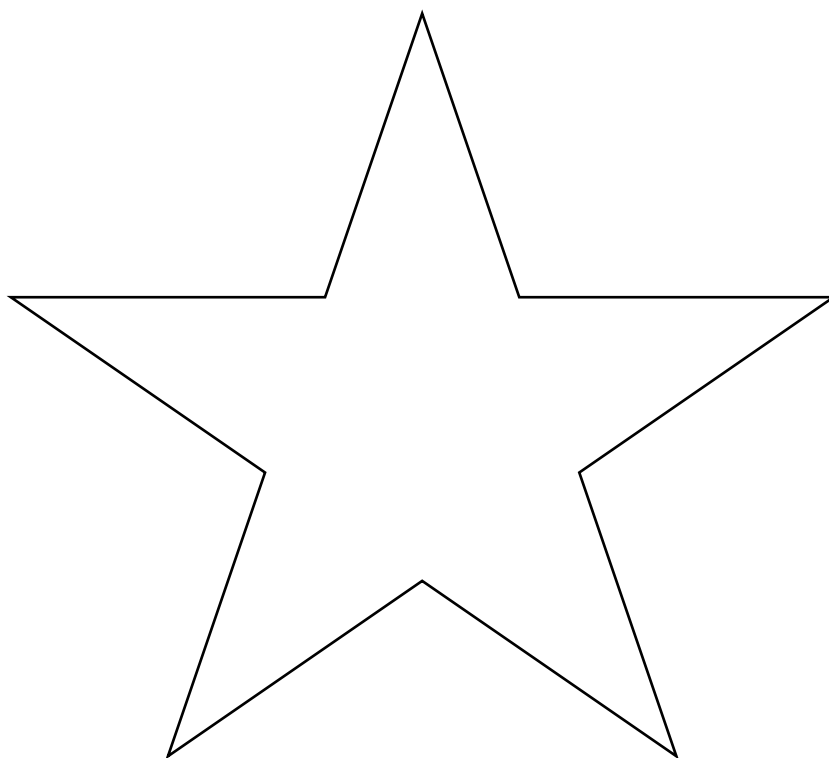
———. *Jesus hoje. Uma espiritualidade de liberdade radical*. 2a. Águeda: Paulinas Editora, 2009.

- Nouwen, Henri. *El regreso del hijo pródigo. Meditaciones ante un cuadro de Rembrandt*. Madrid: Editorial PPC, 1992.
- . *Tú eres mi amado*. 9a. Madrid: Editorial PPC, 2000.
- Nuevo Diccionario de Espiritualidad*. Madrid: Paulinas Editora, 1983.
- Olaizola, José María Rodríguez. *Bailar con la soledad*. 5a. Santander: Sal Terrae, 2018.
- . *En tierra de todos*. 3a. Santander: Sal Terrae, 2020.
- Palma, José Manuel. *Espiritualidad en las fronteras: La vivencia de lo sagrado en las rutas migratorias*. 2a. España: Ponto Rojo Libros, 2017.
- Pikaza, Xabier. *Abbá. Inmá. Historias de Dios en la Biblia*. Madrid: Editorial PPC, 2017.
- Rahner, Karl. *Dios, amor que desciende. Escritos espirituales*. Santander: Sal Terrae, 2008.
- Rahola, Pilar. *S.O.S Cristianos. La persecución de cristianos en el mundo de hoy, una realidad silenciada*. Barcelona: Editorial Planeta, 2018.
- Ratzinger, Joseph. *La fraternidad de los cristianos*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2004.
- Ravasi, Gianfranco. *Quem és tu Senhor? Encontros e desencontros com o homem que mudou a História*. Águeda: Paulinas Editora, 2011.
- Ricoeur, Paul. *Amor e justiça*. Lisboa: Edições 70, 2019.
- Santiago, Rui. *Estou em crer: conversas sobre o Símbolo dos Apóstolos*. Porto: Tipografia comercial, 2014.
- Santiago, Rui, e Susana Braguês. *Teologia da Beleza*. Porto: Engrenagem, 2011.
- Tolentino Mendonça, José. *A leitura infinita. A Bíblia e a sua interpretação*. Águeda: Paulinas Editora, 2014.
- . *A mística do instante. O tempo e a promessa*. Águeda: Paulinas Editora, 2014.
- . *O pequeno caminho das grandes perguntas*. 7a. Lisboa: Quetzal Editores, 2017.
- . *O que é amar um país. O poder da esperança*. Lisboa: Quetzal Editores, 2020.
- . *Pai-nosso que estais na Terra. O Pai-nosso aberto a crentes e não crentes*. 4a.

- Águeda: Paulinas Editora, 2011.
- . *Uma beleza que nos pertence*. Lisboa: Quetzal Editores, 2019.
- Torralba, Francesc. *Y, a pesar de todo, creer*. Madrid: Editorial PPC, 2018.
- Tuñí, Josep Oriol. *Jesús en comunidad. El Nuevo Testamento, medio de acceso a Jesús*. Santander: Sal Terrae, 1988.
- Varanda, Isabel. *Na noite mora a promessa. Uma espiritualidade para a vida comum*. Águeda: Paulinas Editora, 2014.
- Varillon, François. *A alegria de crer e de viver. Temas fundamentais da fé cristã*. 2a. Editorial A.O, 2013.
- Velasco, J. Martín, J. A. Pagola, J. Madariaga, O. A. Rodríguez Sobrino, e M. Vidal. *Humanización y Evangelio*. Editado por J. C Bermejo. Madrid: Editorial PPC, 2015.
- Ventura, Frei Fernando. *Roteiro de Leitura da Bíblia*. Lisboa: Editorial Presença, 2007.
- Ventura, Frei Fernando, e Joaquim Franco. *Do eu solitário ao nós solidário. Deus, o homem o mundo, numa conversa sem rede ou preconceitos*. Lisboa: Verso da Kapa, 2011.

ANEXOS

Anexo I



Anexo II

Kahoot! Upgrade now Create

Simbolismo da refeição e dos alimentos

0 favorites 5 plays 20 players

Play Edit

Questions (18) Show answers

- 1 - Quiz
Na cultura hebraica, os alimentos são...
60 sec
- 2 - Quiz
Que grupo seguiam um verdadeiro ritual durante as refeições?
60 sec
- 3 - Quiz
Em que livro aparece a "terra prometida" descrita como: "onde corre o leite..."
60 sec
- 4 - Quiz
Como se chama o pão caído do céu para alimentar o povo hebreu no deser...
60 sec
- 5 - Quiz
Como se chamava o pão sem fermento do Antigo Testamento?
60 sec
- 6 - Quiz
Nos evangelhos, quem é o novo maná (o pão da vida descido do céu)?
60 sec
- 7 - Quiz
O azeite simbolizava e servia para...
60 sec
- 8 - Quiz
Em que sacramentos está presente o azeite?
60 sec
- 9 - Quiz
Nas tradições judaica e cristã, a oliveira simboliza...
60 sec
- 10 - Quiz
O vinho simboliza...
60 sec
- 11 - True or false
O vinho é frequentemente associado ao sangue
30 sec
- 12 - Quiz
Na simbologia bíblica, a videira simboliza...
60 sec



13 - Quiz

Como se chama a água que está colocada na pia batismal?



14 - Quiz

Que religiões falam da água como fonte da vida?



15 - Quiz

A água simboliza...



16 - True or false

O cordeiro é o símbolo mais recente da Páscoa...



17 - Quiz

O cordeiro simboliza...



18 - Quiz

Para os cristãos, o cordeiro de Deus (Jesus)...

